LEGIÃO • GWAR • SUGAR • DEFALLA • DR. SIN • SHABBA RANKS

BIZZ

EDITORA AZUL

PINK FLOYD
Roger Waters no entrevistão

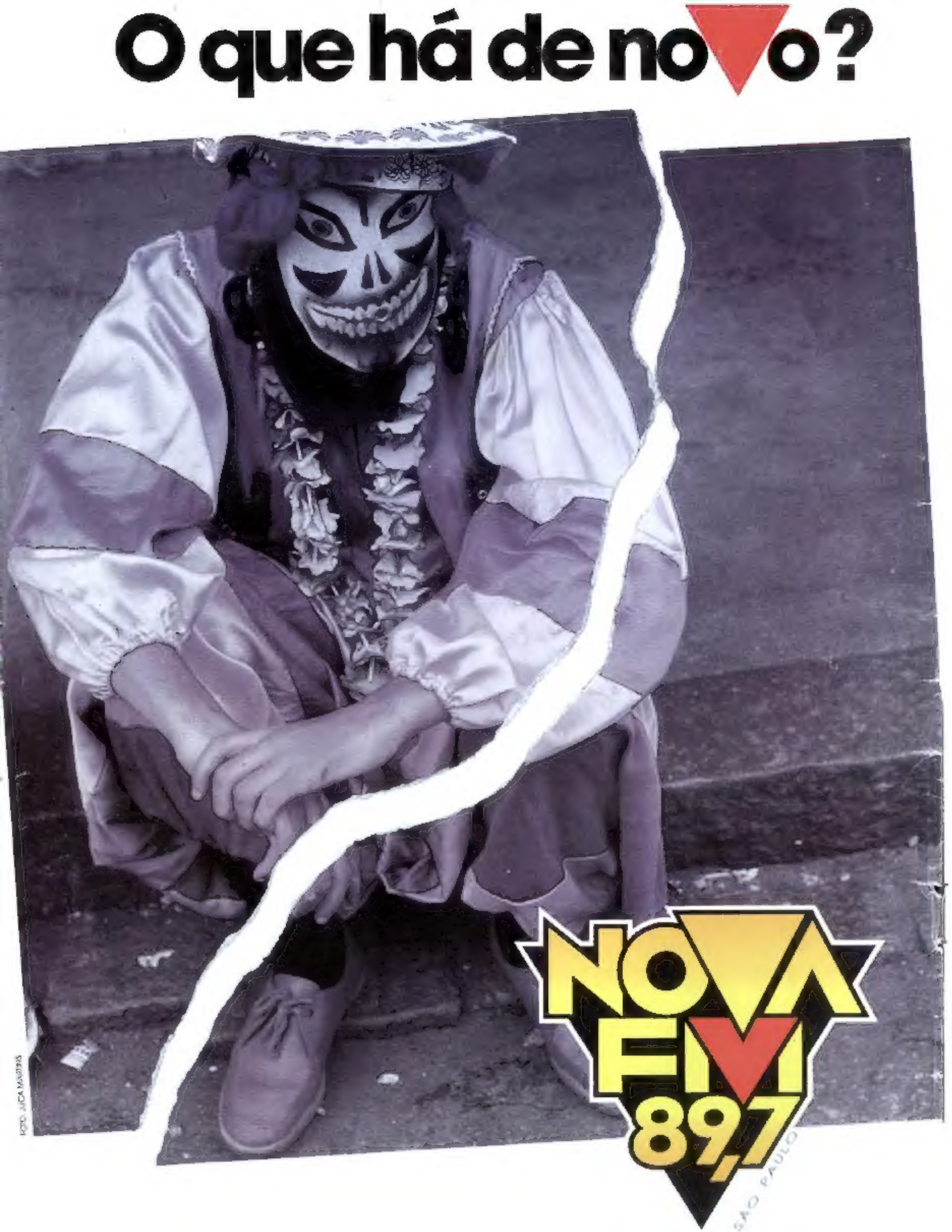
GUNS NO BRASIL
por trás das polêmicas

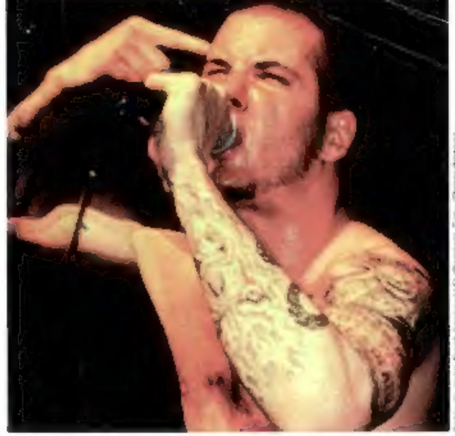
ARRESTED DEVELOPMENT
rap-revelação

MUDHONEY
nem ai com Seattle

PANTERA
uma entrevista furiosa com a banda que fundiu punk e metal

5561 • FEVEREIRO • 1993 • ANO 09 • Nº 02 • EDIÇÃO 91 • Cr$ 65.000,00





Pantera. Se você nunca ouviu falar, saiba: há pelo menos uns seis meses esse é um dos nomes mais comentados do rock. Com razão: muito pouca gente conseguiu casar tão bem o ataque do metal e a consciência punk.

Se você conhece e gosta, talvez não saiba que o Pantera já foi só mais uma bandinha de heavy metal baba *à la* Dokken ou Poison – fase retratada nos discos *Metal Magic*, *Projects In The Jungle* e *I Am The Night*. A saída da obscuridade se deve basicamente a um elemento: o vocalista Phil Anselmo. Sua entrada no lugar de Terence Lee virou a banda de cabeça para baixo. Já o primeiro álbum com a nova formação, *Cowboys From Hell*, garantiu a eleição do Pantera como Melhor Banda Nova em 91 no *Concrete Foundations Forum*, a mais importante convenção de metal dos EUA.

Por tudo isso – e principalmente pelo puro impacto do mais recente álbum da banda, *Vulgar Display Of Power* – é que apostamos no Pantera. Decida você mesmo se eles merecem estar na capa da BIZZ na entrevista da pág. 16.

MUDHONEY

6 **SHOWBIZZ** Stones reaparecem aprontando

12 **FAST FORWARD** Sugar, DeFalla

22 **MUDHONEY** Os palhaços do grunge

26 **GUNS NO BRASIL** Polêmicas, palhaçadas e um puta show

31 **ENTREVISTÃO** Roger Waters e a caixa de CDs do Floyd

40 **ARRESTEDDEVELOPMENT** Rap da roça

42 **AO VIVO** Gwar, Ned's, Television

46 **DANCE MUSIC** A morte de um super DJ

48 **CONEXÃO BRASIL** Especial Reggae Maranhão

50 **JUKEBOX** Wanda Jackson

51 **DISCOS** Legião Urbana e o novo rock inglês

56 **CD** Os blues da Alligator e B.B.King

60 **PARADA** Os mais-mais deste mês

61 **VÍDEO** De Abba a Guns N'Roses

62 **LETRA** "Trout", Neneh Cherry

64 **CARTAS**

66 **DISCOTECA BÁSICA** *Everybody Knows This Is Nowhere*, Neil Young

É melhor você começar a ler o Estadão.

Recorte e dê para aquele seu cunhado que só fala de futebol.

Se existe uma coisa tão chata quanto a falta de assunto, essa coisa se chama falta de outros assuntos. Quem lê o Estadão está preparado para mais de 90 minutos de conversa: bastidores da política, reviravoltas da economia, negócios, moda, turismo, cultura e tudo aquilo que está acontecendo de interessante no momento. Até futebol. Na próxima vez que alguém vier com o mesmo papo pela décima quinta vez, mostre que você também é fanático por outros assuntos: dê um cartão vermelho.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Happy Mondays: prometidos para março

QUEM VEM POR AÍ

A poeira do Hollywood Rock nem assentou direito (evidentemente só vai assentar mesmo quando a BIZZ soltar seu veredito final e entrevistas exclusivas no mês que vem) e lá vem aquela tradicional lista de começo de ano: bandas gringas que devem tocar no Brasil.

O **Duran Duran** (cujo single "Ordinary World", o primeiro do novo álbum, escala rápido a parada americana) vai tocar no fim de março no Chile e Argentina. Conseqüentemente, boas chances de uma esticada ao Brasil. O **EMF** já tem datas marcadas: Maracanãzinho (Rio), 20/3; Ibirapuera (São Paulo), 21/3; Mineirinho (Belo Horizonte), 23/3; e Gigantinho (Poa), 24/3. O grupo também vai passar por México, Venezuela, Colômbia, Uruguai e Argentina. Periga ser acompanhado nas datas pelos **Happy Mondays**.

A dúvida maior agora é o **Ministry**. Ligamos lá para a Megaforce – que agencia os shows dos monstrengos – e ninguém sabe de nada. "Mas tudo pode acontecer, essa banda é louca e define tudo em cima da hora", foi o que disseram.

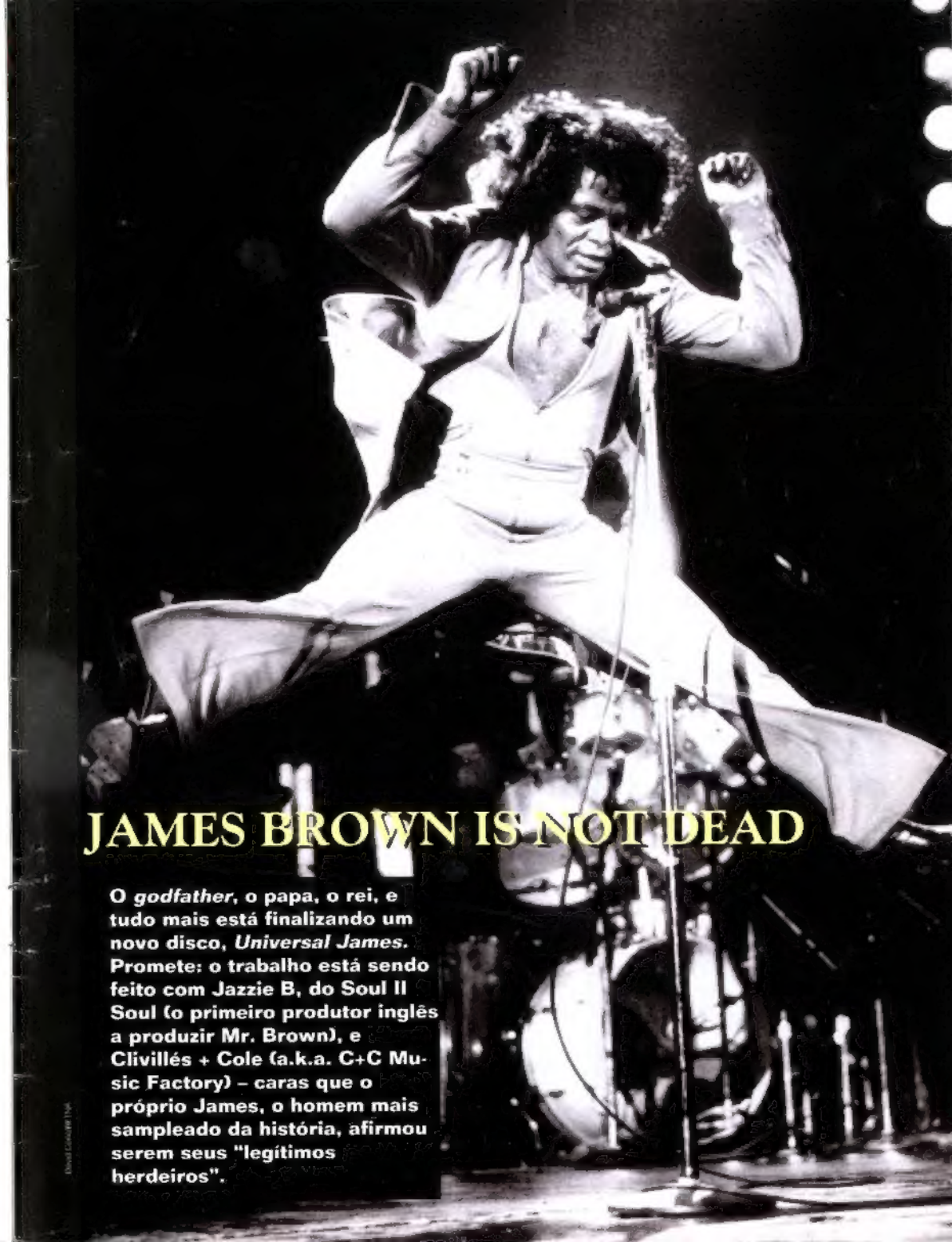
TITÃS GRUNGE, ARNALDO SOLO

Arnaldo Antunes – chorem, fãs, é verdade – deixou os Titãs. Os motivos não foram divulgados, mas a banda garante que foi tudo numa boa. Tanto que se separaram mas continuaram trabalhando juntos, em estúdio. O próximo disco dos Titãs deve ser produzido por Jack Endino (que fez *Bleach*, do Nirvana) – por sinal, mais barato que Liminha.

Nos tempos do trenzinho

POLICE DE VOLTA!

Mas só para um single. Sting, Andy Summers e Stewart Copeland, conhecidos nos anos 80 como o trio The Police, se reuniram para gravar uma faixa dance, "Why Don't You Answer". Para complicar a brincadeira, eles adotaram o nome de Eberhard Schoener Dance Society. Dizem aí que na Europa a música já pegou em várias pistas. É verdade? É mentira.



JAMES BROWN IS NOT DEAD

O *godfather*, o papa, o rei, e tudo mais está finalizando um novo disco, *Universal James*. Promete: o trabalho está sendo feito com Jazzie B, do Soul II Soul (o primeiro produtor inglês a produzir Mr. Brown), e Clivillés + Cole (a.k.a. C+C Music Factory) – caras que o próprio James, o homem mais sampleado da história, afirmou serem seus "legítimos herdeiros".

AGITO NOS ESTÚDIOS

Uma geral nos lançamentos, gravações e projetos estourando neste começo de 93

Nirvana e a banda "brother" **Jesus Lizard** realizam uma idéia antiga lançando um compacto a dois. De um lado, a inédita "Oh, The Guilt", do Nirvana. Do outro, "Puss", também presente no LP *Liar*, do Jesus Lizard. Item de colecionador. O próximo disco dos **Melvins** será produzido por Kurt Cobain. Enquanto isso, ele grava participações no disco falado do escritor William Burroughs.

Álbuns novos de **Dinosaur Jr.**,**Waterboys**, **Patti Smith**, **Elvis Costello**, **Aerosmith** (*Get A Grip*), **10,000 Maniacs**, **Stone Roses**, **Aztec Camera**.

Setor revelações: o elogiado **Pavement** sai em março com o novo *Westing (By Musket And Sextant)*. E a badalada **PJ Harvey** lança *Rid Of Me*, em abril.

Pavement

Dinosaur Jr.

A ex-vocalista do Sugarcubes, **Björk**, solta *Björk's Affairs*, em maio.

Iggy Pop está no estúdio de Daniel Lanois (U2, Peter Gabriel) gravando. Seu novo álbum, para abril/maio, terá participação de **Henry Rollins**.

Este mês sai *Pure Cult*, coletânea do **Cult**. Para acompanhar, "She Sells Sanctuary", seu maior hit, é relançada como single com vários remixes, incluindo os de Butch Vig, Youth e Jim Foetus.

Quem anda trabalhando junto é o ex-**KLF** Bill Drummond e Ian McCulloch, ex-**Echo & The Bunnymen**. O que virá?

Maiden maníacos, regozijai-vos! A "donzela de aço" entra 93 com dois discos ao vivo, *Live After Death* e *A Real Live One*, gravados durante a turnê de *Fear Of The Dark*, na Europa.

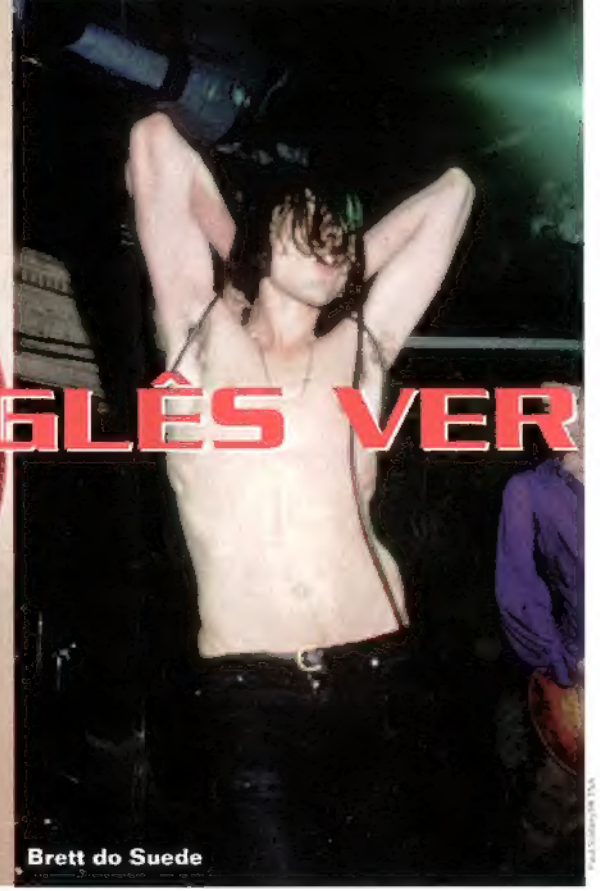
Fazendo alguma coisa no estúdio: **Lenny Kravitz**; **Bryan Ferry**.

Eddie Murphy e **Shabba Ranks** acabam de lançar o dueto "I Was The King", do novo disco de Eddie (é o segundo).

John Paul Jones, ex-Led Zeppelin, produziu o LP *Independent Worm Saloon*, último dos texanos alucinados dos **Butthole Surfers**. É o primeiro deles por uma *major*, a Capitol.

Finalmente: o **Kiss** está lançando continuação de um dos maiores "ao vivo" da história: *Alive III*, comemorando o vigésimo aniversário da banda.

Evan dos Lemonheads



Brett do Suede

PARA INGLÊS VER

Suede e Lemonheads são as novas bandas queridinhas da imprensa inglesa. É difícil encontrar algo menor que "revelação do ano", "melhor banda nova" etc. quando os críticos de lá se referem a eles. Além disso, os vocalistas dessas bandas, Brett Anderson (S) e Even Dando (L), são os símbolos sexuais do momento por lá. *Showbizz* pergunta: a) se o som deles é nada mais que uma sub-derivação do grande indie pop de guitarra dos Smiths e b) se qualquer um, digamos, Jesus Jones, tem mais pinta que esses dois, por que o bochicho?

OUÇA ESSA

"O irônico é que eu usei um teleprompter enquanto os garotos sabiam todas as porras das letras."
Ozzy Osbourne dando uma de Cid Moreira no seu show-reunião com o Black Sabbath

"É uma foto artística e nem um pouco pornográfica. Ela nunca decepcionaria seus fãs jovens."
Porta-voz da **Kylie Minogue** sobre uma foto recente da cantora, praticamente nua

"Eu achava que ele era um babaca porque ele era tão sacana comigo, mas isso me fez gostar dele mais ainda."
Courtney Love explica seu *affair* com Kurt Cobain e ainda dá aula de romance grunge

MELHORES DO ANO

É hora de saber o que as grandes revistas de música dos EUA e Inglaterra andaram considerando os melhores discos e singles de 92. Os Melhores do Ano da BIZZ só vamos saber depois de contar todos os votos que vocês mandaram, ou seja, só sai em abril!

THEFACE

ÁLBUNS
3 Years, 5 Months And 2 Days... **Arrested Development**
Music **Omar**
Bloodsugarsexmagik **Red Hot Chili Peppers**
Invaders Of The Heart **Jah Wobble**
Praise **Inner City**

SINGLES
"When You Gonna Learn" **Jamiroquai**
"People Everyday" **Arrested Development**
"Sexy MF" **Prince**
"Cantaloop" **US3**
"Revival" **Martine Girault**

MELODYMAKER

ÁLBUNS
Automatic For The People **R.E.M.**
Slanted And Enchanted **Pavement**
Hypocrisy Is The Greatest Luxury **The Disposable Heroes Of Hiphoprisy**
Red Heaven **Throwing Muses**
Eleven **Come**

SINGLES
"The Drowners" **Suede**
"Sheela-Na-Gig" **PJ Harvey**
"Taillights Fade" **Buffalo Tom**
"Metal Mickey" **Suede**
"Fast Piss Blues" **Come**

ENTERTAINMENT

ÁLBUNS
Dirty **Sonic Youth**
3 Years, 5 Months & 2 Days... **Arrested Development**
Homebrew **Neneh Cherry**
99.9 °F **Suzanne Vega**
History **Loudon Wainwright III**

SINGLES
"Under The Bridge" **Red Hot Chili Peppers**
"Just Another Day" **Jon Secada**
"One" **U2**
"Pretend We're Dead" **L7**
"Finally" **Ce Ce Peniston**

BILLBOARD

(mais vendidos EUA)
ÁLBUNS
Ropin' The Wind **Garth Brooks**
Dangerous **Michael Jackson**
Nevermind **Nirvana**
Some Gave All **Billy Ray Cyrus**
Achtung Baby **U2**

SINGLES
"End Of The Road" **Boyz II Men**
"Baby Got Back" **Sir Mix-A-Lot**
"Jump" **Kris Kross**
"Save The Best For Last" **Vanessa Williams**
"Baby Baby Baby" **TLC**

MUSIC WEEK

(mais vendidos GB)
ÁLBUNS
Stars **Simply Red**
Back To Front **Lionel Richie**
Cher's Greatest Hits **Cher**
Glittering Prize 81-92 **Simple Minds**
Dangerous **Michael Jackson**

SINGLES
"I Will Always Love You" **Whitney Houston**
"Rhythm Is A Dancer" **Snap!**
"Would I Lie To You?" **Charles & Eddie**
"Stay" **Shakespears Sister**
"Please Don't Go" **KWS**

NME

ÁLBUNS
Copper Blue **Sugar**
Automatic For The People **R.E.M.**
Lazer Guided Melodies **Spiritualized**
It's A Shame About Ray **Lemonheads**
Henry's Dream **Nick Cave And The Bad Seeds**

SINGLES
"The Drowners" **Suede**
"Sheela Na Gig" **PJ Harvey**
"Motorcycle Emptiness" **Manic Street Preachers**
"Creep" **Radiohead**
"Drive" **R.E.M.**

KERRANG!

Dirt **Alice In Chains**
The Southern Harmony And Musical Companion **The Black Crowes**
Blues For The Red Sun **Kyuss**
Ten **Pearl Jam**
Psalm 29: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs **Ministry**

AS AVENTURAS DOS STONES

Deu até no *Fantástico* que Bill Wyman saiu dos Stones (embora o fato já tenha sido anunciado várias vezes nos últimos quinze anos). Mas o que aconteceu depois? Bem, Wyman está fundando seu próprio selo. O primeiro lançamento será um single da banda Fabulous, uma cover de "Get Off My Cloud", dos Stones. Enquanto isso, Doug Wimbish (*foto*), ex-Tackhead e atual Living Colour, está sendo cotado para assumir a posição.

Mais Stones, e não podia ser mais Stones. Excursionando solo pela primeira vez na Inglaterra, Keith Richards aprontou uma federal. Quando um DJ começou a folgar na cara do velhinho, Keith puxou um berro da jaqueta e enfiou na cara do folgado. Depois explicou: "moro em Nova York, pô, tenho que andar armado mesmo. Foi só uma brincadeirinha inocente".

PROMOÇÃO

"EU QUERO LEVAR MADONNA PRA CASA"

Os seguintes sabidos receberão 5 livros Sex e coleções de discos da Madonna pelo Correio.

ODAIR JOSÉ SPIRANDELI — S.Paulo, SP
ROBSON ANDRÉ TEBINKA — Imbituva, SP
PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA — Brasília, DF
CLAYTON A. RODRIGUES — Jacareí, SP
GINEIDSON ARAÚJO ALVES — Salvador, BA

sugar

À frente de sua nova banda, o ex-líder do "seminal" Hüsker Dü ressuscita para o rock e emplaca um dos melhores discos da temporada

renovação

Tesão

Metade do rock atual copia o Hüsker Dü. Quando você ouvir falar em "punk acessível" ou "power pop", lembre-se de Bob Mould (vocal e guitarra), Greg Norton (baixo) e Grant Hart (bateria). Dinosaur Jr., Lemonheads e Superchunk que o digam.

Depois de nove álbuns, o HD encerrou suas atividades. Mould lançou dois discos solo, *Workbook* (88) e *Black Sheets Of Rain* (90). O primeiro é quase todo acústico e o outro só arranha o poder pop de suas criações com o antigo grupo.

E agora, fazer o quê? Continuar vivendo da fama do Hüsker Dü ou partir para uma vida nova? Mould arriscou uma segunda tentativa... E se deu bem.

No início deste ano ele chamou os amigos David Barbe (baixista, ex-Mercyland) e Trevor Barbe (ex-baterista dos Zulus) e fundou o Sugar. A famosa "química" deu resultado: em poucos meses estava pronto o repertório para o disco *Copper Blue*.

Apesar de lançado por uma gravadora independente (a Rykodisc), o álbum escalou sem problemas as paradas alternativas. Ficou várias semanas em número um e fechou o ano com mais de trezentas mil cópias vendidas.

A crítica endeusou o novo trabalho de Mould: a revista *Spin* chamou o disco de "impecável". Os leitores do *New Musical Express* o elegeram melhor álbum de 92, à frente de pesos pesados como Sonic Youth, Ministry e Pavement.

Nada poderia tirar o bom humor de Mould – exceto as inevitáveis comparações com seu trabalho no Hüsker Dü. "Toda vez que eu ligar meu amplificador e soltar um acorde bem barulhento, vão dizer que parece com o Hüsker Dü", reclama. "As pessoas sempre estão procurando a maneira mais simples de classificar seu trabalho. E não existe nada mais fácil do que compará-lo com coisas que você já fez."

Parecido ou não com o Hüsker Dü, a verdade é que *Copper Blue* tem dez faixas perfeitas, enxutas, feitas para se cantar junto. Só o Pixies é capaz de criar gemas pop-punk tão "Beatles-1964-encontra-a-distorção".

A melhor faixa de *Copper Blue*, "A Good Idea", é Pixies puro: uma levada de baixo meio surf, pontuada por ataques repentinos de microfonia e um vocal gritado. As outras não ficam muito atrás: o single "Helpless", "If I Can't Change Your Mind" e "The Act We Act" são de tirar a respiração e lamentar quando o disco chega ao fim.

Com o sucesso de sua nova banda, Mould parece ter recuperado o tesão pelo rock. Num show no Palladium, em Los Angeles, ele provou seu poder de fogo: a aparentemente inofensiva Fender Stratocaster, pintada em tom azul-bebê, soltou acordes de octanagem poucas vezes igualado. Os *stage divings*, tão comuns na época do Hüsker Dü, voltaram com força redobrada. Em meio à barulheira do Sugar, ninguém da platéia se lembrou de pedir nenhuma música do Hüsker Dü. Só bandas em decadência precisam viver do passado. *ANDRÉ BARCINSKI*

Steve Double/Retna

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Em **Incesticide**, o **NIRVANA** desarma a expectativa sobre o disco novo (sacaneando a Sub Pop), antes de seu lançamento. Mas o punhado de lados B, restos e covers desenterradas valem sua grana. *A.F.*

BOB DYLAN + violão + gaita = **Good As I Been To You**. Uma equação simples para um álbum de primeira, onde Mr. Zimmerman dá uma aula de emoção interpretando canções tradicionais. *C.P.*

O **EARTH, WIND AND FIRE** dispensa apresentações (OK, algo como os Rolling Stones do pop negro, serve?). **Monsters Of Funk** é o melhor *portfolio* de mais de vinte anos de carreira, com soul de arena, disco-funk, muito pop e mais de oitenta hits. *C.R.*

Todo mundo já sabe que **PAULINHO DA VIOLA** é o grande cara da MPB. Até o Humberto Gessinger. A série *2 em 1* traz em um CD os discos **Nervos de Aço** (73) e **Paulinho da Viola** (78). Clássico em dose dupla. *R.C.*

Qual vai ser a banda brasileira de 93? Confira no CD de estréia do **SKANK**. Dancehall e reggae explosivo, de levantar cadáver. *C.E.M.*

De volta ao futuro

Retomando o rumo funky, o DeFalla quer estourar em 93

Nus. Pelados... nuzinhos, de mão nos violões que servem como tapa-sexo. Ou, como ficaria melhor para o DeFalla, "tapa-picas" mesmo! Só para manter as aparências, claro.

O vídeo, baseado em um *storyboard* desenhado por Edu K, foi rodado em Porto Alegre, no dia 4 de janeiro, onze dias antes do grupo fazer a abertura do Hollywood Rock. A música escolhida para o novo clip foi "It's Fuckin' Borin' To Death", em versão renovada, que foi incluída no mais recente disco do grupo, *Kingzobullshit*.

Sentados em uma *fast food* defronte à Prisma, a produtora do clip, o que menos conta para Edu K, Flávio Santos, Castor Daudt e Fornazier é a comida, mas a cerveja bem gelada... E projetos para o ano novo? Gargalhadas gerais ecoam.

Antes do Hollywood Rock, o quarteto, com sete anos de estrada, parecia interessado em um show para impressionar. Até convocaram Vicente Rubino — que está lançando um selo de dance music e aparentados em Porto Alegre (By Records) e fez a pré-produção de *Kingzobullshit* — para coordenar os ruídos eletrônicos ao vivo.

O material extra para a versão em CD do álbum também estava sendo preparado em princípios de janeiro pelo grupo enquanto pensavam na possibilidade de novos e mais constantes shows em 93. "Eu fico de cara quando olho bandas como o Nenhum De Nós fazendo uma porrada de shows por ano. Era um grupo que abria shows para a gente um tempo atrás", lamenta Castor, baterista e guitarrista do DeFalla.

O grupo entra mais um ano nuzinho, pelado... Nu com a mão no bolso... vazio. Mas sabendo que a inclusão no Hollywood Rock, de última hora, foi um belo presente de Natal, que pode render muito nesse 93. Que pode mesmo ser um feliz ano novo para eles. *JIMI JOE*

Flores e espinhos

Com baladas e hard rock, o Rosa Tattooada ganhou o público dos Guns

A rapaziada do Rosa Tattooada está rindo à toa. Finalmente começam a colher os frutos de quatro suados anos de carreira, onde insistiram num estilo até então menosprezado pelas *majors* e ridicularizado pelos roqueiros mais radicais: um hard rock melodioso com visual "garotas, chegue!".

Jacques Maciel (voz e guitarra), Paulo Cássio (guitarra), Eduardo Rod (baixo) e "Beat" Barea (bateria) não têm do que reclamar. Seu disco de estréia, pela gravadora independente gaúcha Nova Idéia, vendeu perto de dez mil cópias, só no mercado local. "O Inferno Pode Esperar" encabeçou as *playlists* das FMs gaúchas e catarinenses por quase um ano.

Pelas mãos de Thedy Corrêa, cantor e baixista do Nenhum de Nós — também produtor dos dois discos do RT e autor de "O Inferno..." —, eles chegaram à Sony. A gravadora não pestanejou em investir no segundo álbum do grupo, que mistura regravações de oito faixas do primeiro disco com inéditas como "Voando Baixo" e "Onde Morrem Os Anjos".

No meio das gravações, ficaram sabendo que tinham sido escolhidos para abrir os shows do Guns. "No início não ficamos a fim. Até que nos garantiram que teríamos todas as condições básicas para fazer um bom show", diz Paulo Cássio.

O fim da novela, todo mundo já sabe. A galera vibrou com o som detonado pelo grupo e até mesmo Duffy McKagan, o baixista do Guns, se ligou na apresentação dos caras. "Great show!", sentenciou. *C.E.M.*

Bonitinhos, mas competentes

O Dr. Sin foi a Nova York para descolar um disco com distribuição mundial

Escalado para abrir a noite do Nirvana no Hollywood Rock sem ainda ter um disco, o Dr. Sin tem longa ficha no circuito paulista.

Filhos de um jazzista croata radicado em São Paulo, Andria e Ivan Busic formaram a cozinha das bandas Platina, Cherokee (lançadas pela *indie* Baratos Afins), e Taffo. Ivan tocou na Chave Do Sol e o passatempo do guitarrista Eduardo Ardanuy (também ex-Chave Do Sol e Anjos Da Noite) é tirar solos de Yngwie Malmsteen. Foi na gravação do álbum solo de Eduardo — nos moldes daqueles discos instrumentais de guitarristas — que nasceu o Dr. Sin. Os três também foram convidados a tocar no disco e na turnê de Supla. Até Ian Gillan pensou em contratá-los.

Com dinheiro contado, embarcaram para Nova York com suas demos. Fizeram quatro shows em clubes e John Hugles, um diretor da Warner, ficou fissurado no som do grupo e deu o toque para a filial brasileira. Depois de abrir os shows de Gillan em São Paulo, o Dr. Sin fechou um contrato mundial que prevê um disco que deve sair até maio por aqui, nos EUA, Europa, Japão e Austrália. Da lista de produtores apresentada a eles, o trio sugeriu Ted Templeman (Van Halen), Bob Rock (Metallica) e Gene Simmons (baixista do Kiss).

O som do Dr. Sin é um hard rock pesado, mas também melódico e bem tocado. Só não os chame de *poseurs*: "Todos estes carinhas que se dizem fodidos não agüentam um minuto numa briga comigo", desafia Andria. *JOÃO RICARDO LIMA*

Como uma banda de covers caipira se transformou numa das mais poderosas máquinas do metal (hardcore? thrash? punk?)

PANTERA

TERROR TEXANO

Estou encalacrada na sala de conferências da gravadora, esperando pelo Pantera – recém-chegado de uma longa noite em Atlantic City e de uma muito mais longa e produtiva turnê com o Skid Row.

Pantera – Philip Anselmo, vocal; Diamond Darrel, guitarra; o baixista Rex e o baterista Vinnie Paul – estão em cima, apesar do detono noturno. Fazem zona em volta da mesa; Phil pega um livro de estatísticas de boxe do Madison Square Garden.

Ser boxeador até que renderia uma carreira perfeita para a energia e o corpo atarracado de Phil. Mas apesar de parecer que sua paixão pode facilmente se tornar raiva, o cantor do Pantera normalmente é um cara bem tranqüilo. "Eu costumava ter o que os doutores chamam de problema de hiperatividade", diz. "Fazia terapia por causa do meu temperamento difícil. Então, quando eu tinha tipo uns quinze anos, senti que o psicólogo se virou contra mim e mandei ele à merda."

Foi nessa época que ele começou a cantar, "quando eu roubei o microfone da escola". Escutava Slayer, Metallica, Judas Priest e Black Sabbath. "Agora que sei que Deus é o caminho, não escuto mais esse tipo de coisa", afirma Phil, rindo. "Agora sou bem melhor!"

Muitas pessoas realmente acreditam que Deus é, e o Pantera definitivamente não é, o caminho para se abrir o Portal do Paraíso. Testemunhe a seguinte história *on the road* vinda do inferno.

"Nós estávamos num hotel em Pittsburgh," começou Phil. "Quando temos um dia livre, e é raro, a única coisa que queremos é ficar na nossa, sossegados. Mas estava vindo uma gritaria desgraçada do hall, uma barulheira de passos e risadas. Abrimos a porta, e o hotel estava lotado de crianças. Era o fim de semana da Páscoa, e o epicentro do terremoto de jovens era lá. Era um grupo tipo juventude cristã, e eles estavam criando sua própria versão do inferno no meio do hotel."

"Não sou um cara super-religioso", diz o guitarrista Darrel, "mas também não sou do tipo que tenta impor nada a ninguém. Segurei a onda a noite inteira. Era umas seis e meia da manhã quando eles vieram me chamar pelo interfone – eu tomando minha última cerveja, quase apagando. Eles falaram: 'Esse é o quarto do Pantera? Queremos subir e pegar uns autógrafos'. Eu disse: 'Tudo bem, sobe aí'."

"Temos um puta som estéreo portátil que o Skid Row deu para nós, e estava rolando – alto para caralho – 'Highway To Hell', do AC/DC. Eu estava a fim de descontar nos garotos por nos acordarem antes. Aí coloquei som no meio do corredor e meti o volume no máximo. Fiquei tocando a parte do refrão de 'Highway To Hell' – mas acabei acordando o resto da banda em vez dos garotos! Mesmo assim, dei autógrafos para a garotada."

"Eu estava até me enturmando com eles, filmando-os — estava viajando naquela moçada, que nunca tinha se divertido tanto assim em toda a vida. Aí trouxeram mais garotos, uns quinze. Disse de novo: 'Tudo bem, entra aí'."

"Aí apareceu uma menina que queria um autógrafo. Depois que eu dei, ela disse: 'Vou rezar para você. Preciso te dizer que você irá ao inferno se não tomar cuidado'. Eu lá, usando uma camiseta do White Zombie com o demo estampado, ouvindo isso de uma pobrezinha de quinze anos. Logo depois, chega a mãe dela. A mina disse: 'Essa é a minha mãe. Ela vai te ajudar a encontrar o caminho do Senhor, porque, se você for ao inferno, seus olhos serão extirpados pelas garras do demônio'. Essa moçada parecia que estava possuída pela religião. A mãe da mina dizia: 'Eu posso te ajudar. Deus pode te ajudar'. Respondi que não ia dar porque eu era uma bicha viciada em heroína. Ela retrucava: 'Me deixe segurar a sua mão, me deixe rezar por você'. Inacreditável!"

"Encurtando a história", diz Darrel tomando fôlego, "aí chegou o fodão, o líder deles, depois de eu estar discutindo por uns vinte minutos. Ele falava: 'Esse quarto cheira demônio', e tentava exorcizar o capeta berrando 'Viva o Senhor', bem na frente da minha câmera, suando como um bicho. 'Rogo que você sofra no purgatório. Você e sua câmera irão queimar no inferno!' Aí o fodão disse ao seu pessoal: 'Saiam imediatamente! Vocês sentiram a presença do demônio!'"

O resto da banda rachou o bico, mas Phil ficou sério no fim da história. "Tudo o que escrevemos é sobre amar o seu irmão, ter força interior e tal. Mesmo assim sempre tem uns tontos que pensam que só eles conhecem o melhor caminho. Deveriam se preocupar mais com eles próprios e solucionar seus próprios problemas antes de tentar salvar os outros."

"Dá dó é da criançada", pontua Diamond Darrel.

"Não há vontade própria, não há força interior", diz Phil. "Isso é medo submisso, paranóia."

Caos, mosh e "mensagens positivas": Pantera ao vivo

"Pelo que se vê nos shows, lutar boxe seria a carreira perfeita para a energia e o corpo atarracado do vocalista Phil Anselmo"

"O último motorista que tivemos", conta Vinnie, "falou que as bandas que conseguem mais garotas são os grupos religiosos, os cantores de Gospel."

Phil insiste na mensagem positiva do Pantera: "Veja 'Mouth Of War'. Ela fala sobre direcionar sua raiva e seus sentimentos de frustração em algo produtivo, em vez de destrutivo. É a mesma coisa que você pegar um garoto problemático, tipo Mike Tyson, e colocá-lo no boxe. Isso é muito mais produtivo do que deixá-lo arrebentar as pessoas nas ruas. Eu mesmo, consegui fazer isso que estou pregando, e estou muito mais tranqüilo agora. Ainda faço merda, aí ninguém quer ficar perto de mim – mas agora é bem raro". A banda ri.

Talvez você fique um pouco *fucking hostile* (hostil para caralho)?

"É isso aí, o que eu canto nessa música é tudo experiência que aconteceu", diz Phil. "Tudo isso é real. Mas quando vou mandar tudo à merda, tento fazer isso dentro de um círculo de pessoas amigas, que me entendem. Espero nunca mais escrever sobre nada tão barra-pesada quanto 'By Demons Be Driven'. Essa é foda, muito ruim... bom, não se pode ganhar todas!"

Vinnie sorri e diz: "Geralmente as letras do Phil são em cima da pinta. Quando não é, dizemos a ele que não está legal. Ele briga com a gente, diz que está perfeita, vai para casa, pensa um pouco e acaba voltando, reconhecendo que estava uma merda."

"Muitas bandas escrevem quinze, vinte, trinta músicas, quando estão gravando um álbum. Esperam que pelo menos umas dez delas saiam boas. Nós não fazemos desse jeito. Se vamos compor dez músicas, todas as dez têm que ser boas para cacete. Não vamos gastar energia à toa. Não terminamos com faixas extras ou lados B. Vamos direto ao ponto e é isso aí."

Essa concisão é evidente. O primeiro trabalho do Pantera numa gravadora de peso, *Cowboys From Hell*, já trazia o *groove* poderoso, característico da banda — pesado, pegador, direto. O seguinte, *Vulgar Display Of Power*, preenche a promessa evidente nos sulcos de *Cowboys*...

Mas não foi sempre assim para os terrores do Texas. Tudo começou com... uma tuba.

"Rex era como um terceiro irmão para mim", recorda Vinnie. "Nós sempre éramos expulsos das bandas de jazz, porque tocávamos '2112' do Rush – tentávamos fazer todas as partes de metais! Me juntei com a banda da escola, e eles me deram uma tuba. Estava tão feliz."

"Levei para casa e estava tocando quando meu pai, que é músico – ele escreve músicas country para Emmylou Harris e outras pessoas –, me perguntou: 'Que merda é essa?' Eu respondi: 'É isso que vou tocar'. Ele disse: 'Foda-se essa merda'. Me levou de volta para

escola e jogou a tuba na merda do lixo. Eu já estava chorando, quando ele disse 'você vai tocar é bateria'. Obrigado, Senhor!".

"Obrigado, Senhor, por ele ter nos ajudado", complementa seu irmão Darrel.

Mas o Pantera não foi sempre esse monstro que é hoje. Phil, originário de Nova Orleans, não se juntou à banda até terem lançado vários discos independentes. Depois disso, o Pantera foi progressivamente ficando pesado.

"Mas nós nunca decidimos ser a banda mais pesada da Terra", explica Phil. "O lance é que você não começa a escrever boas músicas na primeira semana, no primeiro mês, no primeiro ano. Leva um tempo até conhecer as pessoas do grupo, conhecer a química, depois colocar tudo isso no papel. Estávamos acostumados a tocar covers do Judas Priest, em shows de três horas."

"Éramos o grupo mais bem pago das redondezas. Conseguíamos nos manter — não muito bem, mas ninguém teve que trabalhar no McDonald's."

Sobre a lenda de que eles eram *poseurs* quando começaram, Darrel tem uma explicação. "Tínhamos cabelos longos e ouriçados, mas naquele tempo era legal, era o que todo mundo usava. Até compramos aquelas calças de couro bem agarradas, mas daí ninguém queria usá-las depois de dois shows. Decidimos que era mais confortável vestir o que estamos vestindo."

"Nós não estamos mais nessa agora", afirma Phil, "mas, se eu quisesse usar uma bandana fosforescente na cabeça, usaria." "*Adoraria* ver você usando uma coisa dessas", castiga Vinnie.

O grupo se encontra na próxima noite no Paramount, de Nova York, abrindo para o Skid Row. Não há bandanas nem calças de couro à vista. O chão na frente do palco balança com as batidas de milhares de pés, e garotos suados cantam junto "Cemetery Gates" e "Comboys From Hell. Alguns fãs hardcores do Pantera que deixaram a arena quando o Skid entrou no palco perdem uma jam massacrante estrelando Pantera, Skid Row e Scott Ian do Anthrax, fazendo uma versão majestosa de "Cold Gin" do Kiss.

Fazer turnês nem sempre tem sido tranqüilo. "As pessoas esperavam que falhássemos logo após o primeiro grande show, junto com Exodus e Suicidal Tendencies", diz Phil. "Todo mundo esperava que fôssemos detestados. Foi o contrário. Nós estávamos com fome de bola; botávamos para foder toda noite e assim fizemos nosso nome. *Cowboys From Hell* não era nada de mais, só bom", ele continua, sem ser interrompido. "O novo é bem melhor. Estabelecemos essa máquina de *power-groove*, como alguns dizem, que martela como uma marreta."

Várias horas e vários drinques depois do show de Nova York, uma dupla de cowboys do inferno está na festa pós-show do Skid Row, no Bond Street Café. Scott Ian e Diamond Darrel estão sentados na escada, enquanto pelo menos uma centena de rapazes comprime-se lá fora, implorando para entrar. Os dias têm sido bem confusos na Big Apple, e o Pantera está pronto para partir. A vida na estrada é exaustiva, e é por causa disso que tantos grupos caem em vícios diversos.

"Nenhum de nós é viciado em drogas ou alcoólatra", diz Vinnie. "Se fazemos algumas coisas nessa linha, é só para passar o tempo. Nessa turnê você tem que tocar 50 minutos por dia. O que fazer com as outras 23 horas e 10 minutos? Não é algo como ter que contratar alguém para vigiar o Rex porque ele tem o hábito de cheirar pó."

Então o Pantera segue em frente, se dirigindo para portos exóticos tipo Havaí e Japão, onde as tatuagens no estômago de Phil e a barba tingida de vermelho de Darrel vão parecer ainda mais exóticas do que aqui em Nova York.

E depois? O óbvio: "Escrever mais músicas para o Pantera", diz Phil. "Tenho muita ansiedade dentro de mim. Sou um daqueles filhos da puta que entregam mais longe do que os outros filhos da puta. E consigo expressar isso muito bem em palavras. Não vamos começar a fazer canções sobre florzinhas ou colocar dez baladas em nossos discos. Isso não é real para nós. Vamos cantar o que é real. Ponto final."

KATHERINE TURMAN

"Nenhum de nós é drogado ou bêbado. Se às vezes fazemos umas bobagens, é para passar o tempo"

REX, PHIL ANSELMO, DIAMOND DARRELL E VINNIE PAUL

PRO POR SOM
REVENDEDOR AUTORIZADO
FENDER HADY SYSTEMS TAMA
JIM DUNLOP DI MARZIO ENSONIQ
BOSS IKEDAN PEAVEY REMO
ALESIS
STUDIO ELETRONICS
É MUITO MAIS !!
R. Teodoro Sampaio, 763 lj 01
CEP: 05405-050 - SP
F: (011) 64 6919

P.I.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS
Pearl Fender Marshall Ibanez Peavey ensonia KORG
Todo a linha com um ano de garantia
Solicite catálogo e preços por telefone.
COMPRA • VENDA • TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
Rua Teodoro Sampaio, 763 - lj 09/14
(011) 282-5653 Fax: (011) 64-3430 CEP: 05405-050

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
VENDA - TROCA - CONSIGNAÇÃO
NOVOS E USADOS
NACIONAIS E IMPORTADOS
FINANCIAMOS EM ATÉ 3 VEZES

BIZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 212
EDITORA AZUL

LONDON CALLING
DISCOS, CDs E VÍDEOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • RAMONES • DOORS • MADONNA • RED HOT • L7 • NIRVANA • STOOGES • PISTOLS • D.K. • MINISTRY • CURE • ZEPPELIN • SISTERS • PET SHOP B.
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
SOLICITE CATÁLOGOS
FONE: (011) 223-5584
R. 24 DE MAIO, 116 - RUA ALTA - LOJA 15
E NOVA LOJA NO Nº 29 - GABBA GABBA HEY
FONE: 222-6679 - CEP: 01041 - CENTRO - SP

INDIE RECORDS & VIDEOS
CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO BRASIL
Av. Pedroso de Morais 1053 / Tel: (011)816.1220
Fax: 815.9882 / CEP: 05419-001 São Paulo SP

MUDHONEY

Mark Arm, o pernalta e desengonçado guitarrista e vocalista do Mudhoney, espalha meticulosamente a manteiga no pão, enquanto o saxofonista anônimo de uma fita de muzak enche com platitudes sonoras o salão principal do restaurante do hotel Roosevelt,

a banda mais independente da cidade enterra a cena mais celebrada de 92 lançando disco por uma *major*

ADEUS SEATTLE

em Hollywood. Marilyn já dormiu aqui. Iggy Pop, também.

"Quem abandona o rock'n'roll", diz Mark, quando se dá por satisfeito com seus afazeres de mesa, "abandona o rock n'roll de vez!" E arranca um pedaço do pão com os dentes.

Arm não abandonou o rock, nem tem planos de fazê-lo tão cedo – apesar da sempre "criativa" imprensa inglesa, que engole ou leva a sério todas as abobrinhas cuspidas por pop stars entediados e/ou inebriados, ter caído no trote do Mudhoney, que declarou seu pretenso desmembramento quando, na verdade, pretendia apenas tirar férias enquanto o guitarrista Steve Turner estudava Antropologia.

Mark se refere, na verdade, ao espírito "incestuoso" que predomina na assim chamada "cena de Seattle", da qual o Mudhoney – por determinantes geográficas – faz parte. "Como em qualquer cidade", diz Mark, "existe esse lado incestuoso. Quando uma banda acaba, alguém dessa banda vai e forma outra banda com outra pessoa. Tem gente que não volta. Quem abandona o rock, fica fora dele, e não volta. Mas as bandas vão se formando assim. É um lance bem normal." Nhac!

Mark sabe bem o que diz. Promiscuidade musical é assunto que lhe é familiar. Uma das mais esporrentas (com um tanto de Blue Cheer aqui e ali) e bagunceiras (no bom sentido, é claro) bandas saídas daqueles lados gélidos do Pacífico, o Mudhoney é o resultado da combinação de músicos egressos de três outros grupos locais, o Green River, o Melvins e o Bundle Of Hiss, as mesmas raízes, de certa forma e até certo ponto, do Mother Love Bone e do Pearl Jam.

Não se espante, portanto, se houver gente confundindo um grupo com o outro, embora Arm rechace com veemência qualquer argumentação a favor de um único "som de Seattle".

"Não sei se existe um som de Seattle", contrapõe Mark, "ou algo mais próximo de uma cena de Seattle. Nunca achei que o Tad soasse como o Pearl Jam, ou que este soasse como o Soundgarden.

"Não estamos sofrendo pressão de nossa nova gravadora –por enquanto"

ou que este soasse como o Nirvana ou como a gente. Todas essas bandas têm sons e estilos muito distintos. A única coisa que têm em comum é baixo, guitarra e bateria... e geralmente um cantor que grita o tempo todo (*risos*)."

Nessa tarde chuvosa de novembro, o Mudhoney está em Los Angeles lançando seu primeiro álbum para a Warner Bros., *Piece Of Cake*, e uma de suas tarefas na cidade – além de tocar uma noite no Palladium, junto com Eugenius e Supersuckers – é involuntária, indesejada, talvez injusta, mas é premente: demonstrar à imprensa visitante que a banda não perdeu sua identidade ao assinar um contrato de gravação fora do esquema independente que apoiou toda sua carreira até então.

Como o Sonic Youth antes dele, o Mudhoney passou a comer do prato em que cuspiu a vida inteira.

"Sempre dissemos nas entrevistas que jamais assinaríamos com uma grande gravadora", concede Mark, "porque estávamos perfeitamente felizes na Sub Pop. Inúmeras bandas de que gostávamos assinavam com uma *major* e lançavam discos sem graça, comportados, como o Hüsker Dü e os Replacements, o que me parecia ser pressão da gravadora."

"Mas daí começamos a ver as coisas mais esquisitas acontecendo com amigos nossos na Sub Pop – não deixavam o Mother Love Bone excursionar, não permitiam que eles gravassem um disco. Quando vi o Sonic Youth assinar com a Geffen e se dar bem, e não lançar um disco ruim..."

A entrada do Mudhoney na Warner foi precedida de uma tempestuosa briga com o selo Sub Pop. "Eles estavam sobrevivendo à custa das vendas do nosso disco, *Every Good Boy Deserves Fudge*, mas não víamos a cor desse dinheiro. Deviam grana a todos os estúdios de Seattle. Preferimos nos separar da gravadora e continuar amigos dos donos. Era melhor perder um relacionamento de negócios e manter a amizade."

E a tal pressão da grande gravadora, existe mesmo? "Não", ele sentencia, "pelo menos ainda não. Não pedimos um grande adiantamento, o que nos forçaria a fazer um disco com a obrigação de vender muito para poder recuperar aquele dinheiro. Estamos numa posição confortável, bem melhor do que era uns dois anos atrás."

JOSE EMILIO RONDEAU

DELÍRIO TOTAL
CHEGOU A PROMOÇÃO
SUPERDICAS AÇÃO GAMES

Quem lê a revista Ação Games está sempre ganhando. Abra o envelope que está em Ação Games e ganhe adesivos coloridos com os momentos mais emocionantes dos maiores games. E o que é melhor: de cara, você já leva um mini-álbum com as melhores dicas publicadas na revista.

E TEM MAIS:
ACHOU GANHOU!

Um Super Nintendo, fitas alucinantes, camisetas, bonés e muitos jogos para você detonar. Encontre o vale-brinde e ganhe!

JÁ NAS BANCAS.

AÇÃO GAMES

EDITORA AZUL

NOSSO "BROTHER" AXL ROSE

Os Guns N'Roses vieram e fizeram três shows impecáveis. E as cadeiras, chiliques, estrelismo? Rock'n'roll é assim mesmo amigo, se não te agrada, pule fora...

Quem leu a BIZZ durante os últimos dois anos podia até achar que estávamos pegando no pé dos Guns N'Roses. Mentira, sempre reconhecemos os rapazes como a maior banda de rock do mundo de hoje (as capas e destaques não me deixam mentir), só que nosso negócio é espezinhar os famosos (senão, cadê a graça da profissão?). Acontece que nesta turnê o grupo foi tão injustiçado e perseguido pela imprensa e pelos detratores que resolvemos deixar a atitude antiga de lado e assumir a seguinte postura: Axl Rose é um grande cara e os Guns serão tratados como nossos *brothers*.

Os jornais de São Paulo e Rio viram na turnê uma das melhores oportunidades nos últimos tempos para manchetes fáceis, como aqueles jornalecos ingleses fazem quando Michael Jackson passa por lá.

SANGUE LATINO

Os Guns passaram pela Venezuela, Colômbia, Chile e Argentina, antes de chegar no Brasil. Na Venezuela, os equipamentos da banda ficaram retidos no aeroporto de Caracas, fechado por causa de uma tentativa de golpe.

Por causa disso, o primeiro show em Bogotá, Colômbia, teve que ser cancelado e o dinheiro devolvido. Não foi suficiente. Os que ficaram sem ver o primeiro show tentaram entrar no segundo. Aí foi o de praxe: tumulto, desmaios, bebedeira etc. Aqui, as notícias já estavam rolando aflitas.

QUEIMANDO AS BOTAS

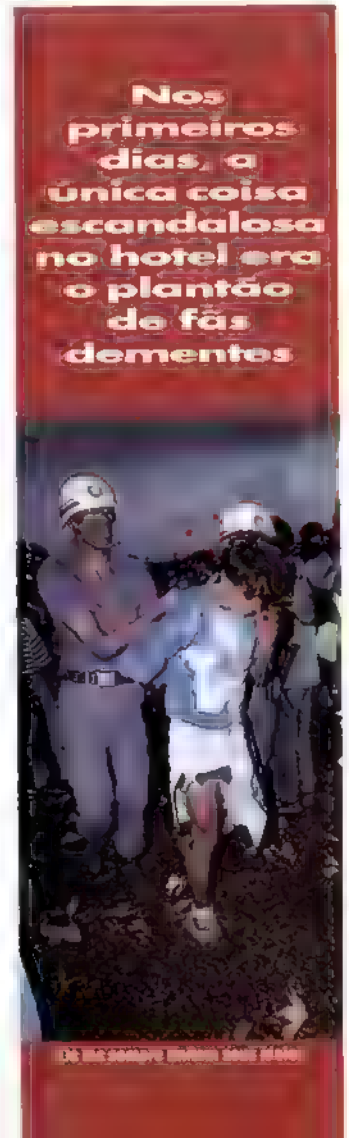
Depois veio o Chile. Axl chegou dando show para a imprensa local. Arrancou o microfone de um repórter e o arremessou na cabeça de um cinegrafista. No hotel, uma lavadeira disse ter encontrado um tubinho com vestígios de cocaína na roupa da banda.

Na Argentina, grupos nacionalistas ameaçaram zoar o show devido a supostas declarações de Axl como a de que "queimaria as botas que usou para pisar na América Latina". Para piorar, uma fã desesperada deu um tiro na cabeça, depois que seu pai a proibiu de ir ao show, seguindo um conselho do presidente Menem. Ela ainda nem tinha morrido quando o pai completou a tragédia, se suicidando também.

SÓ BONS RAPAZES?

Todas essas baixarias foram noticiadas amplamente aqui. Sobre os shows nem uma palavra. A impressão era de que uma ameaçadora bola de neve de sexo, drogas e violência vinha descendo a América Latina e que ia estourar bem em cima de "nossas casas e filhos".

Eles chegaram em São Paulo e não foi nada disso. Nos primeiros dias, a única coisa escandalosa que se via no hotel Maksoud Plaza era o plantão de fãs dementes. Tudo correu normal e



comportado. Slash tomava suas vodcas no saguão, outros iam passear pelo litoral paulista e Axl ficou entocado no quarto. A banda deu até algumas entrevistas. Todas coletivas e sem Axl, claro, mas uma prova de bom humor.

A imprensa urubu não ficou satisfeita. Faltava notícia, faltava polêmica.

E TOME CADEIRA...

Até que na terça, às duas e meia da manhã, aconteceu o que todos esperavam. Fotógrafos e repórteres atravessavam a centésima hora de plantão (digo pentelhação) no saguão do hotel. Axl estava a fim de sair, só que com o circo armado no térreo era impossível. Saiu do salão de jogos no segundo andar, olhou para baixo (o prédio do Maksoud é aberto no miolo, do teto até o chão, dando para ver todos os andares), viu a jornalistada e disse: "Agora deu".

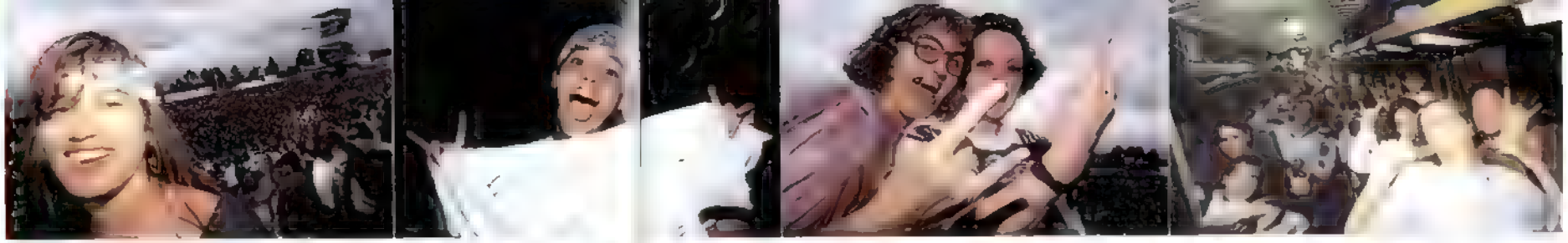
Lá de baixo, todos ouviram algo tipo "fuck you" e uma pancada forte. Axl tinha acabado de jogar uma cadeira no meio do saguão. Não pegou em ninguém mas bastou: as manchetes estavam criadas, o ódio gratuito por Axl Rose tinha encontrado um motivo e o bafafá todo engrenou. O tal grupo de jornalistas e fotógrafos foi lá com sua dignidade ultrajada prestar queixa na delegacia. Como as velhinhas, que reclamam com o síndico da molecada que joga bola no pátio.

"TOCANDO PIANO"

Com o agravante oportunista, a queixa caiu como uma luva no esquema "jornalístico" que culminou com a foto na primeira página da *Folha de São Paulo* do B.O. com as marcas dos dedos de Axl. Houve até risco (mínimo, mas existente) do cancelamento do show de São Paulo se o delegado tivesse dado uma de durão e resolvesse prender Axl, o que era legalmente possível. Já imaginou? Trinta mil pessoas privadas de sua diversão por causa do bode pessoal de meia dúzia de jornalistas?

Segundo a assessora de imprensa do grupo, Wendy Laister, o noticiário negativo prejudicou a venda dos ingressos, com pais proibindo os filhos de irem ao show. De fato, havia menos gente que o esperado em todos os shows no Brasil. *CAMILO ROCHA*

GUNS N'ROSES AO VIVO



ESTACIONAMENTO DO ANHEMBI (SP)

Existem artistas que, quando sobem no palco, encaram a platéia como se fosse um/uma amante, com toda a carga de amor/ódio/prazer/ansiedade que isso significa. O resultado é uma tensão quase insuportável, como se uma bomba-relógio estivesse prestes a explodir. Jim Morrison era assim. Marvin Gaye também. Nos últimos tempos, pisaram nos nossos palcos dois deles. Renato Russo e, claro, Axl Rose. (Não vai aqui nenhuma comparação entre o talento dos rapazes.)

Não tinha certeza até vê-lo em São Paulo. Nos dois shows no Anhembi, Axl carregou a banda com seu carisma, superando o poder da outra metade pensante dos Guns, Slash. O guitarrista é o ponto de equilíbrio, o centro musical. Mas a alma, o rock'n'roll, vem de Axl.

No primeiro show, numa quinta-feira, os fãs molhados até os ossos tiveram o prazer extra de ver Axl, Slash, Duff, Gilby, Dizzy e Matt (mais coadjuvantes) darem tudo, mesmo com suas roupas encharcadas, instrumentos molhados, sobre um palco escorregadio e sujeitos a choques elétricos. O fascínio de Axl (mais magro e bonito, em fase "pós-baleia branca") sobre a platéia ficou evidente e o vocalista conduziria o show num crescendo contínuo.

O melhor momento aconteceu em "November Rain", perfeita sob a chuva torrencial que caía no Anhembi. "Sweet Child O'Mine" e "Patience", as outras duas megabaladas, soaram bem melhor agora, longe da superexposição radiofônica. Dois dos hinos do grupo – "Welcome To The Jungle" e "Civil War" – foram cantados com a exata dose de raiva por banda e platéia, e até mesmo as covers de "(Knockin' On) Heaven's Door" e "Live And Let Die" ganharam outra dimensão no palco.

Show de sexta cancelado por causa do caos chuvoso, a caravana de fãs teve que voltar à carga no sábado. O que poderia ser tão diferente do primeiro show? Tudo.

Em primeiro lugar, a superlotação do estacionamento (cerca de cinqüenta mil pessoas) tornou claras as (muitas) falhas de organização. O som estava péssimo, não havia banheiros suficientes e – o mais grave – não havia segurança. Ludibriados pelos organizadores (que venderam ingressos a preços diferentes para o mesmo lugar na pista), o público decidiu fazer justiça com as próprias mãos, derrubando grades de ferro e invadindo a arquibancada destinada a convidados VIP, com muita confusão e corre-corre.

Com tanta tensão no ar, o show já começou fervendo, de cara, "Welcome To The Jungle" pôs o Anhembi abaixo. Gritos apaixonados de "Guns N'Roses" foram substituídos por palavrões quando o vocalista disse que São Paulo era "um dos lugares menos maravilhosos que já visitei", referindo-se aos problemas com a imprensa. Logo em seguida, o público voltava a aplaudi-lo, quando ele socorreu um fã agredido pelos seguranças. Axl era novamente o herói.

Os primeiros acordes de "Paradise City", já no bis, pareciam anunciar o êxtase próximo. Foi quando objetos atirados ao palco começaram a chegar perigosamente perto do vocalista. No quarto objeto (tênis?, garrafa?, pedra?), ele não aguentou mais. Com um gesto de mão, interrompeu abruptamente a música. "Goodbye and fuck you", disse, arremessando o microfone com raiva em direção à platéia. Surpresa, incrédula, ela reagiu com um silêncio pesado, até explodir em xingamentos frustrados. A banda não voltaria mais. Um final melancólico para um show quase perfeito.

MARISA ADAN GIL

Foto central: o descadeirado Axl Rose. Fileira de cima: a extasiada, a desesperada, as titias, as gunners de Ourinhos. Fileira de baixo: o entediado, as top models, o sem colírio e as ensopadas.

AUTÓDROMO DE JACAREPAGUÁ (RJ)

O espetáculo veio completo: metais, *backing vocals*, produção total de palco, teclados e tudo. Ponto para eles. Prince e Bowie, que no primeiro mundo põem Las Vegas no palco, vieram para cá com o mínimo. Afinal, é Brasil, "só o fato deles virem já está bom". O Guns veio completo e foi malhado por ser produzido demais, exibicionista, afetado por mania de grandeza.

O show foi escarrado, sem grandes surpresas, bem-feito, divertido e gratificante, como sempre deveria ser. Como eram os Guns, a imprensa achou tudo "burocrático, frio, igual e previsível".

"Welcome To The Jungle", uma das melhores, abriu nervosa. Em seguida, veio "Mr. Brownstone" a "melodia herói". Axl aproveitou e fez a primeira parada da noite para reclamar de uma menina tirando fotos e falar mal da imprensa. Depois vieram os hits: "Patience", "Yesterdays", "November Rain" etc. Durante "You Could Be Mine", ele parou tudo de novo para mandar expulsar um casal que brigava na frente do palco. Jogou então o microfone na platéia e saiu.

Mas logo ele estava de volta com a banda, mandando "Sweet Child O'Mine". Nessas, Axl já tinha trocado de roupa tanto quanto Madonna costuma fazer nos seus shows. Incluídos nos modelitos, uma camiseta com a cara de Jesus e uma meio transparente toda furadinha. Depois de "Don't Cry" veio "(Knockin' On) Heaven's Door". Nessa altura, o público finalmente estava se comportando como devia: dançando, acendendo isqueiros e cantando junto. O desfecho com "Paradise City" foi a melhor parte. As luzes do palco a mulhão, Axl Rose ouriçado e a platéia agitada. Gás puro, que fez o público sair contente com duas horas de bom hard rock/pop. *CR*

HISTÓRIAS NÃO-OFICIAIS

Bastidores, fofocas, histórias paralelas, está tudo aqui

CASACO VELHO

Um casaco de couro do Axl havia sido roubado no Rock In Rio. Uma fã, supostamente filha de um industrial, conseguiu achar o casaco e o comprou por mil dólares. Sua idéia era devolver o casaco a Axl e assim conhecer seu ídolo. Depois de negociar através do seu *manager*, Axl mandou agradecer e aceitou receber o casaco, mas não a garota. A fã, hospedada no mesmo hotel dos Guns, teve uma crise histérica na portaria. Jogou tudo no chão e saiu aos berros.

APELIDO CARINHOSO

Chegou uma hora em que o pessoal da equipe técnica e do *backstage* já não aguentava mais as aprontações de Axl Rose, a quem apelidaram *Asshole Rose*.

EU SOU NEGUINHA...

Quem olhava aquelas fotos do Slash e imaginava um varapau de dois metros branquelo se surpreendeu. Ele não passa de 1.65m, e é tão bronzeado quanto Caetano Veloso. No domingão, na piscina do hotel Intercontinental, ele aproveitou para azular mais ainda.

ESTÍMULO

Uma fofoca forte que rolava era de que Axl saía do palco durante o show, para receber de Stephanie uma massagem estratégica e estimulante. Assim, ele podia voltar exibindo, sob a bermuda apertada, aquilo que muita gente jura ser apenas uma bola de meia.

BOAS COMPANHIAS (?)

Slash e outros *gunners* fritavam ao sol dominical carioca. Estavam acompanhados de várias daquelas piranhas de fio dental enterrado, tatuagem na bunda gigante e taxímetro acoplado.

VIPS

A sala VIP no Rio ficava na torre de controle do autódromo de Jacarepaguá. Se não avisassem, ninguém saberia, pois não tinha luz, nem boca-livre, o chão estava encharcado, os mosquitos famintos e, principalmente, não tinha VIPs. Aliás, a única celebridade presente na platéia era o ator Paulo Betti.

MONITORES

Axl Rose se mostrou muito bom em identificar, no meio daquela turba tumultuada, exatamente quem incomodava/brigava/tirava fotos. Para ajudá-lo, havia no *backstage* vários monitores mostrando imagens do povo na frente do palco. Durante suas várias saídas do palco, ela ia até as telinhas e mostrava para a segurança: "É esse cara! Expulsem esse filho da mãe!"

HELICÓPTERO

Quando acabou o show no Rio, Axl, Stephanie e o garoto Dylan entraram num helicóptero que esperava atrás do palco e voaram direto para o aeroporto do Galeão. Seu voo era o das duas e vinte, eles chegaram um minuto antes.

INDESEJÁVEIS

Antes dos GN'R irem parar no Maksoud Plaza, dois hotéis paulistanos já haviam sido tentados: o Transamérica e o Mofarrej. O primeiro era muito longe e o segundo não quis hospedá-los.

TECNOLOGIA

O jornal carioca *O Globo* mandou na cobertura do show no Rio. Seus repórteres dispunham até de um telefone celular para mandar as últimas para a redação.

NOVELÃO MEXICANO

Um forte rumor corria com relação ao garoto Dylan: ele seria, na verdade, filho de Axl Rose. Motivos: é muito parecido com ele, ninguém sabe quem é seu pai e Axl o trata com um carinho impressionante. Um brasileiro da equipe perguntou a um *roadie* se ele não poderia ser filho de Axl e a resposta foi: "Somos proibidos de falar sobre isso."

CALMINHOS

Nada de festões de arromba, baladas até altas horas da manhã, noitadas em casas noturnas para os *gunners*. Eles quase sempre iam dormir cedo e praticamente só saíam do hotel para passeios diurnos. Axl e Stephanie foram uma noite à cara discoteca Columbia, em São Paulo. Comeram e não dançaram.

COINCIDÊNCIA

O privilégio não foi só do Rosa Tattoeada. O grupo que abriu para os Guns na Austrália se chamava Rose Tatoo.

ROGER WATERS

SEDUZIDO PELA TV

O ex-líder do Pink Floyd fala de sua velha banda e de seu novo álbum, *Amused To Death*, em entrevista para Jim Ladd, o DJ que apresentava as músicas de seu outro disco solo, *Radio K.A.O.S.*

Vamos começar com a premissa básica do seu disco, que é intitulado *Amused To Death* (*"Entretido Até A Morte"*). Dê-nos o apanhado geral, básico – a visão global do álbum.

Muitas músicas foram desenvolvidas depois de assistir televisão e dar uma checada no que está acontecendo pelo mundo nos últimos anos. E eu tenho esta sensação de que muitos desastres humanos e políticos têm sido agravados, para não dizer causados, por uma necessidade que temos, nos países de civilização ocidental, de entreter nossas populações no exercício de uma política externa dramática. Uma das coisas que achamos mais divertidas é ter guerras – espera-se – em terras distantes. E, para mim, é uma preocupação ver que a guerra é uma diversão na televisão.

Vamos conversar sobre a primeira música do álbum (*na verdade é a segunda: "What God Wants, Part I"; em português, "O Que Deus Quer, Parte I"*), com um refrão que sempre volta e que eu acho extremamente interessante. Bem no começo existem três efeitos sonoros que eu suponho ser o de um chuvisco de TV passando através dos canais.

Explique o significado destes três trechos. Por que este chuvisco é importante?

Bem, visualmente, o teatral do álbum é caracterizado por um macaco – um gorila, especificamente – assistindo televisão. Então usei o gorila, eu suponho, como uma metáfora da raça humana. E ele fica mudando os canais, procurando algo que o interesse.

Sei. E então ele se depara com isto: a música lista uma variedade de visões conflitantes do que Deus quer.

Deus quer tudo.

Aparentemente sim. E na verdade ele não tem nenhuma moral, não reduz a moral a certo ou errado.

Não parece reduzir, não é mesmo?

É verdade. Isto é uma declaração sobre o quanto a palavra Dele tem sido mal interpretada? Ou você está dizendo que Deus é confuso?

Não... Toda essa besteira jingoísta – não é jingoísta, mas religiosa –, quando é usada para abiçerçar nosso lado numa guerra é extremamente repugnante e ofensiva para mim. E estou certo de que é para um montão de pessoas e certamente deveria ser para todos os cristãos, porque não era o que Cristo estava tentando ensinar.

E, ainda assim, aqui estamos, aparentemente na Inglaterra e nos EUA – aparentemente países cristãos em sua maioria – passando por toda esta tolice sobre Deus estar do nosso lado. E eu pensava que a questão toda era que supostamente deveríamos amar uns aos outros. Não é isso. Eu nem sou um cristão praticante, mas sempre me choca pessoas que afirmam ser se declamar toda aquela besteira.

A música "Perfect Sense" (*"Sentido Perfeito"*) – começa com o computador Hal de *2001, Uma Odisséia No Espaço*.

Sshh! Não conte para o Stanley Kubrick.

E então volta, num instante, dele para o macaco descobrindo as armas. Explique isso – por que isso acontece.

Bem, isso foi o ponto de partida para essa música, aquela imagem do começo do filme, quando o macaco descobre que pode causar danos às coisas com um osso. O que eu achava extremamente poderoso. Me lembro de todo mundo sair correndo e comprar o disco imediatamente depois que o filme apareceu. É uma trilha tão legal! E ficou comigo nesse meio tempo. Qual é a idade daquele filme? Vinte? Vinte e cinco anos? É um tempão atrás, de todo jeito. Daí a cena do Hal.

Na verdade, quando cheguei até ela, eu queria colocar algum tipo de efeito sonoro no começo e não soava bem. Então peguei o CD de *2001* e me lembrei de Daisy. Sabe, quando ele entra em pane e começa a cantar "Daisy, Daisy" e fica cada vez mais devagar. Eu estava assistindo o início daquela cena e pensei, "Isto é demais! Eu devia tentar isto." Espero que eles não me processem. Provavelmente vão.

Deixa eu citar um pedaço da letra de "Perfect Sense" que gosto muito.

É assim: "O macaco olhou para cima, para as estrelas/E pensou consigo mesmo/'A memória é uma estranha/ História é para tolos'/E ele limpou suas mãos/Numa poça de escrituras sagradas/Virou as costas para o jardim/E partiu para a cidade mais próxima." Eu adoro esse trecho. Parece estar execrando uma disposição – ou absoluta paixão – em ignorar a História e suas lições.

É, na realidade não posso falar especificamente sobre este negócio. Eu me sinto como se estivesse puxando as asas de uma borboleta se eu começo a dissecar estas músicas. Minha atitude quanto à composição tem se tornado cada vez mais passiva com o passar dos anos. Estas palavras podem soar pretensiosas, mas gosto de fazer um pouco de música e aí permanecer no estúdio sem mais nada na minha frente. Deixo a fita rolar, simplesmente deixo de funcionar e então começo a escrever a letra. Então, talvez eu volte e a descarte. Assim tende a ser o modo como escrevo. E parece fazer sentido para mim, mas não me preocupo em analisá-la, na verdade.

Bem, há um momento então, quando você resolve voltar e aí descobre o que tinha escrito?

Claro que sim. Esse é o momento: assim que a escrevo. E se não rima ou não cabe ou causa uma sensação estranha, aí minha habilidade entra. Mudo partes, reescrevo e brinco com ela.

Mas o pedaço mais importante é aquele em que não estou envolvido nem um pouco, em que eu me sinto como se fosse um conduíte. E se o trabalho tem sucesso, é por isso. Se tem sucesso, é porque as pessoas ouvem as músicas ou vêem as letras e dizem, "É, consigo entender isso. Isso mexe em algum lugar". É porque estou, sei lá, tocando algum subconsciente ou alguma coisa e o negócio todo fica claro. Talvez fique, talvez não.

Ouvi isso expressado em termos parecidos com alguns – e apenas alguns – dos que são considerados os melhores compositores do mundo.

É. Antes eu pensava que todos eles estivessem me copiando. Bem, essa é a idéia central no disco. Ele é inteiro sobre a televisão e nosso relacionamento com ela, sobre se ela será ou não um fator para o bem ou para o mal. Ela é uma faca de dois gumes e pode ir a qualquer momento em qualquer dos dois sentidos. Podemos todos morrer ou viver.

Vamos conversar sobre alguns dos outros talentos que você pôs em uso neste álbum. Esse pessoal é realmente extraordinário. Conte-nos quem você recrutou, quem está no álbum.

Bem, a banda é aquela que uso normalmente. Eles são muito talentosos. Graham Broad toca bateria. Andy Fairweather Low é o centro da coisa toda. Sua guitarra tem crescido em importância para mim com o passar dos anos. Eles são os dois fatores musicais chave na banda. Além disso, Pat Leonard – que co-produziu o disco – toca muitos teclados. Sua contribuição para este trabalho é incalculável.

Na música "Western Woman" (*"Mulher Ocidental", que no final teve o nome mudado para a faixa título*), que tem uma parte muito sexy cantada por uma mulher, ensaiei com alguns tipos de vocais de suporte e outras pessoas. Daí me ocorreu que a voz mais sexy da história do rock'n'roll é a de Rita Coolidge. Eu a chamei para fazê-la e ficou ótima.

Quem mais? Don Henley. Ele cantou uma das músicas (*"Watching TV", em português "Vendo TV"*) comigo num dueto. E Jeff Beck está por todo o disco e isso foi uma experiência seriamente religiosa para mim.

Ao trabalhar com alguém como Don Henley ou Jeff Beck, quanto você requer deles o que está procurando e quanto você dá a eles?

Bem, os dois são muito diferentes. Jeff gosta de receber quanto mais instruções for possível. Ele gosta de saber exatamente o que se está buscando. E dentro desses parâmetros razoavelmente estreitos, ele ainda faz coisas extraordinárias. Don foi meio diferente, sabe, porque ele cantou partes harmônicas de material que eu já tinha em fita. Ele é um tremendo monstro da harmonia. Todo mundo que o conhece sabe que ele é. Eu apenas o deixei sozinho e ele apareceu com algumas harmonias que eu simplesmente não teria sonhado em um milhão de anos.

Então estamos conversando sobre outras pessoas com quem você trabalhou. Acho que muitas pessoas estariam interessadas em saber o que te afetou musicalmente com o passar dos anos.

Ahh! Você quer que eu te conte isso agora?

Sim, eu gostaria de saber quem te influenciou.

Sei lá. Eu não conseguiria listá-los todos. O nome que salta na minha mente é o de John Lennon. Acho que ele é a influência mais importante.

A censura nesses últimos anos tem sido algo que tem aflorado com o P.M.R.C. (*Parents Musical Resource Center, organização que visa instaurar a censura aos produtos que consideram "imorais", especialmente discos de rock*), Tipper Gore (*líder da organização e mulher do vice-presidente dos EUA, Al Gore*)e todos esses grupos que querem "salvar nossas crianças dos demônios do rock 'n' roll".

Sei lá... Quando *The Pros And Cons Of Hitchhiking* saiu nos EUA, tiveram de colocar uma tarja preta sobre a bunda da mulher que está na capa. O disco era sobre fantasias sexuais e aí coloquei na capa aquela modelo muito bonita.

Me pareceu perfeitamente legítimo e, sabe... ela era gostosa também. Eles colocaram essas tarjonas pretas sobre sua bunda, o que foi extremamente patético, sabe.

Isso é estranho. Há uma certa influência puritana esquisita na tendência dominante da cultura americana que está muito em desacordo com a realidade da vida moderna. É uma coisa esquisita não se poder dizer "foda" no rádio. Sabe, não entendo isso.

Vamos voltar às letras de novo, já que você levantou "What God Wants". Vamos entrar em "What God Wants, Part II". Onde você arrumou aquele pregador que fala no começo?

Bem, eles estão em todas as ondas no ar. Estão em todos os lugares. É só você ligar a televisão, mudar os canais e há um dizendo, "Deus quer que você mande seu dinheiro para que eu possa colocá-lo no meu banco e investi-lo. Então você poderá seguir e...", e é meio assim. Acho isso muito estranho. Quero dizer, é horrível, patético e lastimável. E a coisa triste, para falar sério a esse respeito, é que lá fora, existam essas pessoas trouxas que assinam cheques e mandam dinheiro para esses criminosos.

Quem produziu o álbum?

O álbum foi produzido por Pat Leonard. "Puta Mestre" Pat Leonard, como é conhecido no ramo por causa de sua ligação com Madonna.

Você prefere gravar ou tocar ao vivo?

Adoro fazer ambas as coisas. E eu – nós, espero – acabaremos realizando uma turnê do disco. Eu quero muito. Tenho algumas idéias realmente muito fortes sobre como fazê-la

Você quer mostrar algumas delas?

Na verdade não, porque as pessoas têm constantemente roubado meu trabalho por tantos anos que quero executá-lo pelo menos uma vez antes que copiem e tomem conta de tudo. Então, se eu contar isso, você contará a alguém mais e isso se espalhará pela industria. E todos estarão fazendo isso.

Qual é a sua visão geral sobre videoclips?

Prefiro não responder a esta pergunta pelo motivo de que eu poderia me incriminar. Na realidade, geralmente eu acho que eles são uma coisa muito ruim. Não gosto do formato. Não gosto da idéia de canais de TV inteiramente devotados a videoclips. Acho que isso reduz a coisa toda a papel de parede.

Individualmente, acho que muitos deles são bem interessantes e feitos de uma forma perfeitamente aceitável – que você deveria pegar uma música e ilustrá-la com imagens. Mas quando você tem todos eles dispostos um atrás do outro, todos se transformam nesta coisa meio homogênea, a qual acho que estupidifica os sentidos em vez de encorajá-los a florescer. Sinto muito, moçada. Sabe, é como me sinto. Contudo, obviamente isso é algo que está aqui para ficar e não vou recusar em fazer um vídeo. De fato, eu tenho – eu acho – uma idéia incrível para um vídeo. Para o single.

"Não gosto da idéia de canais de TV inteiramente devotados a videoclips. Acho que isso reduz a coisa toda a papel de parede"

Que álbuns você está ouvindo ultimamente?

Mmm... *Rust Never Sleeps*, do Neil Young. Neil Young! Infelizmente, não é da Columbia, mas mesmo assim... Um cara único, um cara de verdadeira visão.

Outra música extraordinária aqui é "The Bravery Of Being Out Of Range" *("A Bravura De Se Estar Fora Do Alcance")*. Esta canção é uma acusação contra os homens impotentes em altos postos, que mandam jovens à guerra.

Sim. Lembro do primeiro verso: "Você tem a tendência natural/de apertar o gatilho." É uma música para o presidente dos Estados Unidos.

Há uma parte, quando você inicia o verso aqui com as palavras "Ei, *barman*, aqui/mais dois tiros/e mais duas cervejas..."

É, o último verso do negócio. De fato, é a única coisa que escrevi depois da operação Tempestade No Deserto, como foi chamada a ofensiva americana na guerra do Golfo. Na realidade, não gosto muito desse nome. É interessante, contudo, que o nome que demos para essa guerrinha suja meio que deu num belo título de filme: *Tempestade No Deserto* – soa interessante, não soa?

Na verdade, é meio aquela coisa de Rambo. Bem, isso se passa num bar em algum lugar dos EUA durante esse conflito, pois muitos americanos foram orientados para um espírito de equipe naquela época. E então é, "Ei, *barman*, aqui/mais dois tiros/e mais duas cervejas/senhor, aumente o som da TV/a guerra começou no campo de batalha/simplesmente adoro essas bombas guiadas por laser/elas são realmente excelentes/ para corrigir erros/você acerta o alvo e ganha o jogo/de bares a 3 000 milhas de distância."

Quanto o público geral está equivocado em aceitar este ponto de vista da Tempestade No Deserto como, por exemplo, uma diversão?

Mmm, eu... O público geral é um bicho engraçado de se descrever. Ainda assim, não posso generalizar. Não penso em vocês, pessoal, mas eu diria que minha opinião é que muito disso ainda é bem inocente. E a maioria de nós são bons seguidores e muito poucos de nós são bons líderes. E os poucos de nós que parecem ser bons líderes, falando de um modo geral, não são.

Os bons líderes estão várias vezes escondidos em cabanas no Colorado, escrevendo poesia. Ou em algum campus universitário dirigindo o departamento de Filosofia ou algo assim. Estes são bons líderes, mas não os escutamos. Não lemos nossos poetas. Estamos interessados em pessoas que são caracterizadas como nossos líderes e que são na verdade, de um modo geral, pessoas muito doentes.

Minha visão de mundo é que os políticos de maior sucesso, devido à estrada que eles têm de seguir para chegar ao fim desse caminho, têm sempre algo seriamente errado na conduta. Você pode imaginar todas aquelas reuniões chatas que eles têm de ir? Toda aquela bajulação em bebês?

Você fez uma letra sobre um veterano de guerra que voltou ao Vietnã para enfrentar seus demônios e seus inimigos. E você está se perguntando, quando assiste a esta historinha, por que você está tão comovido com ela. Afinal de contas, são apenas dois seres existindo. E também, basicamente o que você está escrevendo é sobre seres humanos.

Um desses caras – aquele que me comoveu – cuidou de três mulheres morrendo de todos os tipos de câncer que você poderia imaginar, causados pelo agente laranja, desfolhante. Assim como toda uma geração de mulheres vietnamitas que viviam na roça, simplesmente morrendo dessa coisa. Se elas não estavam morrendo, então tinham filhos que eram deformados porque tinham sido destruídos geneticamente por este veneno que jogamos sobre seu país por todos esses anos.

"*The Wall* está se tornando um pouquinho da história do rock. Me orgulho por receber cartas de pessoas que o usaram, como professores, por exemplo"

É uma coisa estranha. É como se eu dissesse..." Uso essas coisas para escrever porque dou um grande valor a elas" E isso é o que gosto na televisão – se ela traz alguns destes momentos até mim. O que acontece dentro de mim que me comove tanto? Poxa, todo o estardalhaço é apenas entre dois seres humanos! Quero ter minha cara colidida contra dois seres humanos cada porra de dia, várias vezes se possível, a fim de livrar-nos do véu de consumismo que cobre nossas vidas.

Então você está procurando esses momentos de realidade entrando no meio da...

Estou procurando estes momentos, quando surge algo assim dentro de mim que faz eu me sentir bem em ser humano. Porque isso quer dizer que eu posso me relacionar com outros seres humanos, ou até mesmo cachorros ou árvores. Talvez isto esteja ficando um pouco budista, mas.

Quando você fala sobre o que é importante para você, querendo dizer como você se sente como um ser humano, ou como você se relaciona com cachorros ou árvores, notei que...

Ou como cachorros se relacionam com árvores...

Ah... Já vi isso. Hmmm, quando você lançar este álbum, quando estiver prensado, quando os CDs estiverem nas lojas, haverá um momento de espera pela reação ou você é capaz de dizer a si mesmo, "Disse o que queria dizer. Foda-se como for aceito"?

Acho que no caso deste disco, ambas as coisas são verdadeiras. Terei dito o que quis, foda-se como for aceito. Por outro lado, estarei esperando ansiosamente para ver se as pessoas o assimilam, captam alguma coisa dele... Quero dizer, *The Wall*, por exemplo, que as pessoas ainda estão assimilando, está se tornando um pouquinho da história do rock. Me orgulho do fato de receber cartas de pessoas que o usaram, como professores, por exemplo.

Sei que está tentando ser um pouco humilde – o que é incomum em você – em relação a *The Wall*. Mas *The Wall* se coloca – e vamos apenas dizer isso – no nível de *Sgt. Peppers*. Quero dizer que ele é para os anos 80, o que *Sgt. Peppers* foi para os 60. Este álbum, *Amused To Death*, em extensão e profundidade, é quase um passo além de *The Wall*, pois aquele disco era sobre tijolos pessoais, muros pessoais que colocamos em volta um do outro. E este trabalho é uma visão mais global disso. Que tipo de reação você espera ver com *Amused To Death*?

Sei lá, só o tempo dirá. Só sei o quanto isso foi importante para mim quando, sabe, costumava comprar discos. Ainda compro. Estávamos conversando sobre isso antes. Acabei de sair e comprar *Rust Never Sleeps* de novo, pois a faixa que abre o disco é uma grande música. Sou um comprador como qualquer outra pessoa. Esse negócio significa muito.

Músicas são realmente um jeito valioso de se expressar sentimentos. Tão valioso quanto romances ou peças ou pinturas ou qualquer outra coisa. E desde a introdução de instrumentos individuais na música popular – isto é, você não precisa mais de uma orquestra ou uma banda, se você tiver uma guitarra elétrica, é o bastante – é como ter tornado a coisa toda mais importante. Pois ficou mais alto de repente. Quero dizer, é um barulho mais alto. E as músicas são mais barulhentas e elas significam mais para as pessoas. E então o rádio chegou, e por causa de todo este negócio, isso é muito, muito importante para a nossa cultura.

Eu era realmente muito estimulado por Dylan, Lennon e Neil Young. Um montão de compositores... Joni Mitchell, Leonard Cohen... Ainda sou. Assim, simplesmente estou feliz em ter essa coisa individual entre eu – escrevendo músicas e as tocando, cantando – e vocês — quem quer que sejam vocês aí fora, tirando algo disso e reagindo a elas.

É importante o seu lugar na história?

Não.

Quero dizer, é óbvio que você já ganhou esse espaço na história e você é um cara relativamente jovem.

Sou extremamente jovem.

E você já fez isso diversas vezes. Com *The Dark Side Of The Moon*, *The Wall*, e acho que agora, com *Amused To Death*, vai acontecer o mesmo. Estou apenas escolhendo pontos de referência quando falo sobre vendagem de álbuns. Quero dizer, deve ser uma sensação extraordinária já ter conseguido isso e ainda assim ser jovem e várias vezes ter veia criativa o bastante. Pois, você sabe, você tem anos pela frente. Vamos agora conversar sobre a última faixa, intitulada "Amused To Death". E aqui você fecha o círculo de toda a história de uma maneira magnífica bem no finalzinho da música.

OK. Como forma de um preâmbulo, a idéia é que alguém numa galáxia distante viu uma luz cintilante no céu, que significa o fim do mundo. Pois, afinal de contas, nosso sol é apenas um negócio menor e está enfraquecendo, em termos relativos, bem rapidamente. Quero dizer, nossa espécie está fadada à extinção, sabe. Todos olhamos para a história o suficiente para entender que nada dura para sempre, a menos que Deus exista. A menos que tenhamos espíritos e almas imortais e toda essa coisa. Deus! Espero que tenhamos! Isso não seria ótimo?

Mas certamente, em termos de nossa existência corporal, estamos fadados a morrer. Não apenas como indivíduos, mas todo o planeta vai morrer no final. A questão é o que vai acontecer daqui até lá, quanto tempo vai levar e os sentimentos humanos que estão envolvidos. É sobre todas as pessoas, todo o mundo, não apenas as pessoas que eu e você conhecemos, se elas ganham ou não um justo estalo de chicote ou uma justa oportunidade de serem felizes enquanto estão aqui. E não há nenhuma razão pela qual não deveriam ganhar. *JIM LADD*

"O disco é todo sobre a televisão e nosso relacionamento com ela, sobre se ela será ou não um fator para o bem ou para o mal"

WATERS DENTRO E FORA DO PINK FLOYD

• "Tocamos o que queremos e o que achamos de novo. Somos a orquestra do movimento alternativo porque tocamos o que as pessoas livres querem ouvir. Não somos um anti-grupo, não somos anarquistas: somos a favor da liberdade, da criatividade e da beleza" *(mini-manifesto escrito por Waters e distribuído pela EMI, pouco antes do lançamento do primeiro álbum do grupo, 67)*

• "A gente não se importa de ser levado a sério, afinal nós encaramos a nossa música seriamente. Pode-se ser sério sem tornar-se intelectual ou chato." *(Rolling Stone, 72)*

• "Eu quase não leio ficção científica. Costumava ler bastante, mas agora só o faço ocasionalmente... As pessoas escutam *The Dark Side Of The Moon* e dizem que é *space rock*, o que é maluquice. Só por causa da palavra "moon" ("lua") no título, pensam que o tema do disco é ficção científica. Outros falam que nós fomos do "espaço sideral" para o "espaço interior", o que é uma tolice." *(Zig Zag, 74)*

• "Uma coisa é o aspecto legal, que só pode ser resolvido no tribunal. Quem tem a propriedade sobre o nome Pink Floyd?... O outro, totalmente diferente, se refere ao que é ou deixa de ser um grupo de rock. Quem são os Beatles? Só Paul McCartney e Ringo Starr são os Beatles? Creio que não, assim como o Firm não deveria se chamar Led Zeppelin, nem que John Paul Jones tocasse lá." *(Rolling Stone, 87)*

• "A apresentação de *The Wall*, em Berlim, foi a grande iniciativa cultural nas relações entre o Leste e o Oeste da Europa." *(Q, 90)*

• "Nunca fui um baixista, nem toquei qualquer outra coisa... Toco um pouco de guitarra nos discos e coloco frases de baixo, às vezes só para ouvir o som que eu faço quando bato numa corda com meus dedos ou com uma palheta, que para mim soa diferente do que qualquer outro músico faria... mas não estou interessado em 'tocar instrumentos', nem nunca estive." *(Musician, 92)*

SEGREDOS DE ESTÚDIO

Alan Parsons "*The Dark Side Of The Moon* foi um momento crucial em minha carreira e eu estava altamente motivado. Lembro que a banda freqüentemente saía do estúdio para assistir o programa do Monty Python, e naqueles momentos conseguia as melhores idéias – por exemplo, a sequência das pegadas de 'On The Run' ou os relógios de 'Time'. Gravei-os originalmente um a um em um antiquário para um disco de efeitos sonoros e só depois tive a idéia de colocá-los juntos. O disco foi gravado quando o sistema quadrafônico (*que reproduzia em quatro canais, ao invés dos dois habituais do estéreo*) tinha começado a despontar e várias partes dele foram concebidas com isso em mente – como a introdução de 'Money'."

Bob Ezrin "Meu trabalho era mediar duas personalidades dominantes (*Waters e David Gilmour*). Cada uma delas tinha a necessidade de se expressar em seu próprio estilo, que algumas vezes eram bem diferentes entre si. Briguei para emplacar a introdução de orquestra em *The Wall* – a expansão do som do Pink Floyd em algo mais orquestral, mais teatral... 'fílmico' seria a palavra. Isso alcançou o apogeu em 'Comfortably Numb', que David via como uma faixa despojada, apenas com guitarra, baixo e bateria. Já Roger a enxergava com a mesma sofisticação que eu. Então, essa música ficou como uma real colaboração entre nós – é a melodia de David, os versos de Roger e meu esquema orquestral."

Depoimentos dados à revista *Guitar World*, na edição de fevereiro de 93.

CAIXA DE DIAMANTES

Shine On dá uma geral na obra do Pink Floyd

Houve um tempo em que o corpo humano era tido como um vasto laboratório e nele a mente era destinada às mais intensas e elaboradas explorações. A trilha sonora *de rigueur* para essas explorações dos domínios da imaginação (termo mais tarde equiparado, com certa razão, a "tentativa de suicídio") era o **PINK FLOYD**: um painel sonoro impressionista, por vezes surrealista, cinemático, ocasionalmente infantilóide, mas sempre intrigante e – pelo menos no começo – bem à frente de seu tempo.

Esse tempo não existe mais – tampouco existe a banda que criou essa música. Hoje, o Pink Floyd sobrevivente é um mero caco de um rico mosaico ao qual faltam a piração visionária (mais tarde apenas autodestrutiva e nada salutar) de Syd Barrett e o amargor cortante de Roger Waters.

Mas boa parte desse legado mantém-se vital e relevante ainda agora. Ele acaba de ser condensado e transportado para o atual formato nobre da indústria fonográfica, o caixote. E **Shine On** (Columbia), sai em comemoração ao quarto de século de atividade da banda. Através da reedição remasterizada de sete álbuns originais – *A Saucerful Of Secrets* (68), *Meddle* (71), *The Dark Side Of The Moon* (73), *Wish You Were Here* (75), *Animals* (77), *The Wall* (79), *A Momentary Lapse Of Reason* (87) – mais um compêndio de singles e lados B (como o antológico "Arnold Layne", o primeiro compacto da carreira da banda), a caixa nos oferece um panorama da história do PF, que pode não ser definitivo (e as trilhas sonoras?), mas permite uma observação extensa das transformações por que a música do grupo passou.

O pacote inclui um livreto encadernado, de 110 páginas com anotações, entrevistas (de época), cronologia de eventos (situando no tempo a carreira da banda) e *design* a cargo do mesmo Storm Thorgerson da firma Hipgnosis (responsável por grande parte das capas dos discos do grupo). Tudo isso ajuda a justificar o alto preço da caixa (mais de 140 dólares nos EUA) e a viagem sem volta para a lata de lixo de todos os sete CDs que você tenha, porventura, comprado um a um.

JOSÉ EMILIO ROUNDEAU

Coletânea compensa ausências notáveis

Claro que a caixa do Pink Floyd trata-se de um tesouro para os fãs do grupo, mesmo com os salgados dólares a serem gastos numa importadora, já que ainda não há previsão de seu lançamento no Brasil, por enquanto. Mas a sofisticada apresentação do produto (em termos gráficos e de qualidade sonora) não justifica a não-inclusão do álbum de estréia do quarteto (*The Piper At The Gates Of Dawn*, de 67), com várias das canções mais memoráveis de Syd Barrett. Felizmente, "Arnold Layne", "See Emily Play", "Scarecrow" e outras lançadas só em compactos (como "Candy And A Current Bun") estão presentes na coletânea *The Early Singles*, que acompanha os sete álbuns do grupo.

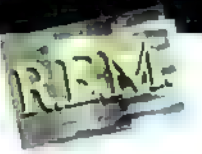
Por outro lado, não há qualquer sinal de *Ummagumma* (69), ou dos discos/trilhas, como *More* (69) e *Obscured By Clouds* (72). Quanto a *Atom Heart Mother* (70), pelo visto, o "disco da vaca" também foi para o brejo.

CELSO PUCCI

SUPERPROMOÇÃO

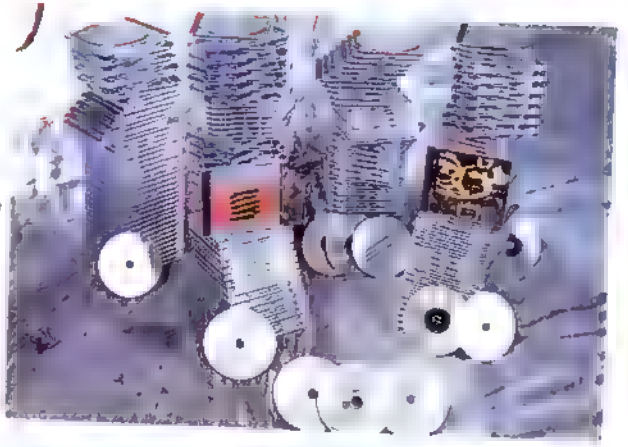
ROCK'N PRÊMIOS

Nesta e nos próximas 2 edições de Bizz, você vai encontrar envelopes com 4 figurinhas coloridas que trazem os símbolos das maiores bandas de rock do mundo. Cole onde quiser e delire com seus grupos preferidos.



E MAIS: ACHOU GANHOU!

Prepare-se para ganhar prêmios chocantes. Encontrando os vales-brindes dentro dos envelopes de figurinhas, você ganha CDs incríveis! Tem Faith no More, U2, Bon Jovi, L7 e muitos outros. Para receber seu CD, basta anexar o porte colante do vale-brinde numa folha à parte e preencher com seus dados completos. Depois ponha num envelope e mande rapidinho para "SUPERPROMOÇÃO ROCK'N PRÊMIOS BIZZ" — Caixa Postal 66.254 — CEP 05389-970 — São Paulo — SP. São 3000 CDs para você 1000 em cada edição. Participe!



REGULAMENTO:

1. A Superpromoção Rock'n Prêmios Bizz é válida em todo território nacional permitindo a participação de todas as pessoas que adquirirem a revista Bizz.
2. Nesta e nas próximas 2 edições da revista Bizz serão encartados envelopes contendo 4 cromos autocolantes cada um. Alguns destes envelopes vão trazer 5 cromos, sendo um deles, vale-brinde.
3. Cada vale-brinde poderá ser trocado pelo prêmio descrito no mesmo, não podendo haver troca de prêmios.
4. Encontrando um vale-brinde, o concorrente deverá anexar a parte colante numa folha à parte, preencher com seus dados completos, como nome, endereço, CEP, cidade, estado, telefone e RG do ganhador ou responsável e enviar para a "Superpromoção Rock'n Prêmios Bizz", Caixa Postal 66.254 - CEP 05389-970. O verso deverá ser guardado como comprovante. OBS: o vale-brinde traz, também, um número secreto para você esclarecer quaisquer dúvidas. A ligação é grátis.
5. Os prêmios serão entregues via Correio/Sedex acompanhados do AR (Aviso de Recebimento) expedido junto a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.
6. Os prêmios ficarão em exposição na sede da Editora Azul, à Av. das Nações Unidas, 5777 - Pinheiros - São Paulo - SP.
7. O prazo máximo para retirada/reclamação dos prêmios será de, no máximo, 180 dias da data de lançamento em banca da edição.
8. Não terão validade os vales-brindes que não apresentarem condições básicas para a verificação de sua autenticidade.

BIZZ

EDITORA AZUL

RAP RURAL

Com um aclamado álbum de estréia e shows surpreendentes, o Arrested Development causa sensação levando o hip hop urbano para o campo

"Nossos amigos sempre dizem: 'Você e o Speech são malucos, ouvindo essa musica!' ", diz Headliner, rindo. "Mas é disso que gostamos, sons de pássaros, mulheres trabalhando no campo, toda essa coisa ambiental de efeitos sonoros." O DJ ultrafalante faz uma pausa rapidamente, antes de me informar que, mesmo quando seu grupo está em turnê, elea mantêm a tradição: toda noite se reunem para uma de suas "reuniões em torno da fogueira", onde discutem questões — sociais, politicas e pessoais — que mais tarde vão se transformar em musicas.

Dá para ver que o Arrested Development não é como nenhum outro grupo. Apesar do sucesso — os singles "Tennessee" e "People Everyday" escalaram rapidamente as paradas americanas e britânicas, a musica "Revolution" foi incluida na trilha sonora do filme *Malcolm X*. Todo mundo, famoso ou anônimo, jurando amar esta banda. Mas pouca coisa mudou para o grupo. Continuam morando no campo, perto (mas fora) de Atlanta, Geórgia, onde foi criado *3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of ...*. "Foi o tempo que trabalhamos no album, o tempo que demorou para conseguirmos um contrato", explica Headliner. "As gravadoras diziam 'Não precisamos de mais um De La Soul'." Apesar dos tempos sem comida, eletricidade ou gasolina para o carro, o AD jamais desistiu. "O único prazer era a música", diz Headliner, que conheceu o produtor/compositor/rapper Speech numa escola de música em Atlanta. A dupla trabalhou sob diferentes formatos, até que "...saiu o disco do Public Enemy: eles estavam falando de questões importantes, do que estava acontecendo nas comunidades urbanas. Foi a grande mudança que aconteceu".

O nome Arrested Development veio por cortesia de um amigo, da idéia de que a humanidade em geral está em um estado suspenso de desenvolvimento e que a música pode ajudar no crescimento, espiritual ou politico. Logo depois o grupo foi aumentando: Aerle Taree (rap, vocais e visual do grupo), Montsho Eshe (coreografia), Rasa Don (vocais, dança, percussão) e Baba Oje (conselheiro espiritual).

"Para a gente é muito importante que as pessoas entendam do que estamos falando", insiste Headliner. "Sem isso o disco nao tem sentido." Antes de tudo é preciso entender o método: as letras, ou rap, vêm primeiro. Speech escreve, Headliner então mergulha em sua coleção de mais de quatro mil discos em busca da música certa para o tema certo. "Acho que as pessoas nao imaginam como é difícil esta arte", ele reclama. Os resultados são excelentes: um hip hop rural-étnico-funk, com um forte sabor do sul dos EUA. "Tennessee", explica Headliner "... não é uma faixa dance. É sobre a perda de pessoas próximas, sobre quando o Speech perdeu o irmão e a avó numa mesma semana". "Mama's Always On Stage" fala sobre crianças que são criadas só pelo pai ou pela mãe e diz respeito à própria experiência pessoal de Headliner. Mas, para entender a filosofia da banda, é só ler a letra de "People Everyday", uma releitura de Sly Stone. A mensagem é clara: qualquer um pode "fazer a mudança". O Arrested Development acredita no poder da palavra.

Segundo o DJ, o próximo disco abordará outros temas sérios, velhos e novos, sem se deixar afetar pelo sucesso inesperado. "Não vamos começar a fazer *gangsta rap*", ele brinca, apesar de ser fã do gênero e adorar Ice Cube. Por enquanto, o grupo está com um show (ver box) que prova de uma vez por todas que rap ao vivo pode funcionar. "Lembro dos shows que eu e o Speech íamos ver... os caras não faziam nada além de andar de um lado para o outro do palco! Decidimos fazer teatro, encenar cada música. Nosso show é uma celebração de nossas lutas. E tem mais uma coisa", ele avisa, "no grupo, cem por cento é pouco. Cada um dá duzentos, trezentos, quatrocentos por cento de si". *ANAMARIA G. DE LEMOS*

UM SHOW

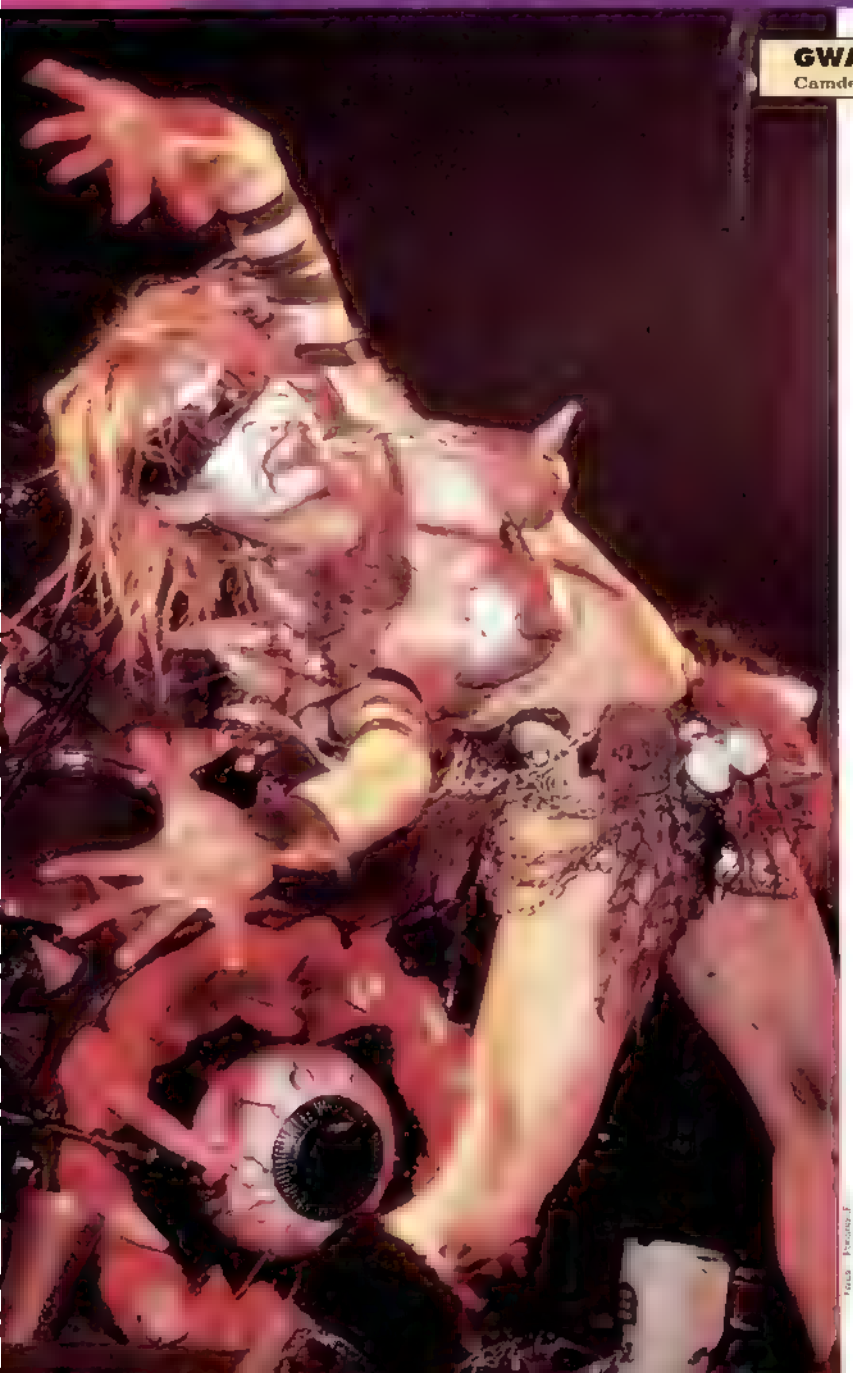
Três impressões sobre o grupo tocando ao vivo no Astoria, de Londres

• São mais de dez da noite quando a cortina sobe: chegamos à utopia rural do Arrested Development, com rodas de carroça e palha espalhadas pelo palco. A imponente Aerle Taree entra, carregando sua cesta majestosamente. Seguem-se muitas coisas: uma festa com muitos convidados, uma *rave* agitadíssima, uma celebração das raízes africanas, mas acima de tudo um grande show.

• Speech comanda o espetáculo, mas no AD nao ha funções fixas. Nas oito ou nove musicas da noite, todo mundo tem sua chance de cantar, tocar percussão, falar e principalmente dançar. Aliás, lá o ponto fraco (o único!) do show: Montsho Eshe, coreografo e principal dancor no, acaba irritando com seus movimentos forçados. Quanto ao resto, se há qualquer esforço, ele fica bem escondido debaixo de uma energia contagiante e autêntica.

• De repente aparece uma bíblia, muitos discursos e a musica "Fishin' 4 Religion", uma crítica ao papel da igreja negra americana. "Mr. Wendel" e daquelas que grudam em todo cerebro cinzento e so largam no ano que vem. "Mama's Always On Stage" — simplesmente genial — deixa todo mundo salvando. O funk dancehall de "People Everyday" explode o teatro de vez e faz com que os destroços humanos se encaminhem para a saida. *A.G.L.*

Ao vivo



GWAR
Camden Palace (Londres)

Preste atenção: o Gwar foi criado pelo Grande Mestre da Realidade para batalhar contra os dinossauros. Seus métodos perversos enojaram até o próprio Mestre, que os exilou na Antártida. Com o desastre da destruição da camada de ozônio, eles descongelaram, voltaram e... viraram uma banda de rock. E agora eles se encontram em Londres, no único clube que aceita recebê-los. Gente de todos os tipos enche a pista de dança, atrás de uma única coisa: sangue. Duas horas depois, saíram daqui manchados de vermelho e com um brilho insano nos olhos. Gwar é a melhor banda da atualidade.

Você não acredita? Olhe só para o palco: a palavra Gwar escrita com blocos de pedra e alguns dos quinze membros do grupo: o monstro Balsac, ou As Mandíbulas da Morte, Sylmenstra Hymen com seu biquíni de metal e tochas de fogo; o vocalista Oderous Urungus com sua armadura mortal e o baixista Beefcake, The Mighty, com seus músculos poderosos. Overdose visual.

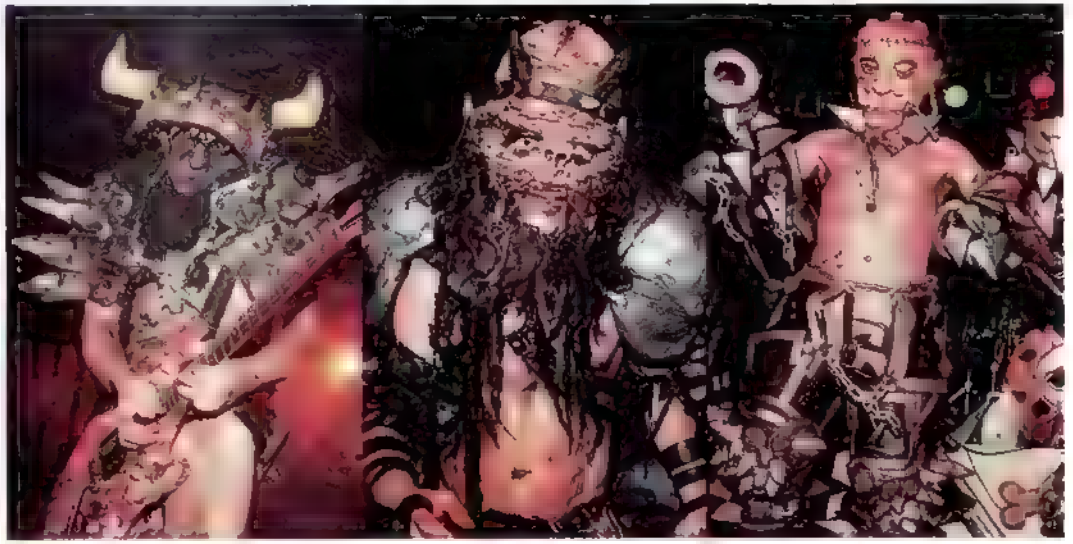
E não esqueçamos a música. Depois de dois discos fracos — *Hell-O* e *Scumdogs* —, o Gwar finalmente criou um álbum até com título bom, *America Must Be Destroyed*. O que antes era desculpa para a carnificina agora a complementa. Os músicos, incrivelmente competentes apesar das fantasias pesadas, jogam industrial, punk, thrash e rock'n'roll na mistura.

Aqueles de estômago fraco devem ficar longe do palco, porque todos os momentos mais sublimes vêm repletos de fluidos humanos. Como quando a cabeça do Papa explode, após ser sodomizado, ou quando Elvis é cruelmente assassinado. Cortado do *roadie* que sobe ao palco para testar um microfone. Seus "check...one, two" irritam Oderous, que arranca o braço dele, de onde o sangue jorra em abundância. Quando Sylmenstra é atacada, ela reage violentamente, fica brava e menstrua sobre a platéia. "Rock'N'Roll Never Felt So Good" é uma sátira fatal de bandas de heavy metal que insistem em decorar seus vídeos com mulheres: após ter seus braços e pernas arrancados, uma boneca é violentada por Oderous, que em seguida ejacula – com seu famoso pênis de borracha, que já foi confiscado pela polícia americana e deu origem ao vídeo do grupo *Phallus In Wonderland*.

Após dezenas de mortes, monstros, fogo e muita acrobacia, é a vez do empresário da banda, SleazyP Martin, anunciar sua candidatura à presidência. A banda aplaude e traz George Bush e Bill Clinton para a arena, onde são eliminados de maneira indescritivelmente desagradável.

Se você entender o sarcasmo subversivo do Gwar, ótimo. Senão, como diz Oderous Urungus, "você é burro e o problema é seu". O duro agora será assistir a outras bandas sem se afogar na sensação de total convencionalismo. O rock nunca mais será o mesmo.

ANAMARIA G. DE LEMOS



TELEVISION
Town & Country (Londres)

Foram catorze anos sem o Television, de discos solo e bandas diferentes. Mas durante essa eternidade, o grupo nunca foi esquecido. Afinal, quem é que não citou *Marquee Moon* em entrevistas como um dos discos fundamentais da história do rock? Quem é que pode se esquecer que foram as roupas rasgadas de Richard Hell que deram origem ao visual punk? Ou que em meados dos anos 70 foi o Television que convenceu os donos do CBGB's em Nova York de que valia a pena ter bandas tocando ao vivo..., abrindo a porta para Talking Heads, Blondie, Patti Smith Group?

O que era tão bom assim no Television para fazer o retorno em pleno 92 parecer tão válido? Um senso de humor seco, uma facilidade assustadora de falar sobre o absurdo. E a música. Hipnotizante seria a palavra adequada. A platéia parecia concordar aplaudiam alucinadamente as velhas e famosas canções, mas redobravam a atenção na hora do material novo. Todo mundo perto dos trinta anos, o máximo que se fazia em termos de dança era um novo e um leve chacoalhar de cabeças. Mas tédio isto não era.

O show começou com Tom Verlaine — o famoso rosto ainda mais cadavérico — afinando seu instrumento. O resto da banda o acompanhava com um fundo errático e a guitarra então flutuava. Era "Rhyme", quase instrumental. "Call Mr. Lee" foi um exemplo perfeito do casamento sublime das guitarras de Verlaine e Richard Lloyd: não havia uma solo e outra rítmica, mas sim frases que se entrelaçavam, se complementavam e seguiam por caminhos diferentes. Em "Beauty Trip", a frase "My heart goes boom, boom..." divertia era a mesma voz de Tom, que depois, em "The Rocket", nos arrepiaria ao cantar "Aproveite sua liberdade política... agora".

Eles tocaram "Marquee Moon" e "Prove It" e outras indispensáveis. Nem o tempo, nem os copiadores e nem as drogas acabaram com este humor sóbrio, esta guitarra que vai do country ao oriental. Se clássico é aquilo que sobrevive ao tempo, que outra palavra se poderia usar para o Television? *A.G.L.*

CAMISA DE VÊNUS

Concha Acústica (Salvador, BA)

Uma horda de 5 200 fanáticos detonou em praticamente 24 horas todos os ingressos disponíveis para o show de retorno do Camisa de Venus, abertura oficial da turnê comemorativa dos dez anos de estrada do grupo, que estava prevista para seguir por dez capitais. Mais de mil não conseguiram ingressos. Ameaçaram derrubar os portões, foram contidos por dois camburões da polícia de choque e tiveram que zoar do lado de fora do teatro.

Bem, e o que ocorria lá dentro? Nada mais nada menos que o melhor show de rock dos últimos anos em Salvador. A saudade mutua era imensa. Na platéia, a histeria de rever aqueles poras-loucas novamente juntos chegava a níveis inimagináveis. No palco, um show inesquecível. Era o Camisa de volta, no seu melhor vigor, detonando os velhos e bons hits. O bônus ficou por conta do escrachado vômito punk de "Pau No Cu De Deus", uma das quinze canções inéditas feitas pela banda nos tempos áureos.

Houve quem se emocionasse durante o espetáculo e decidisse entrar no palco para agarrar os idolos. A recíproca era em forma de socos e pontapés disparados por Marcelo Nova. Apesar de algumas ameaças de tumulto, a festa não parou, até o momento em que cada um dos "velhos" integrantes da banda foi deixando o palco numa cadeira de rodas. É certo que o tempo passou. Mas o grito "Bota Pra Fuder", continua. E o melhor: a festa só está (re)começando.

LUIS CLAUDIO GARRIDO

NED'S ATOMIC DUSTBIN/THERAPY?/PAW

Irving Plaza (Nova York)

Ainda com noventa por cento do público do lado de fora, o Paw entrou no palco: quatro caras mal encarados, com pinta de fazendeiros. O vocalista tirou qualquer dúvida: "Somos quatro caipiras de Kansas City e gostamos de som bem alto". A banda começou a tocar um ótimo som pesado, quase Black Sabbath, misturado com riffs country estilo ZZ Top. Apesar das diferenças ideológicas, os modernosos fãs do Ned's Atomic Dustbin aplaudiram com vontade o Paw e um pequeno *mosh* começou a se formar no meio do povão.

Com o palco trocado, chegou a vez do Therapy?. Esse trio de irlandeses implodiu o lugar com um hardcore trabalhado, que lembra Big Black e Gang Of Four. Os riffs do guitarrista Cairns pareciam saídos do Ministry. Os minutos iam passando e o show ficava cada vez mais alto, pesado e sujo. Cairns e o baixista McKeegan corriam pelo palco feito uns alucinados. Os seguranças não conseguiam conter a molecada que subia no palco para saltar em *stage divings* cinematográficos.

E agora, Ned's? Subir no palco depois do Therapy? parecia um castigo implacável. Mas tive que engolir os preconceitos.

Ao vivo, a banda foi foda. Parecia um Jesus Jones de macho, dinâmico e barulhento. Os dois baixos (de Alex Griffin e Mat Cheslin) e a bateria de Dan Worton construíam uma base pesada e dançante. O guitarrista Garath "Rat" Prince soltava acordes distorcidos e muita microfonia. O vocalista John Penney tinha uma presença de palco empolgante e vez por outra saía do palco para voltar saltitante, trincado e torcendo o nariz, cheio de energia.

O Ned's Atomic Dustbin mostrou algumas faixas de seu novo álbum, *Are You Normal?* e os hits de *God Fodder*, que foram cantados em coro. No final, todo mundo suado, encarando chuva e um frio de três graus do lado de fora, mas ninguém parecia se importar. Uma noite como essa tinha valido qualquer sacrifício.

ANDREBARCINSKI

TRIBUTO A LARRY LEVAN (54-92)

Uma lista com os cinco DJs mais importantes da história teria que incluir o doidão Larry Levan. No comando da pista do Paradise Garage, em Nova York, virou um mito. O som e o astral do lugar influenciaram toda a geração dance dos anos 80 (especialmente o garage). Uma seqüência típica poderia incluir disco da Philadelphia, reggae nervoso, Afrika Bambaataa e "Magnificent 7", do Clash – tudo virado e mixado a milhão através de três pick-ups. Ele literalmente criava remixes na hora. O ambiente do lugar virou lendário e modelo a ser copiado: alto astral, despretensioso, com todo tipo de gente. Seus remixes e produções como Gwen Guthrie e Peech Boys marcaram época. Ele foi um dos pioneiros no uso das técnicas e efeitos do dub (até então mais restrito ao reggae) na dance. O problema é que Levan pegava pesado na poeira. Seu uso continuado o matou de ataque cardíaco no começo de novembro.

MAIS DJS GRINGOS

Dois DJs gringos vieram a São Paulo em novembro pelo projeto Dance Energy (que trouxe Paul Oakenfold e Steve Lee). O argentino Alfredo Fiorito é o mais famoso DJ de Ibiza, herói da geração acid house de 88. Já discotecou no Hacienda e no Milk Bar. O inglês Lee Fischer já passou pelo famoso clube Venus, de Nottingham, e está fundando o selo independente Bostin. Os dois estavam cheios de novidades legais mas que infelizmente foram cair nos ouvidos indiferentes do público boy-bundão das casas onde tocaram. É a velha novela DJs certos, público errado. Até quando?

Synergy, a tal coletânea de remixes de clássicos da gravadora disco Salsoul deixa a desejar. Bom, era de se esperar: alguém, sinceramente, sabe de um remix de uma disco que tenha ficado melhor que o original? Mas essa coletânea tem suas curiosidades. O serviço de Hurley em "A Little Love" (Aurra) é um dos melhores, variando seu padrão. "Ten Percent" (Double Exposure) ganha um trato legal do Masters At Work. O crime mor aqui é a versão de Charley Casanova para "I Got My Mind...", do Instant Funk. Aquele groove tão original de 78 virou um monstro tecno anônimo.

nas PISTAS

"I'm Gonna Get You" Bizarre Inc (Vinyl Solution)
O single mais fraco do Bizarre. house-disco padrão com o sample "Why waste your time?" que já havia enchido a paciência com o Splash um tempo atrás. Hit garantido em qualquer pista. O LP de estréia Energique vale a pena.

"Funky Guitar" TC 1992 (Union City)
Uma música FORTE com todas as letras. O título explica tudo. A levada derruba tudo pela frente.

"Metropolis" Future Sound Of London (Jumpin' & Pumpin')
Coisa fina e sofisticada. Esse EP traça novos limites (uma espécie de passagismo sonoro) para o que originalmente seria chamado tecno, mas agora pede outro nome (progressive? trance?).

"It Will Make You Crazy" Felix (Deconstruction)
Uma música tão poderosa como "Don't You Want Me", o primeiro do Felix, só se faz uma vez na vida. Mas esse segundo está longe de ser decepcionante. O clima tenso/robótico continua presente.

"Purity" The Aloof (Cowboy)
Terceiro single do elogiado grupo do ainda mais elogiado selo inglês Cowboy. Refrão pop reconhecível a distância. C.R

SAIU O NOVO MANGÁ
O JEITO JAPONÊS DE FAZER QUADRINHOS.

A Lenda de Kamui

UMA AUTÊNTICA HISTÓRIA NINJA PRA VOCÊ LIQUIDAR EM TRÊS TEMPOS.

Escrita e desenhada por um profundo conhecedor das tradições ninjas do Japão antigo, A Lenda de Kamui mostra a espetacular saga de um guerreiro renegado. Em cada página, uma explosiva sequência de ação, com desfechos surpreendentes, espera por você.

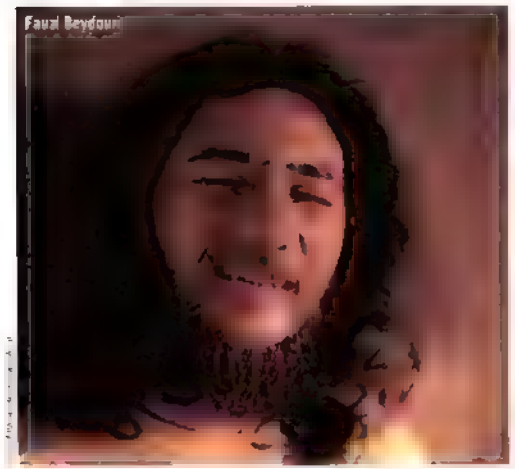
• SÉRIE EM 3 EDIÇÕES MENSAIS • FORMATO ORIGINAL

Abril Jovem

NAS BANCAS

SÃO LUÍS, O IMPÉRIO DAS RADIOLAS

o reggae agita a terra dos Sarney


Fauzi Beydoun

Radiola Estrela da Sem

Ferreirinha, chefão do reggae local

A capital do Maranhão virou Jamaica, de ponta a ponta e em todos os sentidos. Bandas? Pelo menos uma legítima, a Tribo de Jah. Mas o barato mesmo é radiola. São dezenas de amplificadores, mais tapes, equalizadores, câmaras de eco e muitas, muitas caixas acústicas construídas em fundo de quintal — artesanais, porém poderosíssimas. É esse aparato que garante a dança, a animação e a sede de cerveja de quarta a domingo, toda semana, o ano todo, em quase uma centena de salões e clubes espalhados por toda a ilha.

E para fazer sucesso há vinte anos entre os descamisados do Maranhão, seja nas radiolas ou nos vários programas de rádio, AM ou FM, não basta ser reggae, tem de ser "pedra". O termo define um tipo de reggae bem marcado, bauxudo, que pipocou na Jamaica principalmente nos anos 60 e 70.

Para abastecerem-se dessas preciosidades a primeira saída foi pedir catálogos de distribuidoras nos Estados Unidos e na Inglaterra. Depois, muitos radioleiros se mandaram para a Europa, gravadorzinho à mão e frases do tipo *good morning, I want to buy reggae records* numa fita cassete. Piada? Psicose? No, man, it's reggae fever!

Agora o negócio é ir para a Jamaica. Mas para um público consumidor que prefere artistas desconhecidos, como Jimmy London, Ken Lazarus e Jackie Brown, nem a própria Jamaica é tão farta assim. O dance hall reggae toma conta das lojas, e para achar o que realmente interessa para o Maranhão é preciso escarafunchar os baus que se escondem nos fundos das lojinhas ou nos depósitos de antigos produtores, como Clement Dodd ou Duke Reid.

Vale a pena, já que o negócio das radiolas em São Luís (e em várias outras cidades do interior do Estado) vai muito bem. Um bom *sound system* desses faz de duas a cinco festas por semana, à base de Cr$ 4 milhões cada uma. Uma fita cassete gravada em casa com "pedras" exclusivas pode alcançar até Cr$ 200 mil. O radialista Ademar Danilo, do programa Conexão Caribe, na Difusora FM, foi o único candidato do PT a vencer as eleições para vereador, graças à popularidade entre a negadinha do reggae. Fauzi Beydoun, também radialista, radioleiro e líder da Tribo de Jah, bancou o primeiro LP da banda e está com dois carros novos na garagem. Coisas que nem os rastas mais inspirados profetizaram.

OTAVIO RODRIGUES

A INVASÃO DOS COMPACTOS

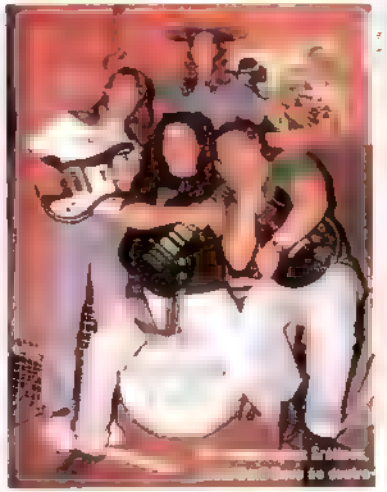
Agora ninguém mais pode reclamar. Doni Bava, vocalista do Mentecaptos Eróticos, descobriu uma esperteza para se produzir compactos a um custo total de 500 dólares. Ele fundou uma gravadora, a We Love Money Corporation, que funciona num sistema cooperativado aberto. Ou seja, quem banca os discos são as próprias bandas, selecionadas por Doni, que cuida da distribuição e divulgação dos discos.

A primeira fornada lançada em dezembro, reuniu bandas fodonas da região do Grande ABC (SP) como Hatred, Pakdermes, Montanha, DZK, os próprios Mentecaptos Eróticos e o paulistano Avalon. O material é coisa finíssima. Pancadas de rock'n'roll monstruoso e honesto que devem continuar pipocando neste ano.

Doni promete "no mínimo seis compactos de cada banda no período de um ano e outras coisas novas que pintarem".

Para quem quiser descolar os discos ou tentar o seu, o contato é: Donizete Barbosa – We Love Money Corporation. Rua Siqueira Campos, 644 – Santo André/SP. CEP 09000.

Outro grupo de Santo André, o Siegrid Ingrid, também estréia em compacto, pelas gravadoras Rotthaness Records (Brasil) e Rigid Records (EUA) associadas. Encomendas: Nelson Augusto dos Santos — Caixa Posta. 1197/ Ag. Centra , CEP 01059 São Paulo/SP.



OS MAIORES ASTROS DO ROCK EM FOTOS ALUCINANTES!

NESTA EDIÇÃO RAMONES

E MAIS:
Extreme
Sinéad O'Connor
Paula Abdul
Peter Gabriel
2 Unlimited
B-52's
Pixies
Power Station
Ugly Kid Joe
EMF

REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

WANDA JACKSON

Desde o início dos anos 60, Wanda Jackson tem gravado inúmeros singles e álbuns de country music, uma longa fase de sucesso iniciada com o hit "Right Or Wrong", em 61. Estabelecida como estrela do estilo, Wanda fez carreira internacional e um sucesso enorme na Europa e no Japão. Foi uma das raras artistas do gênero com trânsito livre no circuito *lame* dos clubes de Las Vegas. Desde meados dos anos 70, convertida à religião batista, tem gravado assiduamente música religiosa pelo selo Myrrh.

Para nós, fãs do bom rock, o melhor de Wanda foi gravado na Capitol, onde iniciou a carreira em 56. Antes teve seu próprio show de rádio por volta de 50, na idade precoce de treze anos. Dois anos depois, cantava na banda The Brazos Valley Boys, dirigida pelo mestre do *western swing* Hank Thompson. Wanda deixou a banda em 54, indo gravar pela Decca, dividindo alguns vocais com Billy Gray, outro egresso da banda de Hank Thompson. Em 56, assinou com a Capitol que, inspirada no emergente sucesso do rock'n'roll, gravava discos de rock/rockabilly com todos os artistas do seu *cast* dito country. Esse estilo primitivo resultou em interessantes hits crossover que tanto empiacavam na parada pop, quanto na country – vide Sonny James, Faron Young, Ferlin Husky e Jerry Reed.

Wanda causou um choque com seu estilo agressivo, os vocais rascantes e afiados feito navalha, cantando rockabilly e rock'n'roll, somando seu vigor à sensualidade da música negra nos sons alucinantes de rocks como "Honey Bop" "Fujiyama Mama", "Rock Your Baby", "Let's Have A Party" e "Tongue Tied".

Wanda gravava material próprio, original, parte escrito por ela mesma e covers sensacionais – quando gravou Chuck Berry, Little Richard, Charlie Rich, George Jones, LaVern Baker e tantos outros. Wanda muitas vezes superou os originais e, no todo, sua obra como cantora de rock resiste à comparação entre seus contemporâneos mais ilustres.

Alguns deles como Elvis e Buddy Holly inclusive exerceram influência sobre o trabalho de Wanda. Outras referências vieram das bandas de *western swing* (Hank Thompson, Pee Wee King e Bob Willis) e das cantoras country com acentuado peso rítmico (Kitty Wells, Patsy Cline e Rose Maddox), além da música negra. Seu estilo virou uma referência e um modelo a ser seguido. Foi largamente imitado, são numerosas as gravações realizadas nos anos 50, onde garotas se esforçavam para imitar Wanda Jackson até no seu sotaque de Oklahoma. Embora não fosse rotulada como cantora de rock simplesmente, sua fidelidade ao estilo merece registro, pois mesmo depois de voltar ao country em 61, gravou rock'n'roll esporadicamente até 65, quando este então era um gênero totalmente ultrapassado. No Olimpo fantasioso do rock'n'roll, a deusa ma s bela e mais fascinante será sempre essa deslumbrante Wanda Jackson.

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Wanda Jackson (58, Capitol) *EUA*
Rockin' With Wanda (60, Capitol) *EUA*
There's A Party Goin' On (61, Capitol) *EUA*

DISPONÍVEL EM: CASSETE · COMPACT DISC

AVALIAÇÃO: INDISPENSÁVEL · BOA PEDIDA · VALE CONHECER · NÃO FAZ FALTA · MANTENHA DISTÂNCIA

LEGIÃO URBANA
Música P/ Acampamentos
(EMI-Odeon) ☺

Ainda que mais pareça o título de alguma coletânea do 14 Bis, ou de Sa, Rodrix & Guarabira, *Musica P/ Acampamentos* é mesmo o último trabalho da Legião Urbana.

Por trás da brincadeira com o espírito "bicho-grilo" que, vez por outra, vem se insinuar nas criações do grupo (aliás, o desenho que Marcelo Bonfá fez dos três ao redor de uma fogueira ficou ótimo!), encontra-se um insuitado apanhado da trajetória da principal banda de rock do país: faixas gravadas ao vivo, uma eventual sobra de estúdio ("A Canção Do Senhor Da Guerra"), mais trechos do *Acústico*, da MTV e de especiais para FMs do Rio e de SP.

Como que minimizando os tempos em que era sinônimo de rebeldia espontânea, o grupo evitou que o disco contivesse alusões aos incidentes que andaram perturbando suas exibições ao vivo, a partir de 88.

Mais: não há nem sinal do Renato Russo indignado e verborrágico, dado a intervenções de teor político-social entre as músicas ou ao questionamento de certas atitudes do público. Ainda assim, o inconformismo teima em vir à tona. É o que se ouve na "novela radiofônica" que abre "Baader-Meinhof Blues": depois de ter seu carro interceptado por um camburão, alguns garotos acabam sofrendo todo tipo de abuso nas mãos de um policial demente.

Numa abordagem mais técnica, não deixa de ser intrigante a opção da Legião por uma sonoridade francamente *low fi*. É verdade que as sete faixas pinçadas do show no Parque Antártica foram obtidas numa mesa digital de 24 canais, mas parte significativa do material ai presente soa sujo, retendo o sacrossanto *punch* do rock analógico. A manobra pode ser exemplificada pela dobradinha "Ainda É Cedo"/"Gimme Shelter", que foi transcrita sem retoques de uma matriz feita em fita cassete. Lembrança de uma época em que Renato Rocha, o Negrete, ainda mandava ver no baixo. O rock 4 x 4 dos legionários improvisa uma ponte com o clima claustrofóbico do hit dos Stones: "Where are the druga? Where are the fuckin' drugs?!", indaga perplexo á certa altura "El Russo", provocando inevitáveis arrepios na espinha.

De resto, a falta de mais composições novas se vê compensada por farta dose de covers e *medleys*, em que o trio presta homenagem a alguns de seus ídolos: Phil Spector ("You've Lost That Lovin' Feelin' "), Beatles ("Ticket To Ride"), Buffalo Springfield ("On The Way Home"), Cazuza ("Blues Da Piedade") e até George Gershwin ("Rhapsody In Blue"). Nada mal para um grupo que, há quase quinze anos atrás, chacoalhava o tédio brasiliense tentando zoar ainda mais barulhentos que os famigerados grupos punk Matança E Seus Cachorros e Choque No Caralho.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

SEX PISTOLS
Kiss This
(Virgin/EMI-Odeon)

Todo mundo sabe que os Sex Pistols mudaram a história da música mundial. O gozado é que, hoje em dia, os Pistols não soam como ruptura com absolutamente nada. Parecem perfeitamente integrados numa linha evolutiva lógica do rock malcriado. Bisnetos de Gene Vincent/Eddie Cochran, netos dos Stones e do Who, filhotes dos Stooges.

Isso fica super evidente em *Kiss This*, uma antologia com os "melhores momentos" dos Sex Pistols em *Never Mind The Bollocks* (quase o disco inteiro) e *The Great Rock'N'Roll Swindle*, mais raridades, lados B e varias covers – inclusive as clássicas "(I'm Not Your) Stepping Stone" e "My Way" (hits dos Monkees e de Frank Sinatra, respectivamente). Para mim (que não ouvia nada dos Sex Pistols desde o verão de 86, no sertão da Bahia!), foi uma revelação.

O disco tem três versões: em vinil com dezoito músicas, em CD com vinte e mais um outro pacote especial que só saiu na Inglaterra e inclui um show dos caras de 77. As três contem um encarte legal demais, com comentários sobre cada uma das músicas, feitos pelos quatro Pistols sobreviventes.

Nenhum fã pode passar sem essas *liner notes*. John Lydon detona a cena punk de Nova York, dizendo que "eles eram muito mais velhos e tradicionalistas que nós... e ainda são". Dá para sacar que Steve Jones e quem mudava o som da banda. E você acreditaria que "Pretty Vacant" teve seu riff roubado do Abba?"

No fim, *It's only rock'n'roll* e eu gosto... mas não é "só" rock. foi o evento extra-musical Sex Pistols que disparou a mutação mais importante dos anos 70. Foi a atitude e o estilo dos caras que transformaram (e continuam transformando) o jeito de pensar, de se vestir, de se organizar e do cacete a quatro da moleçada mundial.

Repare: a lema-mantra punk *do-it-yourself* nunca foi tão viável na prática quanto hoje, depois da explosão tecnológica dos anos 80. A lógica era "se eu posso fazer, você também pode. Se ninguém faz o que você está querendo, faça você".

Pois continuou sendo e será cada vez mais – só para ficar na área musical, estão aí os Nirvanas e DJs que não me deixam mentir. Estamos em pleno 93 – e *Sid's not dead*. *ANDRÉ FORASTIERI*

ROY ORBISON
King Of Hearts
(Virgin/EMI-Odeon)

Desde sua morte em 88, o espólio musical de Orbison não tem ressurgido apenas em coletâneas-picaretas, mas em diversas reedições históricas e compilações de faixas raras e inéditas. Essa *King Of Hearts* não chega a ter tal relevo, mas também não se trata de um mero caça-níqueis póstumo. Organizada por sua mulher, Barbara Orbison, a seleção é centrada em sobras do último álbum de Roy *Mystery Girl* – com participações de T-Bone Burnett, Don Was, Robbie Robertson e tantos outros. Se a moldura instrumental "atualizada" feita por eles passa longe da fase clássica do cantor, por outro lado não chega a embaçar o brilho perene da voz de Big O. Comprove ouvindo o *remake* de "Crying", no dueto com k.d.lang vencedor de um Grammy. *C.P.*

HERBERT VIANNA
É Batumaré
(EMI-Odeon)

Herbert Vianna rompeu com os limites da rotina "geração 80". Com um manifesto que vem junto ao disco *É Batumaré*, ele se coloca como um "independente", parte do movimento "alternativo" do novo rock brasileiro. E como prova disto, gravou este seu primeiro disco solo em uma garagem, usando um equipamento semi-profissional.

É Batumaré, em alguns momentos, soa como uma coletânea de pontas de estúdio. Herbert é autor de tudo e toca todos os instrumentos. Paradoxalmente falta unidade ao disco. Talvez pela ausência de João Barone e Bi Ribeiro, que são os pés no chão dos Paralamas Do Sucesso. Mas isto não é um problema que tire a importância deste disco. Aliás, o próprio Herbert não parece muito preocupado com unidade ou qualquer coisa que faça de seu disco um produto mais vendável. Cada faixa segue no limite do pop com a pura esquisitice.

Se é possível falar dos Paralamas como filhotes do Gilberto Gil, neste disco Herbert "caetaneou". Ate com os mesmos tremolos no vocal. E os mesmos discursos, menos messiânicos, menos poseur e mais trados. Mas que de qualquer maneira mostram a forte marca de Caetano.

Mas nem só disso vive o disco. Herbert reúne, de maneira quase harmoniosa, João Cabral de Melo Neto e Paris Texas, cita Ze Ramalho, canta uma música de Tom Verlaine (líder do quarteto novaiorquino Television) e mais, junta o agressividade do espírito punk com a revolta das letras politizadas do MPB nos anos 60. *R.C.*

THE FARM
Love See No Colour
(End Product/Sony)

Eles erguem a voz contra o capitalismo selvagem. E dói? Ainda que isso fosse sincero, não tornaria este disco menos insuportável. E algo de fazer qualquer rave virar baile da saudade com dance rançosa e corinhos medíocres. Até "Don't You Want Me" (do Human League) é estragada na voz broxa de Peter Hooton. Para não dizer que não falei das flores, tem a capa "mamosa", que sugere uma troca por um disco do Geraldo Vandré. A militância e a chatice são as mesmas. *J.J.E.S.*

TALKING HEADS
Once In A Lifetime
(Sire/Warner)

Lá por 85 os Talking Heads eram cultuados e celebrados pelo seu pop vanguardoso e intelectualizado, cheio de afro, funk e dance. Hoje finado, o grupo perdeu a importância e não influencia ninguém. David Byrne disputa com Sting e Paul Simon o título de "gringo-mala-fá-de-axé-music". Essa coletânea os coloca no lugar devido: uma banda pretensiosa e chata 80% do tempo, mas que nos 20% restantes fazia singles animais como "Psycho Killer", "Burning Down The House" e outros contidos aqui. *C.R.*

ALICE IN CHAINS
Dirt
(Columbia/Sony)

Ouvindo-se Alice In Chains, obtem-se um novo ângulo do movimento *grunge*. Em primeiro lugar, o grupo não é chato como o Pearl Jam. O AIC aproxima-se mais de um Nirvana na sinuosidade das melodias que desenvolve. E – ainda como o Nirvana – consegue criar *catchy songs* como definem os americanos, ou seja, canções pegajosas. A semelhança se estende ao vocal, também aparentado de Kurt Cobain. Mas a semelhança parece acabar por aí. A base centrada em paredes de acordes de guitarras está mais para o heavy metal britânico do início dos anos 70 do que para a hereditariedade punk que se nota atualmente no Nirvana.

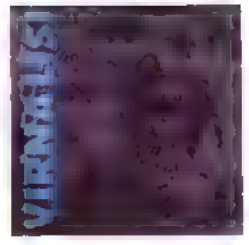
O Alice In Chains, sem duvida, filia-se à escola e à estética ruidosa, mas tem sua identidade própria definida. Assim como em todos os momentos musicais, é bem possível que o grupo precise ser redescoberto depois de passado o *hype* Seattle. *J.J.*

EXPULSÕES
The Unholy One
(Cogumelo)

Minas produz podreira como pão de queijo. Este quarteto de lavras vomita letras que deixariam Madonna corada. A produção é muito boa. As guitarras, ferozes. Os riffs mais lentos lembram Black Sabbath, mas o grupo se perde quando tenta virar um trem descontrolado. Se deixar de lado os clichês de death metal, o Expulsões vai ter futuro. *J.R.L.*

JOE COCKER
The Best Of Joe Cocker
(EMI-Odeon)

A não ser por um ou outro lampejo criativo, as gravações que Joe Cocker fez de 80 para cá o mostram bem aquém do seu potencial. Displicente, ele preferiu torturar os fãs com baboas de Bryan Adams e Dianne Warren a garimpar material mais consistente. Vide esta coletânea, pontuada pela monumental sacanagem de "Up Where We Belong", hits de arena como "Shelter Me" e "When The Night Comes", e uma regravação "ao morto" para "With A Little Help From My Friends". *A.G.C.D.*

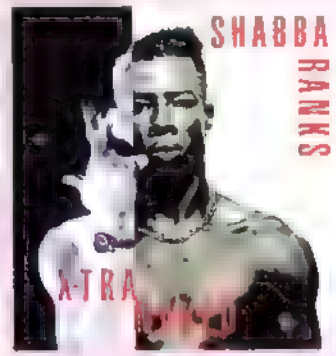


VIRNA LISI
Esperar O Quê?
(Tinitus)

A uma primeira audição, a música de Virna Lisi pode parecer aparentada à dos Titãs, é a referência que naturalmente vem à cabeça a princípio. Mas, ouvindo-se mais atentamente o disco de estréia dessa banda mineira, percebe-se o que ela tem de próprio e o que veio.

De cara, chamam a atenção, ao lado do destaque dado ao peso das guitarras, intervenções aqui e ali de instrumentos como reco-reco, tamborim e repinique. Toques de samba e outros ritmos brasileiros tradicionais fornecem ao som do grupo um acento diferente, mas entram mais como elementos de fundo. O que importa mesmo é que há experimentação, inquietação e entusiasmo na Virna Lisi, aspectos que não faltam também nos textos. O fato de contarem em português expõe mais os erros e os acertos – estes muito mais freqüentes do que aqueles. As letras, funcionam como estilhaços poéticos que surpreendem pela contundência ("Ofício", "Esperar O Quê?"), pelo jogo de palavras ou pela exploração de temas impensáveis (língua, por exemplo, em "Benvinda").

É preciso concluir precisar o imprecisso, mesmo quando a imprecisão e a obscuridade forem intencionais, como parecem ser os casos das canções "Posso" e "Dia Lento". Um mineiro célebre, Guimarães Rosa, era mestre nisso. O radicalismo de um outro, o Drummond de "Isso É Aquilo", talvez possa servir de referência para as experiências enumerativas, presentes no boa "Obvio", deste bom Esperar O Quê?. *C.Re*



SHABBA RANKS
X-Tra Naked
(Columbia/Sony)

Bem antes das obscenidades calculadas de "N. Sra Ciccone", Shabba Ranks já centrava toda a sua obra "naquilo" e *X Tra Naked* (a começar pelo título) não é exceção à regra. Desta vez porém, entre uma libidinagem e outra, o peladão Shabba encontrou a dosagem certa entre a crueza do *raggamuffin'* e o polimento rhythm n'blues indispensável à conquista do mercado americano.

O mais bem-sucedido artista jamaicano da atualidade realmente não brinca em serviço, como fica comprovado nesse seu novo álbum. Em "Slow & Sexy" ele conta com os trinados do astro do *swingbeat*, Johnny Gill. E deixa o trabalho pesado nas mãos dos superprodutores Jimmy Jam e Terry Lewis (Janet Jackson, Alexander O'Neal, etc...). O time de produção, aliás, é um verdadeiro *who's who* do dancehall. Bobby "Digital" Dixon, a aerodinâmica dupla Steeche & Cleevie e Clifton "Specialist" Dillon, mentor e *manager* de Shabba. O especialista assina um dos melhores momentos do disco – o balanço lento e irresistível de "Muscle Grip", construída em cima de uma frase de baixo da música "Reasons", do Earth, Wind And Fire.

Essa nova batida, que já está sendo chamada de dancehall-soul, ganhou força com o sucesso de "Flex" (com Mad Cobra) e se encaixa como uma luva na voz rouca do "Mr. Loverman".

Mas é nas faixas mais "ortodoxas" do disco – como "Cocky Rim", "Bedroom Bully" ou "Ting-A-Ling" – que o talento de Shabba como *toaster* fica ainda mais evidente. Ah, entre o vazio melódico das baterias eletrônicas marciais e os eventuais sussurros e gemidos femininos ao fundo, a grande atração fica por conta das inflexões vocais e o ritmo ditado pela voz cativante de Shabba.

Estreitando ainda mais suas relações com a comunidade hip hop, *X-Tra Naked* traz ainda as participações do rapper Chubb Rock FM e da sempre ótima Queen Latifah. É essa conexão direta com o público americano que faz com que Shabba Ranks venha obtendo resultados que nem mesmo o reggae dos anos 70 logrou conseguir nos EUA.

O *raggamuffin'* já deixou de ser considerado "exótico" e vai assumindo um papel importante na música dos anos 90. E sai da frente, que atrás vem Supercat, Tiger, Mad Cobra... *CLÁUDIO CAMPOS*

NENEH CHERRY
Homebrew
(Circa/EMI-Odeon)

O melhor de Neneh é a atitude totalmente desencanada. Primeiro ela fica três anos sem gravar, quando o normal seria aproveitar-se do embalo de seus primeiros sucessos. Depois ela muda com marido e filho para um pacato retiro na Suécia, monta um estudio e fica lá compondo, experimentando e gravando sem compromisso. Para finalizar, quando resolve desovar um novo disco faz algo que não lembra em nada os hits do primeiro e não se encaixa em qualquer tendência dance atual – quase um suicídio comercial. Mas ela não está nem aí: bolou ate seu *brother* Michael Stipe (R.E.M.) para cantar em "Trout" (com a guitarra sampleada de "The Pusher", do Steppenwolf) – que foi direto para a parada de *modern rock* da *Billboard*. O disco é todo lento, sutil e melodioso, ate mesmo quando Neneh se mostra indignada com algumas coisas do mundo. Em meios menos caprichosas, a fina linha que separa esse tipo de clima do puro chatice tenta do para o espaço. Mas aqui, poucas vezes isso acontece. Há coisas meio jazzísticas e músicas onde Neneh deixa o rap para arriscar um pouco de canto, dando para o gosto. Se alguém já saiu reclamando: "Não tem nenhum 'Buffalo Stance'" ignore "Money Love", com uma guitarra excelente e a única coisa com mais cara de "sucesso". Se o primeiro era um álbum ortenado com o mundo, este é um disco caseiro, ideal para se ouvir na reclusão do lar. *C.R.*

SAXON
Forever Free
(Virgin/EMI-Odeon)

Byff Bifford e companhia já prometeram várias vezes voltar aos bons tempos de "Heavy Metal Thunder", "Motorcycle Man" e "The Power And The Glory" – hinos que balançaram as cabeças que curtem metal no início dos anos 80. Agora as caras chegaram bem perto, com um som mais para hard rock, numa especie de crossover de AC/DC com ZZ Top – como em "Get Down And Dirty" e na cover de "Just Wanna Make Love To You", de Willie Dixon, que os fãs do velho *bluesman* devem repelir. *J.R.L.*

ADEVA
Hits!
(Cooltempo/EMI-Odeon)

Chega de só se falar em garage. Agora os interessados podem ir direto ao primeiro disco do gênero lançado no Brasil e se deleitar com esse hpo sofisticado e melodico de dance feita em Nova York. Para melhorar, é uma coletânea da imponente Adeva, sem discussões a rainha do garage. O disco traz desde seus primeiros hits como "Respect" (uma radical versão do classico de Aretha Franklin) e "Musical Freedom" ate os fulminantes singles recentes como "It Should ve Been Me" e "Don't Let It Show On Your Face". Na produção e remixes, fodoes como Paul Simpson, Frankie Knuckles e Paul Oakenfold. Fãs de dance têm que ter e aqueles que curtem vozerroes – de soul e de gospel – devem conhecer. *C.R.*

NEIL YOUNG
Harvest Moon
(Reprise/Warner)

Não deve ser nada facil envelhecer no mundo do rock'n'roll. Quando menos se espera, lá estão as varizes, os cabelos cada vez mais ralos, aquela indesejável barriguinha e, pior, a constatação de que sua hora passou, ao se ver menosprezado num meio em que a imagem juvenil reina absoluta.

"I hope I die before I get old...","Live fast, die young...", "the old gets older and the young gets stronger..." o rock sempre foi implacável com os não-adolescentes. Por outro lado, e ironico que muitos daqueles que um dia ajudaram a imortalizar tais versos sejam agora senhores de meia-idade, as voltas com netos e idas frequentes ao consultório med.co

Pelo exposto, é interessante ver como o quase cinquentão Neil Young enfrentou o "tunel do tempo" para construir o recem-lançado *Harvest Moon*.

Diametralmente oposto ao holocausto sônico de *Arc Weld*, o disco mostra o artista retomando o country rock do início de sua carreira. O tom e prospectivo, reforçado pela presença do guitarrista Ben Keith, do baixista Tim Drummond, das vozes de James Taylor, de Linda Ronstadt e outros músicos que, há vinte anos, tambem haviam acompanhado Young no album similar, *Harvest*.

Longe de ser um mero exercício nostálgico, *Harvest Moon* permitiu a Young refletir sobre temas que ja havia abordado antes (o confronto inocencia versus cinismo, sua incapacidade em manter uma paixão, a questão ambiental), mas com uma perspectiva diferente do passado. Aqui, o passar dos anos não implicou em acomodação.

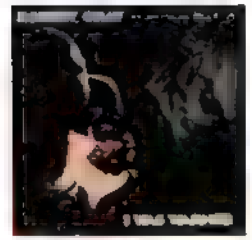
São óbvios os acenos a *Harvest*: "Old King" e sua homenagem a Elvis nada mais é que uma nova versão da historia de "Old Man". O escapismo que contagiava "Out On The Weekend" ressurge agora em "Dreamin' Man", enquanto "Such A Woman" (aos moldes da polêmica "A Man Needs A Maid") ganhou orquestração de Jack Nitzsche.

Na verdade, ambos os discos sustentam-se independentemente um do outro, mas juntos confirmam o compositor no papel de cronista de suas próprias emoções.

Ao final, *Harvest Moon* é um album flagra. Neil Young com os olhos voltados para o futuro. Seu recado: o tempo segue, não há como pará-lo. Mas isso não é motivo para a amargura, nem para a autocomiseração. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

THUNDER
Laughing On Judgement Day
(EMI-Odeon)

Os ingleses do Thunder ainda não se decidiram se querem ser clones do Led Zeppelin ou do Whitesnake. O vocal de Daniel "Don" Bowes serve bem de dublê de David Coverdale em musicas como "Empty City", enquanto em outros ele encarna Robert Plant. O que sobra disso, no entanto, é algo apenas parecido com o metal de Los Angeles. "Long Way From Home" é a trilha sonora propicia para encher o carro de gostosonas e dar um rolê pelo Melrose. Mas ja existem "trilhas" demais assim. *J.J.E.S.*



ROBERT CRAY
I Was Warned
(Mercury/PolyGram)

Como guitarrista, Robert Cray pode não ser a grande maravilha do blues, mas como vocalista e muito legal. Os fãs daquele tipo classico de bluesman, esculhambado e prestes a morrer de cirrose, podem torcer o nariz para o tipo "rapaz saude classe-media" que Cray parece representar.

Menos como um musico de blues ele talvez fosse melhor definido como um soulman, na tradição de um Otis Redding, por exemplo. Não e acaso que em "On The Road Down", uma dos boas faixas deste disco, Cray faça parceria com Steve Cropper, co-autor dos maiores hits de Redding. *Blues charm* de qualidade. *R.C.*

OFF THE WALL
(Tinitus)

O pessoal que trabalha para a promoção do Off The Wall acertou a faixa escolhida para tocar nas rádios, "Hawaiian Dream", é o melhor do disco. Para ser mais preciso, a unica que merece alguma atenção. O album do grupo gaucho é a mais fraca das cinco lançamentos do selo Tinitus. O Off The Wall e competente, certinho e totalmente obvio. Uma mescla de clichês que lembram vagamente o Rush, o Police e outros grupos que já foram os prediletos da surfistada, mas que hoje certamente estão no fundo das pilhas de discos. Ah sim, o grupo tambem não esqueceu do indefectivel reggaezinho e algumas doses de progressivo. *J.S.*

DAISY CHAINSAW, GALLON DRUNK, SILVERFISH E OUTROS
Another Kind Of Noise
(Continental)

Enquanto um jornalista brasileiro, Andre Barcinski, cruzava os EUA expondo as veias do rock americano contemporaneo, do outro lado do oceano, outro brasileiro, Fernando Naporano, fazia um trabalho similar com bandas britânicas.

A diferença entre as duas iniciativas está no formato: Barcinski optou pela palavra e brindou os fãs brasileiros com o livro *Barulho*, um ilustrativo manual da zoeira na terra de Tio Sam. Naporano, por sua vez, acertou a mão ao compilar em uma edição nacional as novas (ou nem tão novas assim) tendências musicais inglesas com o disco *Another Kind Of Noise*. Realmente, não deixa de ser um outro tipo de barulho.

São dezenove bandas no CD (onze no vinil) sintetizando estilos do novo punk ao *lurch* (um *grunge* com sotaque britanico). A constatação é... nunca se fez tanto barulho na ilha da princesa chorona como agora. A coletanea reune alguns dos grupos "queridinhos" da critica inglesa, como Daisy Chainsaw, Silverfish e Gallon Drunk, mais alguns ilustres desconhecidos. Mas é extremamente animador ver como cresceu o numero de britânicos que abandonaram a fleugma e o ar soturno para se dedicar ao mais puro ruido.

Nem todos que frequentam a compilação são oriundos do Reino Unido. God Machine, um dos mais ensurdecedores e entusiasmantes do disco, é americano emigrado. Outro grupo, Die Cheerleader, de inglês so tem o baterista.

Another Kind Of Noise prova que o rock britanico tem muito mais a oferecer do que as cansativas batidinhas "à *la* Manchester" e vocalzinhos anoréxicos. O que se ouve a cada faixa são pesadas doses de sujeira mescladas com heavy, punk, hardcore e pop. Batalha de Sarajevo perde. A sequência do disco que apresenta God Machine, Leatherface, Th' Faith Healers e Silverfish é de despejar o figado ate da rainha. O encarte ainda traz comentários sobre cada uma das bandas.

Pode ser (e é muito provável) que você nunca mais ouça falar de metade dos grupos desta coletânea. Mas não deixa de ser uma boa forma de encerrar sua discoteca em 93. Que, ahas, foi um ano do barulho. *JEFFERSON DE SOUZA*

TOTO
Kingdom Of Desire
(Columbia/Sony)

Todo mundo concorda que o Toto pertence à rale das rales do rock: aquele lamaçal onde habitam nomes feios como Styx, Firehouse e Mr. Mister. Por quê? Porque lançam discos como este: bem tocado e produzido, com rock de FM, vazio e burro. Mas um hiquinho pesado, como exige a época. No verdade, eles parecem uma manada de elefantes moribundos fazendo som. Mães e pais, não se enganem com a imagem comportada e clean do Toto: eles são todos chefradores e foi o pq que matou o baterista. *C.R.*

INOCENTES
Estilhaços
(Comerati)

Não e porque os inocentes são a mais tradicional formação punk do Brasil que não podem fazer um disco de honesto rock'n'roll, como este. Clemente já tocava rock antes de "Pânico Em SP" e desde que Aniel saiu, os Inocentes não são mais punk.

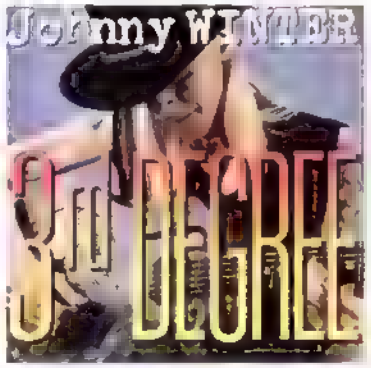
Mas o que chapa mais neste Estilhaços é a porrada: rock bem pesado, bem tocado e bem gravado/mixado é coisa rara neste país. O que chateia mais é a irregularidade das letras. Vão das notaveis ("O Homem Negro") a breguices tenebrosas como "Estilhaços" ("Meu coração fica sem função/Pássaro ferido que agoniza devagarinho"). Mesmo assim, eles dão um show de bola em seus contemporâneos do *underground* paulista. *A.F.*

SLAVERY
To Kill In Cold Blood
(Bazar Musical)

Death metal arretado da terra do Senhor do Bonfim. O vocal parece um bulldogue – as vezes, até dois. Mesma com o encarte, e difícil acompanhar os letras. Aqui e ali, surgem uns solos, raros no gênero, mas a produção não ajuda em nada. Uma tranqueira, indicada só para os *deathbangers* mais radicais. *J.R.L.*

A FINA FLOR DO BLUES

Dez discos da gravadora Alligator surgem em versão nacional pelaWarner

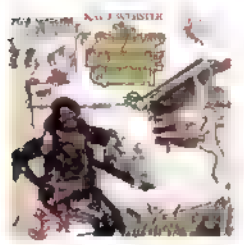


O albino maluco e o "mestre da Telecaster" estão entre os estilistas da guitarra que sempre transitaram com desenvoltura entre o blues e o rock'n'roll. Se **JOHNNY WINTER** projetou-se através deste último género para depois se aprofundar no blues, trajetoria inversa foi feita por **ALBERT COLLINS**. De Johnny, foi lançado por aqui **3rd Degree** (86), o terceiro – e talvez o melhor – álbum que gravou pela Alligator. Além da cozinha "emprestada" da banda de Collins, o disco se destaca pelas faixas em que Winter apenas canta e toca um violão de corpo de aço National Steel. Vale também pelas participações de antigos colegas (o baixista Tommy Shannon e o baterista Red Turner), além da presença especial de Dr John nas faixas "Love, Life And Money" e "Tin Pan Alley".

Já Ice Pickin' (78) foi o disco de estréia de Collins pelo selo de Chicago (depois de passar seis anos sem gravar). Toda a classe do toque peculiar do guitarrista texano comparece em blues da mais alta estirpe como "Honey, Hush! (Talking Woman Blues)", "Master Charge" ou em eletrizantes temas instrumentais ("Ice Pick" e "Avalanche"). *CELSO PUCCI*

O texano **CLARENCE "GATEMOUTH" BROWN** diz que toca sua guitarra como se fosse metais. Seu som resta no meio do caminho entre o blues, o jazz e o *boogie*. E o mais divertido é que interpreta com humor até típicos blues tristonhos. Em **Standing My Ground** 89), ele faz, por exemplo, o cacarejar de uma galinha com a guitarra, enquanto como uma raposa no galinheiro, canta "aqui não tem ninguem a não ser as galinhas" (a edição brasileira deve-a trazer as letras). Que a Warner lance outros discos dele por aqui. *ROGERIO DE CAMPOS*

Outros lançamentos



KATIE WEBSTER – The Swamp Boogie Queen (88): A pianista/vocalista tem trinta anos de bons serviços ao blues, ao boggie e ao soul. Acompanhou o proprio Otis Redding entre 64 e 67. Por isso, tem moral para cantar "Fa-Fa-Fa Fa-Fa (Sad Song)" e "Try A Little Tenderness", de Redding, além de "Hold On To What You Got" (Joe Tex). • **HOUND DOG TAYLOR AND THE HOUSEROCKERS – Genuine Houserocking Music** (89). Ele foi o primeiro *bluesman* a gravar pela Alligator. O estilo agressivo da guitarra e dos vocais de Taylor (morto em 75) numa compilação de sessões que fez para a gravadora de Chicago em 71 e 73, junto aos Houserockers (o baixista Brewer Phillips e o baterista Ted Harvey). • **LONNIE MACK – Strike Like Lightning** (85). Stevie Ray Vaughan co-produz e toca guitarra em cinco das dez faixas deste disco de Lonnie Mack. E mais: se declara um fã do veterano guitarrista texano. Precisa mais referências? • **CHARLIE MUSSELWHITE – Ace Of Harps** (90): Jogo bom para quem admira uma gaita bem tocada. Atenção para a banda composta por Andrew Jones, Jr (guitarra), Artis Joyce (baixo) e Tommy Hill (bateria). • **KOKO TAYLOR AND HER BLUES MACHINE – An Audience With The Queen/Live From Chicago** (87): A *blues singer* e o grupo que tradicionalmente a acompanha, tocando seus hits em tres shows gravados em janeiro de 87, em Berwyn, Illinois. • **BUDDY GUY – Stone Crazy!** (81): Ja editado ha algum tempo em vinil no Brasil pela Eldorado, este album do guitarrista agora reaparece por aqui em CD com a capa original da edição americana. • **ALBERT COLLINS, ROBERT CRAY & JOHNNY COPELAND – Showdown!** (85). Relançamento brasileiro do disco que marcou o encontro da guitarra de Collins com as de seus pupilos, Cray e Copeland. *C.P./R.C.*

I LOVE LUCILLE

O inconfundível estilo da guitarra de B.B.King em um pacote definitivo

Mais blues de alta qualidade: chega a vez de **B.B KING** ganhar sua caixa retrospectiva, que infelizmente não tem previsão de ser lançada por aqui. **The King Of The Blues** (MCA) engloba quatro CDs e um livreto em cores de 72 páginas contendo fotos raras, dados históricos e depoimentos do próprio guitarrista sobre sua carreira.

A seleção traz 77 faixas, com todos os números mais famosos e inclui dezenove músicas raras, sendo sete delas inéditas. Neste espectro musical desfilam sua primeira gravação ("Miss Martha King", de 49), um spanhado das sessões que ele fez em Memphis e Chicago durante os anos 50/60, material do clássico show registrado em 64 no álbum *Live At The Regal* e outras preciosidades, até chegar aos trabalhos mais recentes – e bem menos inspirados – do mais aclamado dos "Kings" do blues (que me perdoem Freddie e o recem-falecido Albert). Atenção especial deve ser dada aos artistas que se fizeram acompanhar pela famigerada Lucille e estão presentes no pacote. Uma lista eclética que inclui Elvis Presley, James Brown, ZZ Top, Leon Russell, The Crusaders, Gary Moore, U2 e outros. *CELSO PUCCI*

TRINCA ESPERTA

Há alguns meses foi o Genesis. Agora é a vez de três trabalhos solo de **PETER GABRIEL** merecerem edições nacionais, via Virgin/EMI-Odeon. Trata-se de **Peter Gabriel** (82), **So** (86) e **Passion: Music For The Last Temptation Of Christ** (89). O disco de 82 – na verdade, seu quarto trabalho solo – marcou o aprofundamento do interesse do musico na mescla de sons eletrônicos e ritmos da África e do Oriente, em faixas como "The Rhythm Of The Heat", "Shock The Monkey" e "San Jacinto". Estas pesquisas étnicas se radicalizaram nos temas que compôs para *A Ultima Tentação De Cristo*, de Martin Scorsese. Reunindo gravações que fez com músicos turcos, egipcios e africanos (através de seu selo, Real World), Gabriel criou temas climáticos e esparsos, tangenciados brilhantemente pelos sons primitivos. Já o disco de 86 foi o maior êxito comercial de Gabriel, de onde sairam singles como "Sledgehammer" (primeiro lugar na *Billboard*) e "Big Time", que também renderam ótimos clips. *C.P.*

BOLSA DE DISCOS

DISCO DO MÊS: **RAMONES Mondo Bizarro** (Chrysalis/EMI-Odeon)

O quarteto novaiorquino é quase unanimidade em gostos musicais que vão do *bubblegum* ao *thrash metal*. Porisso, nao é de se estranhar que seu album mais recente encabece a lista deste mês, superando "novidades" como Mudhoney e Primus. Do lado nacional, Okotô, Yo-ho-delic e Beijo AA Força se deram bem.

MUDHONEY — Piece Of Cake (Reprise/Warner)
OKOTÔ — Monstro (Eldorado)
YO-HO-DELIC — (Continental)
PRIMUS — Sailing The Seas Of Cheese (Interscope/Warner)
BEIJO AA FORÇA — (Tratore)

ANDRÉ FORASTIERI Bizz	9	9	6	4	6	4
CAMILO ROCHA Bizz	8	7	8	4	1	2
CARLOS EDUARDO MIRANDA Bizz	8	5	-	6	5	8
CELSO FIORAVANTE Folha de S. Paulo	8	7	6	-	7	-
CELSO MASSON	8	7	8	7	-	9
EVA JOOPY O Globo RJ	8	9	-	8	7	-
FÁBIO MASSARI Press Report 96 FM SP	9	9	8	7	7	5
JOSÉ AUGUSTO LEMOS Bizz	8	-	-	1	-	1
MARCEL PLASSE O Estado de S. Paulo	7	8	6	7	6	-
ROBERTO MAIA Fluminense FM 98 SP	8	8	8	7	9	7
ROGERIO DE CAMPOS Bizz	9	6	6	6	4	8
ZECA CAMARGO MTV	9	5	7	7	6	8

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 RAMONES	
Mondo Bizarro (EMI-Odeon)	8,25
2 MUDHONEY	
Piece Of Cake (Reprise/Warner)	7,37
3 OKOTÔ	
Monstro (Eldorado)	7,00
4 YO-HO-DELIC	
(Tratore)	5,82
5 PRIMUS	
Sailing The Seas Of Cheese (Interscope/Warner)	5,82
6 BEIJO AA FORÇA	
(Tratore)	5,78

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
7 BEL	
Rei Do Rio (Tratore)	5,45
8 PETER GABRIEL	
Us (Real World/Warner)	4,92
9 BON JOVI	
Keep The Faith (Mercury/PolyGram)	3,82
10 VANESSA WILLIAMS	
The Comfort Zone (Polydor/PolyGram)	3,33
11 JETHRO TULL	
A Little Light Music (Chrysalis/EMI-Odeon)	3,12
12 EDSON CORDEIRO	
(Columbia/Sony)	2,88

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Bazar Musical: Oreia's Center lj. 72, Salvador (BA)/Comercial - Cx. Postal 619. Distribuição Interstar: R. Victor Hugo, 308, São Paulo (SP) (011) 227-8620/Cogumelo - Av. Augusto de Lima, 398, Belo Horizonte (MG) (031) 226-8553/Phonus: R. Teodoro Sampaio, 880 sl 13, São Paulo (SP) - (011) 64-6704

ZONA FRANCA

Depois de três excelentes discos, o cultuado Galaxie 500 se dissolveu. Seu líder, Dean Wareham – um neozelandês radicado nos EUA –, não perdeu tempo e montou o grupo **LUNA 2**. Trata-se, como o Galaxie 500, de um trio, que é completado pelo também neozelandês Justin Harwood no baixo e por Stanley Demeski na bateria. Harwood vinha de experiência com os Chills e Demeski, por sua vez, com os Feelies. O resultado pode ser conferido no álbum de estréia deles, **Lunapark** (Elektra). E exatamente o esperado, se considerado o currículo anterior de cada um: um pop poético, com uma dinâmica própria, que vai da lassidão (a voz de Wareham continua *blasé* e frágil) à emergência de momentos instrumentais afiados. A produção, não por acaso, foi feita por Fred Maher, antigo colaborador de Lou Reed.

DANIEL BENEVIDES

No meio da década de 80, aterrissaram em Londres um bando de malucos australianos, The Scientists, herdeiros diretos da fúria *junkie* dos seus conterrâneos do Birthday Party. Terminado o culto aos "cientistas", o líder Kim Salmon voltou para casa e formou a banda **THE BEASTS OF BOURBON**. Abusando de várias doses a mais e das referências *bluesy* de encruzilhada, o grupo virou sensação, principalmente por causa da energia que apresentava ao vivo. Em seu novo álbum, **The Low Road** (Red Eye), eles continuam provando ser um dos melhores grupos de rock a pintar na terra do... AC/DC! Da cover de "Rude On" a agonizante "Can't Say No", um verdadeiro passeio pelas terras áridas e sinistras da Austrália.

FABIO MASSARI

Berço de bandas fundamentais para os anos 80 como os Pixies, os Cocteau Twins e os Throwing Muses, a gravadora independente inglesa 4AD anda meio esquecida com a explosão mundial dos barulhos *made in USA*. Mesmo assim, continua despejando lançamentos de qualidade como **Rev**, terceiro disco do **ULTRA VIVID SCENE**. Se nos dois primeiros álbuns o nome era apenas uma alcunha para o "geniozinho nova-iorquino" Kurt Raskle tocar todos os instrumentos acompanhado de uma bateria eletrônica, agora o UVS tomou ares de grupo com a inclusão do baixista Jack Daley e do baterista Julius Klepacs. Com isso, conseguiram extrair timbres mais ásperos em músicas como "Candida". Mas a voz de Kurt continua agradavelmente suave e as guitarras oscilam da delicadeza de "Thief's Love Song" aos toques experimentais de "Medicating Angels". Destaque maior, porém, fica para a épica "Blood And Thunder", uma faixa com mais de dez minutos de letra unicamente fatalista e uma assimetria inigualável entre baixo e guitarra.

CARLOS MARCELO

Do jeito que vai o atual rock inglês, só com muita reza, velas e benzedura para dar conta de tamanha roquizira que assola aquele cenário musical. Pois é exatamente isso que o grupo **TH' FAITH HEALERS** ("os curandeiros da fé") propõe em seu álbum de estréia para o selo Too Pure, **Lido**. A proposta principal dos caras é exorcizar a pasmaceira que se abateu sobre a ilha do norte. Mesmo que for na marra, o que conseguem impondo algumas das canções mais abrasivas dos últimos dez anos. O ataque de faixas como "This Time" e "Moona-Ina-Joona" prova que a psicodelia e o *hardcore* não são gêneros tão opostos quanto se pensava. O som da banda sugere algo como os Pixies, o Fall e o Can soariam, caso fossem jogados todos juntos num grande moedor de carne!

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Usar adjetivos como "violento" e "brutal" para descrever o estrago causado pelo **FEAR FACTORY** é pouco. O quarteto angelino estreia com um cozido de Sepultura, Napalm Death, Ministry e algo do Voivod em **Soul Of A New Machine** (Roadrunner), com letras contra a polícia e a violência das gangues. O guitarrista Dino Cazares já sentiu na pele o preconceito, por ser "chicano" — ao lado de Bill Gould (baixista do Faith No More e ex-produtor do FF), Cazares toca no Brujeria, grupo *death* mexicano.

JOÃO RICARDO LIMA

O quinteto inglês **THE TELESCOPES** está entre os melhores utilizadores do *feedback* no rock atual. Mas em **High'r'N' Higher And High'r...** (Creation), eles abandonaram um pouco seu passado barulhento criando um som mais acústico, sem perder a influência psicodélica sempre presente em suas composições. É o que se ouve em faixas como "Splashdown", "High On Fire" e "Flying".

LEANDRO FORTINO

Convenções
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

1 (4) *Automatic For The People* R.E.M. Warner
2 (2) *Erotica* Madonna Warner
3 (1) *Angel Dust* Faith No More PolyGram
4 (5) *Achtung Baby* U2 Warner
5 (3) *Ten* Pearl Jam Sony
6 (14) *Gessinger, Licks & Maltz* Engenheiros do Hawaii BMG-Ariola
7 (N) *O Canto Da Cidade* Daniela Mercury Sony
8 (20) *Bloodsugarsexmagik* Red Hot Chili Peppers Warner
9 (N) *Musica Para Acampamentos* Legião Urbana EMI-Odeon
10 (N) *Keep The Faith* Bon Jovi PolyGram
11 (R) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
12 (R) *Use Your Illusion II* Guns N Roses BMG-Ariola
13 (N) *Am I Not Your Girl?* Sinead O'Connor EMI-Odeon
14 (R) *Metallica* Warner
15 (R) *Use Your Illusion I* Guns N' Roses BMG-Ariola
16 (N) *Dirt* Alice In Chains Sony
17 (R) *(Symbol)* Prince And The New Power Generation Warner
18 (16) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
19 (8) *Your Arsenal* Morrissey EMI-Odeon
20 (N) *Evolution* Viper Eldorado

1 (7) *O Canto Da Cidade* Daniela Mercury Sony
2 (N) *What Hits?* Red Hot Chili Peppers Warner
3 (N) *Circuladô Ao Vivo* Caetano Veloso PolyGram
4 (1) *Dirt* Alice in Chains Sony
5 (6) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
6 (19) *Kingzobullshit* DeFalla Cogumelo
7 (4) *Psalm 69: The Way To Succeed...* Ministry Warner
8 (2) *Automatic For The People* R.E.M. Warner
9 (5) *Tourism* Roxette EMI-Odeon
10 (14) *Temple Of The Dog* PolyGram
11 (16) *Us* Peter Gabriel EMI-Odeon
12 (R) *The Southern Harmony...* The Black Crowes PolyGram
13 (N) *Musica Para Acampamentos* Legião Urbana EMI-Odeon
14 (R) *Cowboys From Hell* Pantera Warner
15 (N) *Incesticide* Nirvana BMG-Odeon
16 (10) *Erotica* Madonna Warner
17 (N) *The Best Of The Smiths 2* The Smiths Warner
18 (N) *Body Count* Warner
19 (R) *Metallica* Warner
20 (9) *Ten* Pearl Jam Sony

1 *The Bodyguard (O Guarda-Costas)* Trilha Sonora Arista
2 *Unplugged* Eric Clapton Reprise/Warner
3 *Breathless* Kenny G Arista
4 *Timeless (The Classics)* Michael Bolton Columbia
5 *The Chase* Garth Brooks Liberty
6 *Ten* Pearl Jam Epic
7 *Some Gave All* Billy Ray Cyrus Mercury
8 *Automatic For The People* R.E.M. Warner
9 *Home For Christmas* Amy Grant A&M
10 *Hard Or Smooth* Wreck N Effect MCA

1 *Cher's Greatest Hits 1965-1992* Cher Geffen
2 *Pop! The First 20 Hits* Erasure Mute
3 *Timeless (The Classics)* Michael Bolton Columbia
4 *Greatest Hits* Gloria Estefan Epic
5 *The Way We Walk Vol 1* Genesis Virgin
6 *Glittering Prize 81/92* Simple Minds Virgin
7 *The Freddie Mercury Album* Freddie Mercury Parlophone
8 *Gold* Abba Polydor
9 *Back to Front* Lionel Richie Motown
10 *Stars* Simply Red East West

1 "I Will Always Love You" Whitney Houston Arista
2 "Rump Shaker" Wreck'N'Effect MCA
3 "If I Ever Fall In Love" Shai Gasoline Alley
4 "In The Still Of The Nite" Boyz II Men Motown
5 "I'd Die Without You" PM Dawn Gee Street
6 "Rhythm Is A Dancer" Snap! Arista
7 "Saving Forever For You" Shanice Giant
8 "Good Enough" Bobby Brown MCA
9 "What About Your Friends" TLC LaFace
10 "Real Love" Mary J. Blige Uptown

1 "I Will Always Love You" Whitney Houston Arista
2 "Heal The World" Michael Jackson Epic
3 "Would I Lie To You?" Charles & Eddie Capitol
4 "Could It Be Magic" Take That RCA
5 "Phorever People" The Shamen One Little Indian
6 "Slam Jam" The WWF Superstars Arista
7 "Boney M Megamix" Boney M. Arista
8 "Miami Hit Mix" Gloria Estefan Epic
9 "Tom Traubert's Blues (Waltzing Matilda)" Rod Stewart Warner
10 "Deeper And Deeper" Madonna Maverick

1 *Grave Dancers Union* Soul Asylum Columbia
2 *Blind* The Sundays DGC
3 *Automatic For The People* R.E.M. Warner
4 *Piece Of Cake* Mudhoney Reprise
5 *Our Time in Eden* 10.000 Maniacs Elektra

1 *Pop! The First 20 Hits* Erasure Mute
2 *Boss Drum* The Shamen One Little Indian
3 *Copper Blue* Sugar Creation
4 *The Curse* Throwing Muses 4AD
5 *Hi-Tech/No Crime* Yellow Magic Orchestra Internal

Leitor, sua participação é importante! Quando escrever para a BIZZ (Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP), inclua os discos que você comprou/ganhou/descolou nos últimos três meses.

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 9/12 a 9/1; Melody Maker, New Musical Express e Music Week (GB), de 12/12 a 2/1. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até [illegible]/1/93.

Lojas consultadas: Cogumelo Discos (Belo Horizonte, MG), Bad Sign (Porto Alegre, RS), Modern Sound, New Sound, Sub Som e Mesbla (Rio de Janeiro, RJ), Templarium Discos e Jukebox (Curitiba, PR), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Mesbla (São Paulo, SP) em [illegible]/1/93.

ABBA
Gold

Direção: Vários (1992, 78 min., hi-fi estéreo, PolyGram)

Junto com *Os Embalos De Sábado À Noite*, *Punk Rock Movie*, a coletânea dos Carpenters, *The Song Remains The Same (Rock É Rock Mesmo)*, do Led Zeppelin, *AC/DC* e *Tommy*, essa compilação compõe o painel de imagens básico para se entender o que foi o pop nos anos 70.

Talvez a primeira banda a ter clips de todos os seus singles ("Dancing Queen", "S.O.S.", "Take A Chance On Me"), ainda que às vezes repetissem roupas, cenários e até cenas em clips diferentes. Os passos de dança eram ridículos de engraçados, as roupas fariam a fortuna de qualquer brechó descolado. As caras, dramatizando as letras, pareciam um curso intensivo de canastrice e os efeitos especiais eram o must da época (espelhos, imagens em caleidoscópio, uma foto rodando na tela deixando um "rastro" por onde passa). E a gente redescobre a bela Agnetha, uma versão para comercial de "Seda xampu" da *blondie* Debbie Harry. Ah, e as músicas eram excelentes! Assista com o dedo no *pause* (porque você vai querer parar para olhar direito e acreditar que houve um tempo em que as pessoas eram assim) e alucine. CAMILO ROCHA

IMPORTADOS

SHABBA RANKS *Naked And Ready* *(EUA, 1992, 46 min., Sony)* Para acompanhar o lançamento do disco *X Tra Naked* esta coletânea traz os clips repletos de garotas do astro jamaicano, mais *takes* ao vivo de sua participação no festival Sunsplash de 90 e na turnê que empreendeu pelo Japão no ano passado • ***METALLICA A Year And A Half In The Life Of Metallica Parts 1 And 2*** *(EUA, 1992, 96 min./143 min., PolyGram)* Em dois vídeos, uma cobertura minuciosa da turnê mundial do álbum *Metallica*, o quinto do quarteto *thrash*. Traz todos os hits ao vivo, imagens de bastidores e desbocadas entrevistas • **THE SMITHS *The Complete Picture*** *(GB, 1992, 60 min., Warner Reprise)*/ **MORRISSEY *The Malady Lingers On*** *(GB, 1992, 45 min., PMI)* A primeira compilação – apesar do nome – reúne só esparsos clips dos Smiths e apresentações para a TV britânica, enquanto a segunda traz oito vídeos dos trabalhos solo posteriores de Morrissey. C.P.

GUNS N'ROSES
Use Your Illusion I/II

Direção: Vários (1992, 90min./90min., hi-fi estéreo, BMG-Ariola)

Duas fitas de uma vez: três horas de um show no Japão, com 23 músicas entremeadas de declarações dos integrantes da banda, mais solos intermináveis de bateria e de guitarras.

Megalomania, é claro, mas nada demais para uma banda que teve a coragem de lançar numa só vez dois álbuns duplos. Além do mais, humildade nunca foi característica muito forte em astros de rock, de Little Richard a David Lee Roth. Pelo menos, os Guns N' Roses não têm a pretensão de mudar o mundo com letras politizadas. Neste sentido, eles até que são bem modestos: só querem mesmo se fazer amar e vender muitos discos. Como nos velhos tempos de Elvis, antes de Beatles, Dylan, punks e outros. Este vídeo se caracteriza pela falta de qualquer ousadia.

Negando a imagem de rapazes perigosos que a banda tem vendido, esta produção mostra os Guns como um grupo de bons moços. Todos muito amigos. Uma das cenas mais reveladoras do amor que reina agora na banda mostra Slash e o novo guitarrista, Gilby Clarke, encostados um no outro enquanto tocam "Wild Horses", dos Stones. Atrás deles, especialmente para os fotógrafos, Axl e Duff cantam o refrão de rostos quase colados. Para mostrar que Axl não é assim tão egocêntrico quanto dizem, ele permite que Duff cante uma música de seu vindouro disco solo. Em retribuição, Duff começa a música com uma frase em homenagem a Axl e depois fica falando o quanto Slash e o baterista Matt Sorum são legais.

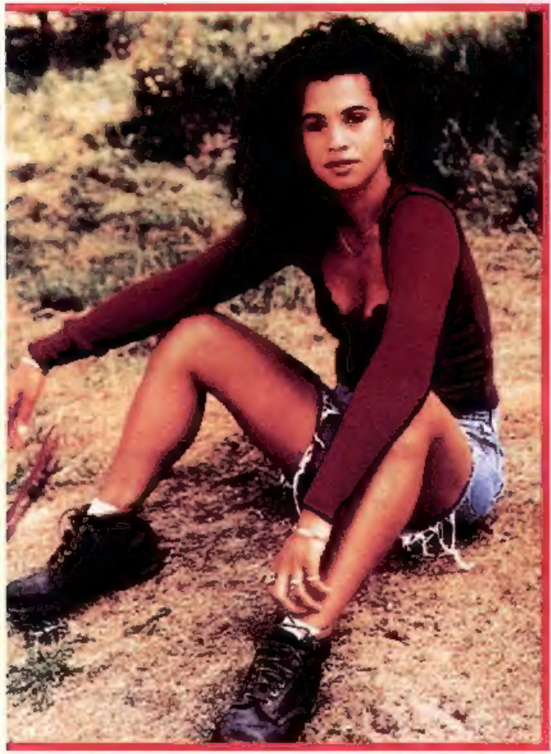
A própria platéia ajuda a manter o clima amoroso do show. O público japonês é conhecido como o mais "bonzinho" do mundo, do tipo que jamais jogaria uma lata de cerveja no palco, mesmo que o vocalista resolvesse cair fora antes do tempo.

Tanto amor só é interrompido para uma alfinetada no renegado Izzy Stradlin: quando anuncia "Bad Obsession" (oficialmente de Izzy e West Arkeen), Axl diz que a música é dele próprio, de Arkeen e de alguém que ele esqueceu o nome. ROGERIO DE CAMPOS

LETRAS

TROUT

(Neneh Cherry/Michael Stipe/Cameron McVey/J. Sharp)



©M-Ogden

(You can find some time to be someone
like a valentine for a lonely soul
you can treat me like a fool and hate)
some love brings me down (hate)
some love turns me
round and round and round and round
and round and round and round and round and round
is it something that I said? Is it something that I did?
is it something that I, that I got in my head?
laying in my bed is so real, because I know what I feel
but together we stand and together we lay
(hey, listen to the voice of experience)
that's how I live tomorrow and today
(listen to the voice of experience) that's how I live
stop the beat and listen to the melody
round and round and round and round
hah yeah, I know when I got the feeling, ooh
a feeling of love knocking at my door
first there was fifty and then there was more
what a bore! Then there was none
now there's one, cause I'm a lucky one
feelings of love, I've got feelings of affection
come on and give it to me, give it with protection
there's no time, we're out of luck
the law says we can't talk about a — ? Huh brrr
round and round and round (3x)
hah yeah, I know when I got the felling
round and round and round
hah yeah, I know when I got the feeling
round and round and round
but I need some S-E-X-E-D-U-C-A-T-I-O-N
yeah, sex education for the people, y'all
he-he-he-he
(parents and teachers, get together, get cool
children need to learn about sex in school (2x)
you think they don't do it?! Don't get fooled)
sister, sister, kissing by the tree
(parents, don't turn your back on the pack)
ripe right for picking something sweet
(teachers want to teach
but the law says, "Whack")
brother, brother, what's it gonna be?
(don't let your kid get caught without a Jimmy hat)
K-I-S-S-I-N-G
(and that's just the start)
teacher, teacher, teacher, teach us S-E-X
(take it to the heart of the matter)
teach it to us, stupid, without the FX
(talk about it)
teacher, teach us with your ABC's
(talk about it)
rollin on the alphabet, I'm gonna get to Z, yeah (just talk)
round and round and round
hah yeah, I know when I got the feeling (2x)
round and round and round
as you can see, round and round and round
yeah ooh, round and round and round, hah yeah ooh
(A-B-C-D-E-F-G) round and round and round
(H-I-J-K-L-M-N-O-P) round and round and round
(Q-R-S-E-X-E-D-U-C-A-T-I-O-N)
sweet, I'll get it right the meaning, baby
round and round and round (brrr, round and round)
round and round and round (we're here and let's go
the laws about education just blow)
round and round and round), brrr ah-ah-ah ah hah yeah ah ah
round and round and round (oh) (2x)
round and round and round (4x)

*TRUTA**

(Você pode encontrar algum tempo para ser alguém
como uma namorada de uma alma solitária
você pode me tratar como um tolo e odiar)
um certo amor me derruba (odiar)
um certo amor me faz girar
sem parar, sem parar, sem parar
girando, girando
é algo que eu disse? É algo que eu fiz?
é algo que eu, que eu tenho na minha cabeça?
deitado na minha cama é tão real, pois sei o que sinto
mas juntos permanecemos e juntos nos encontramos
(ei, ouça a voz da experiência)
é assim que vivo, amanhã e hoje
(ouça a voz da experiência) é assim que vivo
pare o ritmo e ouça a melodia
girando, girando
hah yeah, sei quando capto o sentimento, ooh
um sentimento de amor batendo na minha porta
primeiro havia cinqüenta e então havia mais
que chatice! Então não havia nenhum
agora há um, pois sou uma pessoa sortuda
sentimentos de amor, tenho sentimentos de afeto
venha dá-los para mim, os dê com proteção
não há tempo, estamos sem sorte
a lei diz que não podemos conversar sobre um — ? Huh brrr
girando, girando (3x)
hah yeah, sei quando capto o sentimento
girando, girando
hah yeah, sei quando capto o sentimento
girando, girando
preciso de um pouco de E-D-U-C-A-Ç-Ã-O-S-E-X-U-A-L
yeah, educação sexual para as pessoas, todos vocês
he-he-he-he
(pais e professores, reúnam-se, fiquem calmos
crianças precisam aprender sobre sexo na escola (2x)
vocês acham que elas não fazem isso? Não se engane)
irmã, irmã beijando perto da árvore
(pais, não dêem as costas para a turma)
prontinha para pegar algo doce
(professores querem ensinar
mas a lei diz, "Se masturbem")
mano, mano, o que é que vai acontecer?
(não deixem seu garoto ser pego sem uma camisinha)
B-E-I-J-A-N-D-O
(e isso é apenas o começo)
professor, professor, professor, nos ensine o S-E-X-O
(leve isso ao cerne da questão)
ensine-o para nós, estúpido, sem os efeitos especiais
(converse sobre isso)
professor, nos ensine com seus ABCs
(converse sobre isso)
rolando no alfabeto, vou chegar até o Z, yeah (converse já)
girando, girando
hah yeah, sei quando capto o sentimento (2x)
girando, girando
como você pode ver, girando, girando
hah hah yeah ooh, girando, girando, hah yeah ooh
(A-B-C-D-E-F-G) girando, girando
(H-I-J-K-L-M-N-O-P) girando, girando
(Q-R-S-E-X-E-D-U-C-A-T-I-O-N)
doce, vou captar o significado direitinho, baby
girando, girando (brrr, girando)
girando, girando (estamos aqui e vamos lá
as leis sobre educação só estragam)
girando, girando, brrr ah-ah-ah ah hah yeah ah ah
girando, girando (oh) (2x)
girando, girando (4x)

neneh
CHERRY

* Assim é como chamam o ensino de educação sexual nas escolas, segundo Michael Stipe

© Todos os direitos reservados

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Salles Pucci
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Editor de Arte: Richard Kovacs
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Renato Yada (Júnior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto: Alexandre Rossi, Ana Maria Bahiana, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Carlos Marcelo, Cláudia Lima, Cláudio Campos, Daniel Benevides, Fábio Massari, Hagamenon Brito, Jefferson de Souza, Jimi Joe, João Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, Luís Cláudio S. Garrido, Marisa Adán Gil, Mauro Beting, Otávio Rodrigues, Ricardo Lobo, Rene Ferri, Wagner Almeida Silva. **Fotografia:** J. Santana, Robin Lyne, Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rahier
Gerente de Contas: Miguel Cassatto
Supervisores de Contas: João Jorge Rangel, Maria Giselu Magno, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marilia Hindi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castex

BIZZ 91 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - grupos 1534/35, CEP 20020-80, Centro, tel. (021) 532-0313, telex (021) 36890, fax (021) 532-1468, CP 4815. Telegramas: Editabril/Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total pago antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: **fevereiro/93. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Fotolito:** Fotoline Ltda e Bureau Azul

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome ______

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço ______

Bairro ______ CEP ______

Cidade ______ Estado ______ Tel. ______

Revistas que você quer receber neste novo endereço: ______

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-80 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42 66 31 16 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42 66 13 99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

CARTAS

SUICIDAL TENDENCIES

O leitor da BIZZ que esperava ver na entrevista do Suicidal Tendencies – com chamada na capa – informações de seu último trabalho, *The Art Of Rebellion* e sobre os projetos atuais do grupo, teve que se contentar em saber que Mike Muir não atende jornalistas que falem inglês com sotaque, o que torna a língua pouco compreensiva para ele. E que o jornalista José Emilio Rondeau é dono de um inglês impecável, sem sotaques. Foram duas páginas da revista utilizadas para essa irrefutável conclusão. Convenhamos, é muito pouco para o leitor da BIZZ, comprovadamente uma publicação do mais alto nível no segmento pop/rock; para o jornalista José Emilio Rondeau, profundo conhecedor da matéria; e para nós da assessoria de imprensa da Sony, que nos desdobramos para conseguir entrevistas fora do Brasil.

Verter Brauner
Departamento de Imprensa
Sony Music Entertainment (Brasil)

José Emilio Rondeau responde: *Prezado Verter, solidarizo-me com os profissionais de imprensa e de divulgação do Terceiro Mundo que, como eu ou você, suam sangue para conseguir um mínimo de acesso aos mesmos artistas que se jogam aos pés de publicações prioritárias do Primeiro Mundo. A competição é dura, sofrida, desvantajosa para nós. E a única recompensa é o direito de continuar lutando, perdendo cinco para ganhar uma... Dito isso, creio que concordará quando digo que o leitor está interessado em algo mais que as amenidades do rock. Este aprendeu um bocado com a matéria sobre o ST, que expunha os bastidores da entrevista com uma banda que se apresenta como o anti-poder estabelecido e que, no frigir dos ovos, comporta-se de maneira reacionária, imperialista e pré-conceituosa. O leitor pode ver o artista a nu, sem pose: de olho não no coração ou na cabeça da moçada, mas ao que parece no bolso.*

Gostaria de parabenizar a BIZZ pela entrevista com o Suicidal Tendencies... O único problema foi aquele papo de sotaque. Pô! Por que será que americano é trouxa assim, hein? Acho que é preconceito contra latino-americanos em geral. Não sei se começo a odiar essa banda, se continuo gostando do mesmo jeitu ou se acho que estão virando um novo Guns N'Roses (racista e arrogante).

Adilson Costa
São Paulo/SP

AMOR DE FÃ

Achei falta de consideração com as fãs, vocês terem publicado fotos de Axl com a namorada. Está certo que todos já sabem que eles estão juntos, mas publicar uma foto dos dois se beijando foi triste, partiu o coração, decepcionou mesmo... O que fiz foi rasgar metade dessa folha. Era como se eu tivesse jogando ela, a namorada do Axl, no lixo.

Juliane Torres Siqueira
São Gonçalo/RJ

MORRISSEY, MORRISSEY

Seattle, thrash, rap, dance, metal, Madonna, Prince, GN'R, nada disso me interessa, não me despertam nenhuma reação. Nem raiva, nem ódio, nem simpatia... Daí acontecer de minha assinatura só valer quando, uma vez na vida, abro a BIZZ e leio aquelas nove letrinhas magníficas: Morrissey! Por ele eu suportaria dez mil anos 90... Sou tão ensandecida, tensa e elétrica, quanto qualquer uma das meninas que José Augusto Lemos radiografou no show do Morrissey.

Alexandra Leila
Salvador/BA

ENGENHEIROS DO HAWAII

Vocês colocam o nome dos Engenheiros na capa. Então vai lá um cara que é fã, vê o nome dos seus ídolos na revista e compra. O que ele vê é uma crítica dizendo que a banda é um tédio. Vocês, é claro, não estão nem aí, afinal o cara já comprou a revista, mas ele pode muito bem ficar tão puto da vida que nunca mais compre a revista.

Juliana Ferreira de Almeida
São Paulo/SP

O que esse "criti-cú" quer dizer quando fala que o disco dos Engenheiros todo ano é a mesma coisa?

Erick Gomes Souto
Picuí/PB

Os Engenheiros são simplesmente os melhores. Meu maior sonho é participar dos seus shows em cima do palco, perto deles. As músicas do Humberto são demais. Nunca vi um cara tão inteligente como ele.

Ricardo Gonçalves Garcia
São José do Rio Preto/SP

Sugiro que levem o sr. Rogério de Campos ao médico para comprovar seu alto grau de surdez, ou dêem uma caixa de cotonetes para limpar os seus péssimos ouvidos.

Xandi Licksinger
Porto Alegre/RS

"Porra, eu vou matar esse tal de Rogério!", foi a primeira coisa que pensei, após ler aquela bebequice.

Fã-clube G, L&M
Com A Missão De Cultivar Raízes
Ijuí/RS

Melhor ouvir os Engenheiros e ter preguiça do que ouvir Guns N'Roses e ir para a rua comprar cocaína.

Marcele Donadon/Daniele Cazarini
São Paulo/SP

Excelentíssimo sr. Rogério de Campos. Por acaso, você tem alguma coisa contra os Engenheiros do Hawaii? Porque aquela sua matéria idiota na BIZZ leva a crer que sim...

Cristiano Lucas Ferreira
Anápolis/GO

Se o crítico Rogério de Campos fala mal dos discos do Engenheiros, a melhor banda do mundo, o que ele tem a falar sobre outras bandas?

Denise M. Yamanashe
Campo Limpo Paulista/SP

Prezado ou desprezado Rogério de Campos. Sinto em lhe informar que seu cargo como crítico está chegando ao fim depois de uma infame crítica sobre os nossos queridos Engenheiros...

Eric D. Coelho/Alberto Oliveira
(Fã-clube Tô Descendo A Serra)
Praia Grande/SP

Na minha opinião, Rogério, você tomou um porre de saquê minutos antes de ouvir e criticar este vinil...

Alberto M. Oliveira
Belo Horizonte/MG

A panela dos críticos que engula as frases nojentas que dizem a respeito dos Engenheiros...

João Carlos Vieira
Cabrália/SP

Acreditem se quiserem: estou chorando ao escrever esta carta. Muitas pessoas fazem como eu, correm todo mês atrás da revista a fim de ver uma matéria, entrevista, uma foto dos Engenheiros e quando sai é esse massacre, esta paulada em nossos corações. Acho que vocês não gostariam que falassem mal de alguém que vocês gostem.

Welinton Antunes Brayner
Belfort Roxo/RJ

Tem gente que gosta de meter o pau no trabalho dos outros. O último LP dos Engenheiros do Hawaii não foi mil maravilhas, concordo com o Rogério de Campos, mas ninguém fala nada do astro Axl que vem para o Brasil, bagunça à vontade e vai embora rindo dos trouxas.

Ben-Hur J. Dresch
São Paulo/SP

Venho por meio desta, primeiro agradecer ao Rogério de Campos pelas preciosidades escritas na BIZZ 89: "A Moçada Vai Às Ruas" e a crítica ao disco dos Engenheiros do Hawaii. E para dizer que a edição de dezembro foi uma bosta quase total: Bon Jovi na capa, quatro páginas inúteis sobre a "nova geração" do rap e falta total de assunto. Só se salvaram mesmo as matérias do Rogério de Campos.

Heitor Dalton
Brasília/DF

Rogério de Campos responde: *Por incrível que pareça, antes mesmo da edição de dezembro chegar às bancas, já estavam chegando aqui cartas defendendo os Engenheiros da crítica. Creio que já se tornou um hábito. E eu que pensava não ter falado mal da banda...*

MADONNA

Adorei a entrevista da Madonna. A capa está duca... Juro que tive um orgasmo mental. Eu amo esta puta!

Ricardo Marcelo Dias
São Paulo/SP

Não consigo imaginar o *showbusiness* sem Madonna, o planeta sem Madonna...Fica faltando uma fatia, talvez a mais gostosa deste bolo fofo sem graça e neurótico que tem se tornado o nosso planeta...

Alan Tocantins Fernandes
Rio Verde/GO

Fiquei indignado com a crítica superficial que Camilo Rocha fez sobre o disco *Erotica*. O que está acontecendo com meu crítico preferido?

Carlos Roberto Ballarotti
Cambé/PR

Minhas férias foram literalmente massacradas por uma simples crítica do nosso querido Camilo Rocha. Quando li a crítica dirigida ao disco *Erotica* me senti enojado por estar lendo algo de tão baixo nível.

Rodrigo Ziviani
Betânia/SP

Concordo com Camilo Rocha quando diz que o novo disco de Madonna é chatíssimo. Mas por que vocês insistem em ficar malhando os Engenheiros?

João Pedro da Silva
Rio de Janeiro/RJ

SOBRE O GUIA CLÁSSICOS DO ROCK EM CD

A primeira edição da série *Anuários BIZZ* repercutiu muito bem entre os leitores desta revista.

Até 5 de janeiro, haviam chegado à redação quase trinta cartas reportando-se ao guia, com congratulações, complementos de informações, retificações e sugestões que serão usadas para a versão 93/94.

Como iniciativa pioneira no mercado brasileiro, o guia resultou de um trabalho gigantesco de pesquisa, que se prolongou por quase um ano. Neste processo, surgiram empecilhos como a adequação do enorme volume de dados coletados ao formato e ao tamanho do guia, a procura de um esquema que facilitasse a consulta e a atualização constante durante sua feitura. Mas além destes problemas de edição, nos defrontamos também com entraves na parte técnica – especialmente nas conversões dos arquivos nas "bandeirinhas" –, o que fez com que diversos CDs lançados no Brasil figurassem sem a respectiva convenção. Ou mesmo que fossem suprimidos itens importantes como uma caixa quádrupla do Yes (*Yesyears*), omissão apontada pelos leitores ***Rogério de Souza (Rio de Janeiro/RJ)***, ***Geraldo Tavares (Belém/PA)*** e ***Jeferson Pereira (São Paulo/SP)***. O tratamento dado ao grupo (depreciativo, segundo eles), também foi questionado. Mas apesar de serem basicamente informativos, os textos do guia não poderiam se esquivar de externar a opinião do redator, que nem sempre coincide com a dos fãs.

Muitos reclamaram de nomes que "ficaram fora" do anuário. Foi o caso de ***Joel Santos, Osiris Wagner (São Paulo/SP)***, ***Luiz Begosso (Osasco/SP)***, ***O.F.L.C. (São José dos Campos/SP)*** e ***Cláudio Mello (Niterói/RJ)***, todos notando a falta de bandas como Hawkwind, Blue Öyster Cult, Budgie, Camel, Nazareth, Renaissance e Premiata Forneria Marconi. Já ***Davi Nascimento (São Paulo/SP)*** reclamou da ausência de The Bar-Kays, The Isley Brothers e Harold Melvin And The Blue Notes na seção *Soul/Funk*. Vale dizer que todos estes artistas, bem como Atomic Rooster, Caravan, Curved Air, Barclay James Harvest, Eloy, Wishbone Ash, UFO, Sweet, Greenslade, REO Speedwagon, Styx, Kansas, Boston, Foreigner, Journey, Europe, Mötley Crue e Def Leppard (só para ficar entre os mais citados) já tinham seus respectivos verbetes prontos, que só não foram incluídos por questão de espaço nesta primeira edição do guia. Mas certamente o serão na próxima.

As leitoras ***Elisabeth Mariya e Aline Tako (São Paulo/SP)*** sentiram, com razão, a falta do Bon Jovi, da mesma maneira que ***Affonso Carrasco (Belém/PA)*** notou a ausência do A-Ha e do Roxette. Foram verbetes que constavam de nossa relação inicial, mas que infelizmente teve de ser reduzida. Dentre as preferências pessoais, também foram recebidas sugestões de ***Edir Nascimento (Contagem/MG)*** (Barrabas, Motels, Pat Benatar), ***Viviane Castro (Porto Alegre/RS)*** (Australian Crawl, Spy Vs. Spy, *surf music*), ***Alexandre Caldas*** e ***Oscar Leyfer (São Paulo/SP)*** (sugerindo respectivamente Exciter/Saxon e Frank Sinatra/Johnny Mathis, etc.).

Como dá para se perceber, é difícil agradar a gregos e troianos numa publicação que almeja ter a amplitude do guia *Clássicos Do Rock Em CD*. Mas, contando com a colaboração de vocês, maior estrutura e mais fontes informativas, podemos garantir um segundo volume bem melhor.

PS: Obrigado ao incentivo, às sugestões e às correções em geral, enviadas pelos leitores ***Manoel Pinto, Marcelo Luiz, Mauricio Uhieda, Peter Corbett, Renato Louzada, Ricardo Fernandes, Vicente Natale (São Paulo/SP)***, ***David Correia Jr. (Guarulhos/SP)***, ***Cristiano Bandeira (Belo Horizonte/MG)***, ***José Bottini (Camboriú/SC)***, ***Gilberto Albuquerque (Aracaju/SE)*** e ***Gilberto Magroski (João Pessoa/PB)***.

CELSO PUCCI

DESCUBRA OS CAMINHOS DA TERRA

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

NEIL YOUNG (WITH CRAZY HORSE)
EVERYBODY KNOWS THIS IS NOWHERE (1969)

Por estranho que pareça, um dos pilares do rock americano é o canadense Neil Young. Dono da conjunção voz/guitarra mais descarnada do rock'n'roll, ele sempre se manteve como um *outsider*, ao mesmo tempo fiel às raízes e franco-atirador nas mais diversas tendências.

A revolta inerente ao trabalho de Young deveu-se em boa parte à sua origem. De compleição frágil e saúde precária (além de epilético e diabético, teve poliomielite aos seis anos), ele compensava o temperamento introvertido com a dedicação à música. Tocou em clubes folk de Toronto e com grupos como The Squires e The Mynah Birds (cujo cantor era Rick James!), do qual saiu – com o baixista Bruce Palmer – para ir a Califórnia, no início de 66.

Consta que a dupla estava presa num engarrafamento em Los Angeles, quando topou com o carro onde estavam os guitarristas Stephen Stills e Richie Furay. Young já conhecera Stills há alguns anos no Canadá e deste reencontro nasceu o Buffalo Springfield.

Em dois anos de existência, o grupo formou – ao lado dos Byrds – uma das correntes mais influentes do rock sessentista, que eletrificou o country e o inseriu no contexto psicodélico da época. Apesar de ter grande repercussão, o BS foi logo esfacelado devido às mudanças de membros e às rusgas constantes entre Young e Stills pela voz de comando.

Com o fim do grupo, Stills foi se agregar a David Crosby e ao inglês Graham Nash (egressos dos Byrds e dos Hollies, respectivamente) e – com a futura inclusão de Neil – formariam o super-grupo Crosby, Stills, Nash And Young, na virada dos anos 60/70.

Porém, entre essas duas experiências de sucesso fulminante, Young iniciara carreira solo, gravando um álbum com seu nome e a ajuda de amigos como os produtores David Briggs, Jack Nitzsche e o guitarrista Ry Cooder. Mas um encontro com um grupo chamado The Rockets – cujo núcleo era composto pelo guitarrista Danny Whitten, o baixista Billy Talbot e o baterista Ralph Molina – definiu seu passo seguinte.

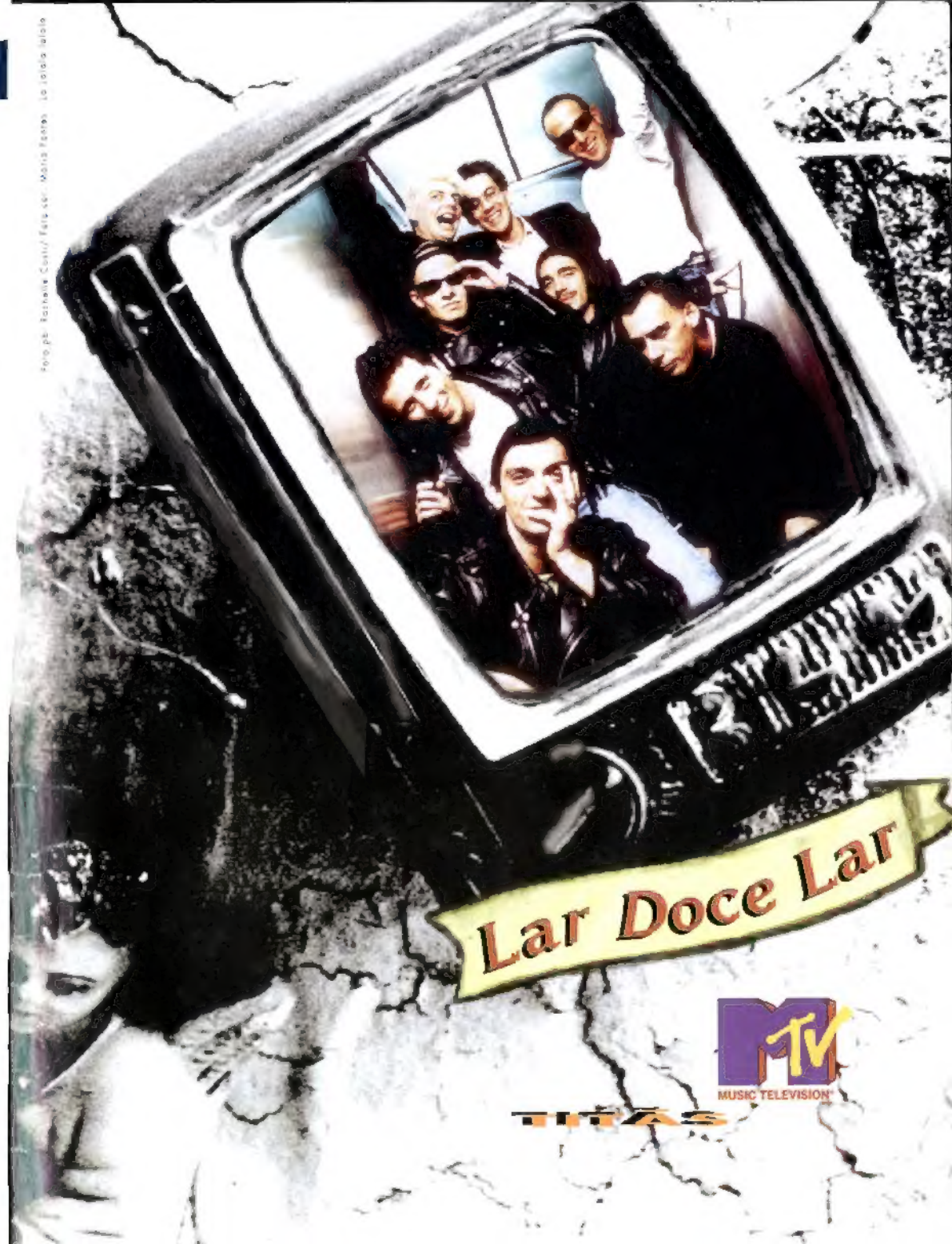
Young tomara contato com a banda há alguns anos (através da namorada, a cantora folk Robin Lane), mas os compromissos com o Buffalo Springfield impediram-no de tocar com eles. Ao rever o grupo, Neil rebatizou-o como Crazy Horse e passaram a ensaiar juntos. Logo, a trupe estava afiada para gravar (em apenas duas semanas) o álbum *Everybody Knows This Is Nowhere*, feito praticamente ao vivo em estúdio.

Desde a faixa de abertura (o hit "Cinnamon Girl"), o disco mostrava uma união absolutamente instintiva entre o country rock sem firulas do grupo e Neil se alternando entre os vocais e os delírios guitarrísticos. O ápice disso surgia em "Down By The River" e "Cowgirl In The Sand" (ambas com mais de nove minutos), em que os longos solos eram a extensão musical dos versos apaixonados de Young. "Round And Round (It Won't Be Long)" e "Running Dry (Requiem For The Rockets)" também não deixavam por menos: a primeira era um lírico tema acústico gravado apenas por Young, Whitten e Robin Lane, enquanto a outra contrapunha os vocais angustiados de Neil ao violino do ex-The Rockets, Bobby Notkoff. A sonoridade crua da faixa-título e de "The Losing End (When You're On)" completavam este registro antológico, acrescentando-lhe a pitada necessária de despojamento.

Young continuaria a forjar outras obras-primas pelas décadas seguintes, na maioria escoradas pelo Crazy Horse. Poderia se listar o aterrador *Tonight's The Night* (75) – dedicado a Danny Whitten e Bruce Berry (*roadie* do CSN&Y), mortos por overdose em 72 e 73, respectivamente – ou o hard country rock de *Zuma* (também de 75, já com Frank Sampedro na segunda guitarra). Ou mesmo a dobradinha *Rust Never Sleeps/Live Rust* (ambos de 79), com canções como "My, My, Hey, Hey (Out Of The Blue)" e "Powderfinger", primeiro nas versões de estúdio e depois ao vivo. Uma interação que voltou a surpreender nas trovoadas retumbantes de *Freedom* (89), de *Ragged Glory* (90) e do ao vivo *Weld* (91, agregado ou não ao EP *Arc*, apenas com ruídos de *feedback*).

Depois das tormentas, Young retomou outra antiga colaboração com os Stray Gators em *Harvest Moon* (92), um álbum límpido e eminentemente acústico inspirado em *Harvest* (72), seu disco de maior sucesso. Mas no caso de Neil, seria impossível uma previsão quanto a um futuro musical. Afinal, enquanto a maioria de seus colegas de geração resignaram-se em viver de louros passados ou se acomodaram na auto-indulgência, a chama do rock'n'roll permanece viva em Young. Do alto de seus 47 anos, vividos sem enferrujar. *CELSO PUCCI*

Produção: David Briggs/Neil Young **Faixas:** "Cinnamon Girl"/"Everybody Knows This Is Nowhere"/"Round And Round (It Won't Be Long)"/"Down By The River"/"The Losing End (When You're On)"/"Running Dry (Requiem For The Rockets)"/"Cowgirl In The Sand" **Notas:** O álbum alcançou o 34º posto da parada americana, na qual figurou durante 98 semanas, conquistando um disco de ouro e posteriormente um de platina • O single "Cinnamon Girl" (que saiu em duas versões, com mixagens diferentes dos vocais) chegou ao 55º posto e permaneceu na parada durante nove semanas • Disponível em CD nos EUA, na maior parte da Europa e no Japão. No Brasil, nunca foi editado em nenhum formato.



CADERNOS TILIBRA 93. MATRICULE-SE JÁ.

A Coleção de Cadernos Tilibra 93 já está à venda nas boas papelarias.

tilibra